



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
ARQUITETURA E URBANISMO

SÉFORA EMILIANO FERTON

RITO DE CURÁ
Fabulando futuros ancestrais para o Bom Parto, em Maceió/ AL

MACEIÓ
2025

SÉFORA EMILIANO FERTON

RITO DE CURÁ

Fabulando futuros ancestrais para o Bom Parto, em Maceió/ AL

Trabalho Final de Graduação apresentado
ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Alagoas, como
requisito para obtenção do título de
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientação: Profa. Dra. Flavia de Sousa
Araújo

Maceió

2025

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Girlaine da Silva Santos – CRB-4 – 1127

F411r Ferton, Séfora Emiliano.

Rito de curá : fabulando futuros ancestrais para o Bom Parto, em Maceió /
Séfora Emiliano Ferton. – 2025.
140 f.: il.

Orientadora: Flavia de Sousa Araújo.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) –
Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
Maceió, 2025.

Bibliografia: f. 123 – 134.

Apêndices: f. 135-140.

1. Subsistência do solo. 2. População negra- Bom Parto - Maceió(AL). 3.
Vida urbana. 4. Contracolonialidade. 5. Ativismo. I. Título.

CDU: 711.4 (813.5)

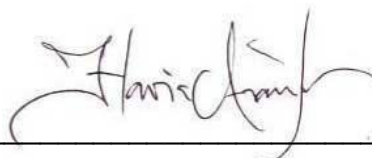
FOLHA DE APROVAÇÃO

SÉFORA EMILIANO FERTON

RITO DE CURÁ

Fabulando futuros ancestrais para o Bom Parto, em Maceió/ AL

Trabalho Final de Graduação em
Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Federal de Alagoas, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.



(Orientação: Profa. Dra. Flavia de Sousa Araújo, Universidade Federal de
Alagoas)

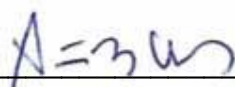
BANCA EXAMINADORA:



(Examinador externo: Ma. Mayara Almeida de Paula)



(Examinador interno: Profa. Dra. Caroline Gonçalves dos Santos)



(Examinador interno: Profa. Dra. Diana Helene Ramos)

Dedico este trabalho à comunidade do Bom Parto, que, diante do impacto devastador da subsidência do solo ocasionado pela mineradora Braskem, resiste com coragem e esperança às perversidades do capitalismo.

O Rito de Curá nasce como um chamado à cura física, social e emocional das vidas e lares destruídos. É uma reafirmação da luta diária de cada morador e uma busca coletiva por justiça, pelo direito à cidade e à vida urbana.

Que este Rito represente a reconstrução dos laços comunitários e o desejo de um futuro onde o Bom Parto possa renascer forte e vibrante, abraçando um novo amanhecer.



Colagem 1

Abram os Caminhos

Fonte: elaboração autoral (2024).

RESUMO

O colonialismo, o racismo e o patriarcado são forças estruturais que moldam a sociedade capitalista contemporânea. Esses sistemas de opressão impactam diretamente a população negra, restringindo seu acesso ao direito à cidade e à vida, além de aprofundar desigualdades socioterritoriais que atingem, sobretudo, as mulheres negras e periféricas. Adotando uma abordagem interseccional, o estudo toma como referência o município de Maceió/AL, atualmente palco de uma catástrofe urbana considerada o maior crime socioambiental em curso no mundo. Esse desastre, consequência da mineração predatória de sal-gema conduzida pela empresa petroquímica global Braskem, resultou na subsidência do solo em cinco bairros da capital — Bebedouro, Bom Parto, Farol, Mutange e Pinheiro — e na remoção forçada de cerca de 60 mil pessoas. Diante desse cenário, a pesquisa se baseia na contracolonialidade para analisar as estratégias de resistência e existência da população de Bom Parto, um dos territórios negros afetados pelo desastre urbano. Frente às opressões do Estado e à violência institucional, busca-se imaginar um futuro pós-crime socioambiental para o bairro, promovendo reparações que restituam aos moradores atingidas e que ainda residem no local o direito à cidade e a possibilidade de recriação de seus territórios fora da lógica capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: Contracolonialidade; ativismo; direito à cidade; Bom Parto; subsidência de solo.

ABSTRACT

Colonialism, racism, and patriarchy are structural forces that shape contemporary capitalist society. These systems of oppression directly impact the black population, restricting their access to the right to the city and to life, in addition to deepening socio-territorial inequalities that affect, above all, black women and women from peripheral areas. Adopting an intersectional approach, the study takes as a reference the city of Maceió/AL, currently the scene of an urban catastrophe considered the largest ongoing socio-environmental crime in the world. This disaster, a consequence of the predatory rock salt mining carried out by the global petrochemical company Braskem, resulted in soil subsidence in five neighborhoods of the capital — Bebedouro, Bom Parto, Farol, Mutange, and Pinheiro — and the forced displacement of approximately 60,000 people. In this context, the research is based on counter-colonial perspective to analyze the resistance and survival strategies of the Bom Parto community, one of the black territories affected by the urban disaster. In response to state oppression and institutional violence, the study seeks to reimagine a future for the neighborhood, post-socio-environmental crime, promoting reparations that restore the right to the city to those displaced and those who remain, as well as the possibility of recreating their territories beyond the capitalist logic.

PALAVRAS-CHAVE: Counter-coloniality; activism; right to the city; Bom Parto; soil subsidence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diagrama da localização de Maceió	21
Figura 2 - Manifestações do ano de 1986 contra a expansão da Braskem, nomeada antes de Salgema, em Maceió	24
Figura 3 - Numeração das Minas de extração de sal-gema ao redor da cavidade ..	25
Figura 4 - Compilado de temas e principais autores utilizados como base teórica ..	33
Figura 5 - Rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Samarco.....	39
Figura 6 - Vista aérea da destruição causada pelo rompimento da barragem da Vale, em Brumadinho.....	39
Figura 7 - Habitação de negros	45
Figura 8 - Radiola de Promessa, da série artística Atos de revolta: imaginando outra história, de Gê Viana.....	46
Figura 9 - Antes e depois do rompimento da Mina 18, da Braskem.....	54
Figura 10 - Conjunto de mapas das estações da CBTU na região metropolitana de Maceió e do itinerário do ônibus da linha “Transbordo VLT”, referente às linhas Bebedouro/Bom Parto.....	76
Figura 11 - Base de Acolhimento e Proteção (Bape) do Bom Parto	79
Figura 12 - Bloco do Bobo em Bom Parto	80
Figura 13 - Compilado de fotografias das artistas do sul global	84
Figura 14 - Obra ABANDJI, de Hariel Revignet	85
Figura 15 - Intervenção com a imagem de Dona Eliliett, para o Projeto A Gente Foi Feliz Aqui, de Paulo Accioly, realizado no bairro do Pinheiro	86
Figura 16 - Maceió Afunda em Lágrimas, realizado na Alameda Dr. Moacyr Tavares Lopes, no Pinheiro	87
Figura 17 - Maceió Afunda em Lágrimas, realizado na ladeira do Calmon, em Bebedouro	87
Figura 18 - Compilado de fotografias de Carlos Eduardo para o projeto Cotidiano Fotográfico	88
Figura 19 - Painel artístico do coletivo Contra.Quebranto, no bairro de Bebedouro	89
Figura 20 - Diagrama de análise da imagem	92
Figura 21 - Compilado de artes que utilizam pigmentos naturais, de Jhon Bermond	93

Figura 22 - Produção artística de Mikaelly Raielly, com a técnica de colagem têxtil	93
Figura 23 - Pintura Pameri Yukes de Daiara Tukano, com a técnica de acrílica sobre tela, 168 x 814 cm.....	94
Figura 24 - Mural Selva Mãe do Menino Rio, de Daiara Tukano, promovido pelo CURA, em 2020.....	95
Figura 25 - Mural Híbrida Astral - Guardiã Brasileira, de Criola, promovido pelo CURA, em 2018.....	95
Figura 26 - Compilado de artes digitais de Aline Bispo.....	96
Figura 27 - Diagrama Semear Palavras	99
Figura 28 - Diagrama Imageando a Vida na Terra	100
Figura 29 - Diagrama dos requisitos e parâmetros	101
Figura 30 - Fotografia do Bom Parto, com vista pra Laguna Mundaú	107
Figura 31 - Diagrama da composição do cenário Cultuar	108
Figura 32 - Laguna Mundaú	111
Figura 33 - Diagrama da composição do cenário Laguna Avó	112
Figura 34 - Fotografia Bom Parto	115
Figura 35 - Diagrama da composição do cenário Ser Terra Preta.....	116
Figura 36 - Av. Francisco de Menezes, Bom Parto	119
Figura 37 - Diagrama da composição do cenário Coração no ritmo do pé	120

LISTA DE COLAGENS

Colagem 1 - Abram os Caminhos.....	5
Colagem 2 - Registros fotográficos do Bom Parto no final do séc. XIX e início do séc. XX.....	65
Colagem 3 - Registros fotográficos do Bom Parto em processo de subsidência 1 ..	73
Colagem 4 - Registros fotográficos do Bom Parto em processo de subsidência 2 ..	75
Colagem 5 - Cultuar	106
Colagem 6 - Laguna Avó.....	110
Colagem 7 - Ser Terra Preta	114
Colagem 8 - Coração no Ritmo do Pé	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Levantamento dos ativismos nacionais de cura urbana	136
Quadro 02 - Levantamento dos ativismos em Maceió de cura urbana	138

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Bairros afetados pela subsidência de solo	22
Mapa 2 - Distribuição Racial de Maceió conforme o censo de 2010	27
Mapa 3 - Abairramento da Área Urbana de Maceió	48
Mapa 4 - Análise Urbana de Maceió em relação à raça e classe	51
Mapa 5 - Análise Urbana de Maceió em relação ao gênero	52
Mapa 6 - Caracterização territorial do Bom Parto	57
Mapa 7 - Visita técnica.....	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dashboard com os principais dados do Atlas da Violência 2023	43
Gráfico 2 - População total de Maceió por gênero/cor ou raça.....	50
Gráfico 3 - População total de Bom Parto por gênero/cor ou raça.....	59
Gráfico 4 - Distribuição percentual de chefes de famílias por gênero/cor ou raça do Bom Parto	60
Gráfico 5 - Classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita das famílias chefiadas por mulheres do Bom Parto	60
Gráfico 6 - Situação ocupacional por gênero no Bom Parto	77

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APA	Área de Proteção Ambiental
APP	Área de Preservação Permanente
ASCOM	Assessoria de Comunicação
BAPE	Base de Acolhimento e Proteção
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CADÚNICO	Cadastro Único
CAU	Conselho de Arquitetura e Urbanismo
CELMM	Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba
CEPA	Centro Educacional de Pesquisa Aplicada
CPRM	Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CURA	Circuito de Arte Urbana
CVLI	Crimes Violentos Letais Intencionais
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
FAU	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
FUNDEPES	Fundação Universitária de Desenvolvimento de Extensão e Pesquisa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MEP	Morfologia dos Espaços Públicos
MUVB	Movimento Unificado das Vítimas da Braskem
ONU	Organização das Nações Unidas
PAS	Plano de Ações Sociourbanísticas
PBF	Programa Bolsa Família
PIBIC	Pesquisa de Iniciação Científica
PNAD Contínua	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PPC	Projeto Pedagógico do Curso

S.A.	Sociedade Anônima
SEDUC	Secretaria de Estado da Educação
SEMED	Secretaria Municipal de Educação de Maceió
SGB	Serviço Geológico do Brasil
SIMM	Sistema Integrado de Mobilidade de Maceió
SUS	Sistema Único de Saúde
TFG	Trabalho Final de Graduação
UEP	Unidade Especial de Preservação
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFG	Universidade Federal de Goiás
VLT	Veículo Leve sobre Trilhos
ZEIS	Zonas Especiais de Interesse Social
ZIAP	Zona de Interesse Ambiental e Paisagístico

ENCANTÁRIO

Abebê	Leque em forma circular, às vezes com um espelho no centro, símbolo sagrado na religião afro-brasileira.
Afrofuturismo	Movimento artístico-social que valoriza a cultura e história negra.
Afrocentrismo	Forma de pensar e agir que valoriza a cultura, a história, a política, a economia, a epistemologia e a identidade africanas.
Afroconfluencia	Refere-se à intersecção de culturas e tradições africanas e indígenas no Brasil.
Afrodiáspora	Dispersão forçada de africanos e seus descendentes, principalmente devido ao tráfico transatlântico de escravizados.
Agrofloresta	Sistema de uso da terra que integra árvores, culturas agrícolas e/ou criação de animais de forma harmoniosa e sustentável, imitando a dinâmica dos ecossistemas naturais ao mesmo tempo em que promove a recuperação vegetal e do solo.
Ameríndia	Refere-se aos povos indígenas da América, ou às línguas que falam.
Ancestralidade	Ligação com as gerações antepassadas.
Adinkra	Ideogramas que funcionam com uma tecnologia ancestral africana no campo da linguagem que transmite valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais.
Antropoceno	Refere-se para designar a era geológica atual, em que a humanidade tem um impacto global no planeta.
Armas contracoloniais	Ferramentas metodológicas.
Artivismo urbanos	Manifestações artísticas com teor político.
Artistas-curandeiros	Artistas que pautam temáticas de cura à terra em suas obras.
Bairros Negros	Áreas urbanas caracterizadas com uma população predominantemente negra.
Bioconstrução	Técnica de construção sustentável que usa materiais naturais e que respeitam o meio ambiente.
Brancocentrismo	Visão de mundo que valoriza a cultura, a história e a sociedade branca como ideais a serem seguidos.

Cartografia	Ferramenta metodológica de leitura territorial para expressar vivências e reivindicações de minorias sociais, desafiando a visão hegemônica da cidade.
Cidade-florestania	Ideia que propõe uma reconfiguração da cidade, por meio de tecnologias ancestrais que integra o meio urbano com a natureza e os saberes dos povos originários.
Coexistência	Refere-se em como diversos mundos podem viver juntos, em harmonia.
Confluência	Relação entre elementos da natureza e a coexistência entre povos.
Contra-Hegemônico	Prática de resistência aos discursos de gestão dominantes que buscam contestar e escapar à disciplina da ordem do sistema capitalista.
Contracolonial	Forma dos povos quilombolas de se opor à colonização e de defender os territórios e modos de vida tradicionais.
Contrafeitiços urbanos	Criações artísticas de concepções dos espaços urbanos que afirmam e valorizam identidades negras e seus modos de viver.
Cosmopercepções	Modo de falar sobre diferentes idealizações de mundo.
Cosmofobia	Medo e a rejeição das cosmologias e saberes não ocidentais, especialmente os de povos tradicionais.
Crime Socioambiental	Afundamento da superfície do solo, em cinco bairros de Maceió decorrente da exploração predatória da sal-gema pela Braskem que rompe com estruturas ou sistemas sociais.
Cultuar	Junção dos termos “culto” e “ar”, para referenciar a concepções do espaço urbano do Bom Parto relacionado ao elemento do ar.
Curandoria	Junção dos termos “curandeira” e “curadoria” referente ao levantamento e análise de ativismos urbanos de cura.
Curandeira	Aquela que, por meio de benzeduras e saberes tradicionais, promove a cura de doenças.
Curadoria	Prática de selecionar, organizar e apresentar obras de arte de forma a construir narrativas que ofereçam novas perspectivas e interpretações.
Decolonial	Forma dos povos que foram colonizados, de se opor à colonização e de defender os territórios e modos de vida tradicionais.
Devir Floresta	Ideia de que os seres humanos devem se reconectar com a natureza, aprendendo com a floresta e adotando modos de existência mais coletivos e sustentáveis.

Diáspora	Dispersão de um povo em consequência de preconceito ou perseguição política, religiosa ou étnica.
Dissidente	Que ou o que sai de um determinado grupo ou organização, por divergir de seus princípios, ideias, doutrinas, métodos.
Distopias Urbanas	Ideia ou descrição de um território, de uma sociedade ou de uma realidade imaginários em que tudo está organizado de uma forma opressiva, assustadora ou totalitária, por oposição à utopia.
<i>Dwenini mmen</i>	Adinkra que representa a essência da humildade e da força do corpo e espírito.
Encantário	Compilado de termos utilizados e/ ou criados nesse trabalho para evocar palavras como feitiços para a reconstrução do território.
Entidades	Seres que existem de forma imaterial, podendo ser espíritos, divindades ou forças da natureza.
Epistemologia	Estudo do conhecimento e suas formas.
Eurocentrismo	Visão de mundo que valoriza a Europa e as suas culturas, considerando-as superiores às demais.
Fabulação	Narrativa ficcional, imaginária.
Feitiço/Feitiçaria	Mal de ordem espiritual, que pode afetar a saúde e o bem-estar de uma pessoa.
Ficção Especulativa	Gênero literário que imagina mundos diferentes do real, explorando o que pode ou não ser possível no futuro.
Geotinta	Pigmentos naturais extraídos da natureza.
Gérmenes	Microorganismos que são invisíveis a olho nu e podem se espalhar facilmente.
Hegemônico	Algo é superior ou exerce domínio.
Hori	Símbolos sagrados que fazem parte da cultura do povo Tukano.
Ibiri	Objeto de culto e símbolo sagrado na religião afro-brasileira, especialmente ligado ao Orixá Nanã, feito com materiais naturais como nervuras de folhas, búzios, palha da costa e outros itens.
Imagear	Significa construir, representar ou imaginar caminhos reflexivos por meio da arquitetura e sua gramática própria.
Interseccionalidade	Conceito que visa explicar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado.

Males	Conjunto de malefícios ou de coisas que provocam consequências negativas.
Narrativa Visual	Ferramenta de contar histórias através de imagens como forma de resistência, memória e transmissão de conhecimento, que desafiam a epistemologia colonial.
Necropolítica	Capacidade do poder estatal de decidir quem vive e quem morre, expondo minorias sociais à violência sistemática e institucionalizada, como guerras, genocídios e segregações.
Orixás	Divindades da religião yorubá que representam as forças da natureza.
Pajelança	Série de rituais que o pajé indígena realiza em ocasiões com um objetivo específico de cura ou magia.
Povos da floresta	Grupos sociais que precisam da mata e dos rios para sobreviver, e sabem como utilizar os recursos naturais sem destruí-los.
Quilombo	Comunidades rurais formadas por descendentes de pessoas negras escravizadas.
Reflorestamento	Técnica de plantar árvores em áreas desmatadas, com o objetivo de recuperar a vegetação nativa e restaurar ecossistemas.
Rito de Passar	Cerimônias que marcam momentos importantes na vida de uma pessoa, como o nascimento, o casamento, a formatura ou a morte. Eles podem ser festivos, religiosos ou militares.
<i>Sankofa</i>	Adinkra de pássaro olhando pra trás ou a forma que se assemelha a um coração, simboliza o valor de aprender com o passado para construir o futuro.
Semear palavras	Prática que busca conduzir a construção de mensagens de forma contracolonial.
Seres compartilhantes	Aqueles que reconhecem a interdependência entre todos os seres vivos e o ambiente, vivendo em relação de troca, cuidado e coexistência.
Subsidência	Afundamento abrupto ou gradativo da superfície da terra.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	21
1.1 Objetivos	28
1.2 Caminhos trilhados	29
1.3 Armas contracoloniais.....	31
2 CAPITALISMO, CIDADES E OUTROS FEITIÇOS.....	36
2.1 O Antropoceno nosso de cada dia	37
2.2 Cidadania mutilada.....	41
2.3 Maceió afunda em lágrimas	47
3 BOM PARTO: O Bairro Negro.....	56
3.1 Caracterização Socioespacial.....	57
3.2 O bairro (re)existente.....	62
3.2.1 Memórias que atravessam o tempo	63
3.3 O Bairro Pós-crime socioambiental	69
3.3.1 Há uma rachadura que não cessa!	71
4 CURANDORIA: artes para imagear outros futuros.....	81
4.1 Cartografando Resistências	83
4.2 Cultivando narrativas	97
5 CONTRAFEITIÇOS URBANOS	102
5.1 Cultuar	105
5.2 Laguna Avó	109
5.3 Ser Terra Preta	113
5.4 Coração no Ritmo do Pé	117
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS	123
APÊNDICES	135
APÊNDICE A - levantamento dos ativismos nacionais de cura urbana	136
APÊNDICE B - levantamento dos ativismos em maceió de cura urbana	138

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho busca contribuir para os estudos sobre o direito à cidade e à vida urbana sob a perspectiva da contracolonialidade, conforme discute Antônio Bispo dos Santos (2023a)¹, ao propor uma ruptura epistemológica com as narrativas dominantes, valorizando os saberes, práticas e modos ancestrais de viver que seguem resistindo ao modelo colonial das cidades.

Ao transcender a lógica colonial, reimaginando futuros em que a ancestralidade e os saberes locais fundamentam outros modos de viver, transforma a cidade em um espaço de resistência, alinhado às necessidades das populações historicamente marginalizadas. Dentro dessa abordagem, o estudo foca no bairro Bom Parto, localizado em Maceió, Alagoas (Figura 1), um dos cinco bairros atingidos pelo crime da subsidência do solo (tema que será explanado no parágrafo seguinte).

Figura 1 - Diagrama da localização de Maceió

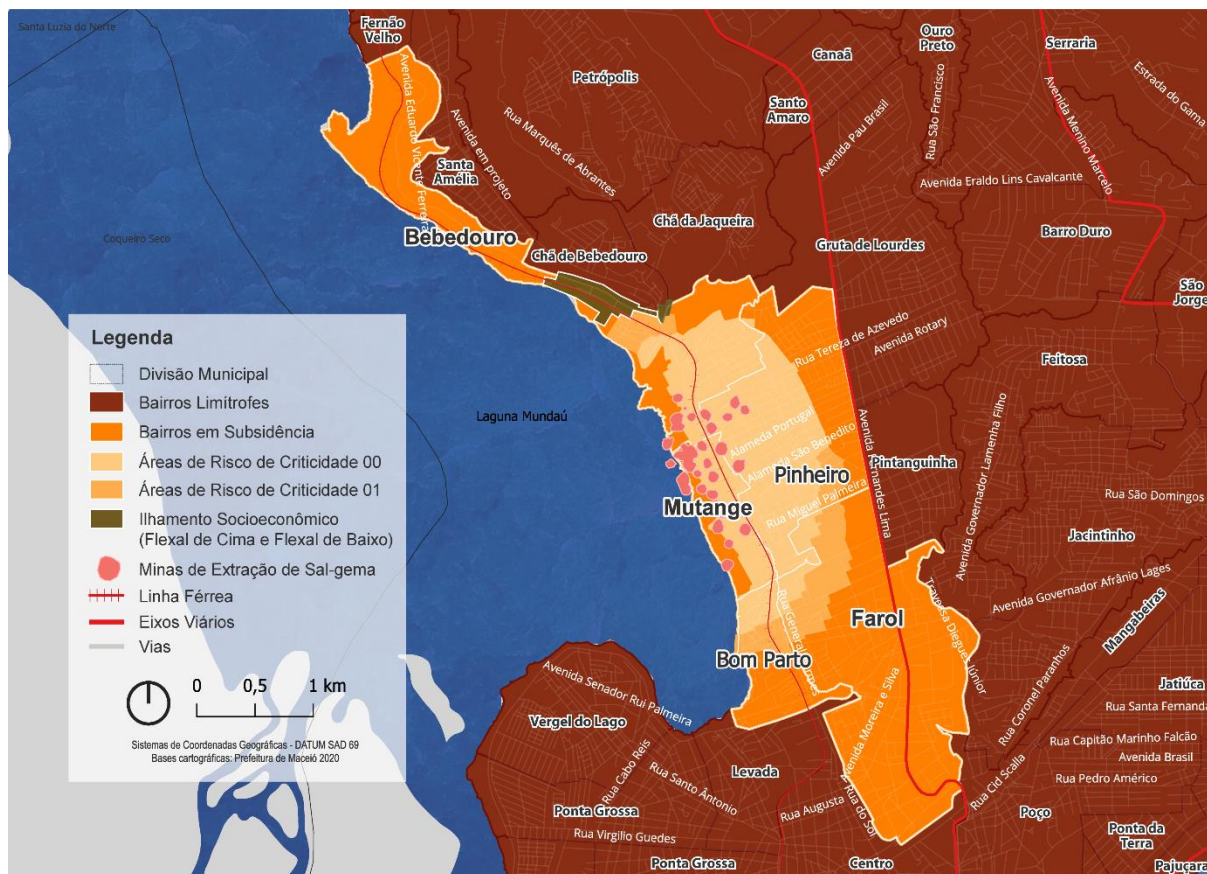


Fonte: elaboração autoral (2025).

¹ Segundo Antônio Bispo dos Santos (2023b), conhecido como Nêgo Bispo, o conceito de contracolonialidade é inerente aos povos quilombolas e das florestas, que nasceram e vivem fora da lógica capitalista, afirmando: “Eu sou quilombola, eu não fui colonizado. Porque, se eu tivesse sido colonizado, eu seria um negro incluído na sociedade brasileira. Então, no meu caso, eu tenho que contracolônizar — contrariar o colonialismo” (2023b, *online*). Nesse sentido, a contracolonialidade é um processo de resistência e luta de vidas e saberes que não pertencem às estruturas hegemônicas. Já a decolonialidade, para o autor, é uma luta necessária àqueles que vivem nas cidades, ou seja, aos “seres colonizados”. Esse processo implica em um esforço para reconhecer e quebrar práticas coloniais internalizadas, promovendo uma crítica e um reposicionamento dentro do sistema vigente. Partindo desses conceitos, o presente trabalho, assim como na Pesquisa de Iniciação Científica (Pibic), adota uma abordagem onde a decolonialidade é entendida como uma crítica à colonização, servindo como base para identificar e desconstruir os elementos coloniais que estruturam as cidades contemporâneas. Contudo, é através do contracolonialismo que se busca ir além: um convite à fabulação de futuros desvinculados da lógica colonizadora, propondo outras formas de viver que estejam enraizadas na ancestralidade e nos saberes tradicionais.

Atualmente, o Bom Parto enfrenta os impactos profundos do crime socioambiental decorrente da exploração predatória da sal-gema por parte da mineradora Braskem, que ocasionou o afundamento do solo em cinco bairros da cidade: Bebedouro, Bom Parto, Farol, Mutange e Pinheiro (Mapa 1) e se configura como o maior crime socioambiental, em curso, por mineração em área urbana.

Mapa 1 - Bairros afetados pela subsidência de solo



Fonte: elaboração autoral (2025).

Os bairros que atualmente mais sofrem diretamente com o agravamento do processo de subsidência — Pinheiro, Mutange, Bebedouro e Bom Parto — ocupam, do ponto de vista geomorfológico [...], a superfície aplainada do topo do tabuleiro, superfícies de alta declividade da falésia que se estende paralelamente à borda da Laguna e em parte da planície fluviolagunar (Mutange e Bom Parto) e na planície lagunar com parte de sua margem revestida por manguezais (Bebedouro) (Brasil, 2019a, p. 11; Vieira, 2022, p. 24).

O entendimento sobre o processo de subsidência do solo começou a se desenvolver em 2018, quando o problema ganhou destaque devido às intensas

chuvas ocorridas no primeiro trimestre daquele ano. Durante esse período, moradores do bairro do Pinheiro acionaram a Defesa Civil Municipal relatando o surgimento de rachaduras e fissuras em edificações, além da abertura de crateras nas vias locais. Posteriormente, em 3 de março de 2018, um evento sísmico de magnitude 2,4mR agravou as rachaduras, evidenciando a gravidade da situação. Como consequência, os danos afetaram uma área expressiva do bairro, levando à interdição de diversas moradias, conforme detalhado no relatório do Serviço Geológico do Brasil (SGB/CPRM), de 2019.

Somente com a divulgação do relatório foi confirmada que a principal causa dos danos estruturais em vias públicas e imóveis foi a atividade extrativa de sal-gema (halita), conduzida pela Braskem. Essa multinacional do setor químico e petroquímico atua em Alagoas desde 1976. Inicialmente chamada de Salgema S.A., passou a ser denominada Trikem S.A. em 1996, após alterações na administração. Em 2002, com a integração da Organização Odebrecht e do Grupo Mariani, foi criada a Braskem, que se consolidou como uma petroquímica global e a maior produtora de resinas termoplásticas da América (Mendonça, 2023).

Em Maceió, conforme Cavalcante (2020), o primeiro direito humano violado na instalação da Salgema Indústrias Químicas S. A., na década de 1970, foi o da descaracterização territorial e cultural dos pescadores, de marisqueiras e de artesãos nos bairros do Pontal da Barra, Trapiche da Barra e Bom Parto, localizados ao sul de Maceió; uma população de origem indígena, que vivia entre a lagoa e o mar, e que passou por um processo de remoção forçada, ora por ausência de espaço para permanecer em seus lares já existentes ora pelo receio de morar perto de uma empresa de atividade econômica perigosa (Teles, 2023, p. 159).

Desde a década de 1980, alertas relacionados ao risco dessa atividade vinham sendo feitos. Segundo levantamentos realizados por Almeida (2024), é evidente que diversas manifestações aconteceram ao longo dos anos por preocupação com as afetações que essa atividade mineradora poderia causar no território de Maceió (Figura 2).

Figura 2 - Manifestações do ano de 1986 contra a expansão da Braskem, nomeada antes de Salgema, em Maceió

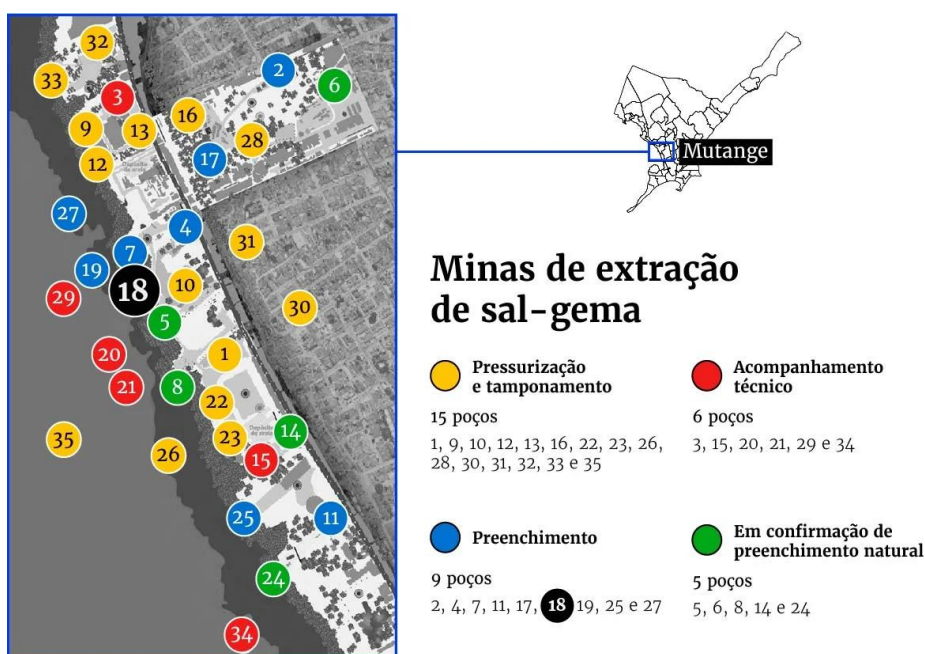


Fonte: acervo da Tribuna de Alagoas (1986).

Nesse período, o professor Abel Galindo, do curso de Engenharia Civil da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), e o biólogo José Geraldo Marques², também docente da UFAL, já apontavam possíveis consequências ambientais e estruturais decorrentes dessa prática. Conforme entrevista concedida à Agência Senado (2024, *online*), o professor Abel Galindo afirmou que os primeiros sinais de problemas começaram a ser percebidos em 2008, quando rachaduras surgiram em residências na região.

Estudos da UFAL em 2010 reforçaram essas preocupações, indicando que a extração mineral contribuía para a elevação do lençol freático, intensificando significativamente os riscos de subsidência em bairros de Maceió, e até 2020, a principal área de mineração já havia afundado cerca de dois metros (Ascom UFAL, 2023; Agência Senado, 2024). Os relatórios divulgados sobre as atividades da mineração revelaram 35 minas perfuradas nas camadas de sal-gema do subsolo, concentradas na região da Laguna Mundaú e no bairro do Mutange (Figura 3).

Figura 3 - Numeração das Minas de extração de sal-gema ao redor da cavidade³



Fonte: Metrôpoles (2023).

² Abel Galindo e José Geraldo Marques foram coautores do livro *Rasgando a Cortina de Silêncios: O lado B da exploração do sal-gema de Maceió*, de 2022 (Tribuna Hoje, 2024, *online*).

³ Na figura, a Mina 18 está em destaque devido ao possível risco de colapso que foi identificado por meio de movimentos sísmicos e rachaduras que surgiram na superfície do solo. O local estava sob alerta de risco desde 29 de novembro de 2023. No dia 10 de dezembro de 2023, a Prefeitura de Maceió anunciou seu rompimento (O Globo, 2023).

As atividades de mineração acabaram causando profundas cicatrizes na malha urbana e na dinâmica social de Maceió, com a desocupação de mais de 15 mil imóveis e a migração forçada de cerca de 60 mil pessoas (MUVB, 2024). Entre os desdobramentos desse cenário, destaca-se a privatização de espaços públicos sem consulta popular, a ausência de indenizações justas para os afetados — especialmente nos bairros de maioria negra —, a desvalorização do patrimônio local e a baixa cobertura midiática do ocorrido, que silencia as lutas das minorias no meio urbano (Santos, C. G.; *et al.*, 2020). Segundo Bulhões (2022, p. 18):

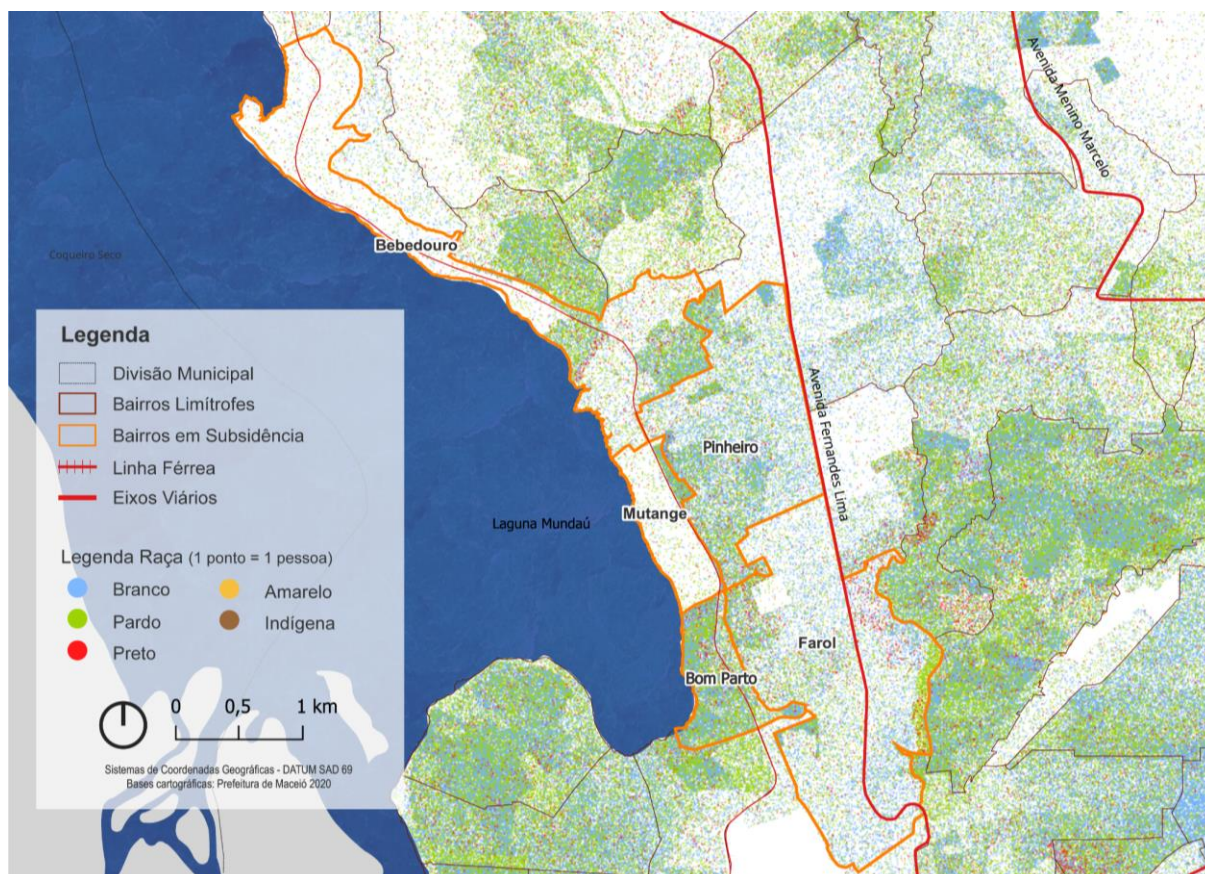
Os impactos sociais e urbanísticos da tragédia são exponenciais e trazem consequências para toda a cidade, envolvem por exemplo as perdas dos espaços de vida pública, dos patrimônios materiais e imateriais, dos equipamentos urbanos (escolas, hospitais, unidades básicas de saúde, templos religiosos), de inúmeras vias e parte do transporte público, etc. O mercado imobiliário também foi diretamente afetado pela situação, refletindo os efeitos da alta procura de imóveis em decorrência da desocupação dos bairros, havendo o aumento contínuo do preço do metro quadrado nas demais áreas da cidade, atingindo o valor de aluguel e de compra, dificultando ainda mais o processo de mudanças das famílias atingidas

Essa realidade evidencia a falência do Estado na garantia do direito à vida urbana, reforçando seu alinhamento aos interesses do capital privado, em que as vítimas, dependentes de acordos entre a mineradora e o governo, enfrentam desafios constantes para acessar medidas adequadas e compensações pelos prejuízos sofridos, enquanto os impactos socioeconômicos e psicológicos permanecem como feridas abertas na história da cidade. As (des)vivências urbanas desses territórios afetados, a partir da perspectiva interseccional, conforme discutem Carla Akotirene (2018), Joice Berth (2018) e Angela Davis (2016), permite compreender as dinâmicas socioterritoriais a partir dos marcadores identitários de raça, classe e gênero.

Nesse contexto, essas intersecções revelam uma lógica excludente na configuração espacial das cidades, que influencia diretamente na forma como os territórios são ocupados, organizados e acessados. A interseccionalidade, portanto, permite evidenciar que os impactos da subsidência do solo nos cinco bairros afetados são sentidos de maneiras distintas — especialmente naqueles com população

majoritariamente negra, aqui identificados como “Bairros Negros”⁴ (Cunha, 2023). Entre eles estão os bairros de Bebedouro, Mutange e Bom Parto, conforme indicado no Mapa Racial (Mapa 2), disponibilizado pelo Pata Data⁵ (2015).

Mapa 2 - Distribuição Racial de Maceió conforme o censo de 2010



Fonte: Pata Data (2015), adaptado pela autora.

Segundo Feitosa e Romeiro (2023), com base no Censo de 2010, os bairros do Pinheiro e do Farol apresentaram a maior parte da população autodeclarada branca com uma renda salarial que sobressaía da média da cidade — onde muitos de seus antigos moradores já foram indenizados e removidos. Em contraste, os bairros de Bebedouro, Mutange e Bom Parto concentram uma população majoritariamente

⁴ Conceito delineado pelo teórico Henrique Cunha (2023) que será utilizado neste trabalho para descrever áreas urbanas caracterizadas com uma população predominantemente negra.

⁵ Pata Data é uma plataforma *online* que disponibiliza um mapa da distribuição racial no Brasil baseado no censo do IBGE 2010. O mapa é composto por pontos que representam cada cidadão brasileiro, e as cores dos pontos indicam a composição racial de cada região.

autodeclarada parda (IBGE, 2010) e apresentam rendimento médio inferior — e ainda enfrentam a privação de direitos básicos.

Em contrapartida a essas distopias urbanas, emergem nos espaços públicos físicos e virtuais, novas formas de resistência, insurgência e dissidência, que se manifestam por meio de ativismos urbanos (Vilas Boas, 2015). Tal conceito foi introduzido em 1996, para definir coletivos e pessoas que fazem o uso de tecnologias e mídias como modo de fazer intervenções por meio de ações político-artísticas, sem necessariamente ser artistas por formação (Araújo; Borges; Ferton, 2024).

Assim, o ativismo urbano, se posiciona como um movimento artístico ligado às lutas sociais de grupos invisibilizados e violentados por estruturas capitalistas, patriarcais e coloniais, atuando como prática de resistência, existência e reivindicação do direito à cidade que emergem em diferentes contextos urbanos. Segundo Oliveira e Guerra (2021), ele está enraizado nas sociedades contemporâneas, refletindo as condições e desafios da pós-modernidade, se adaptando às transformações sociais, tecnológicas e culturais.

Nessa perspectiva, este trabalho se aprofundará no campo do ativismo urbano, reconhecendo as manifestações político-artísticas como formas de narrar histórias e expressar cosmopercepções de grupos historicamente excluídos dos espaços de poder.

1.1 Objetivos

O presente Trabalho Final de Graduação (TFG) se apoia em uma base teórica interseccional e contracolonial e busca, por meio do ativismo urbano, criar narrativas de futuro, enraizadas em conceitos e práticas ancestrais afroindígenas, que ofereçam outras “cosmopercepções” (Oyěwùmí, 1997; 2002)⁶ — formas de perceber, sentir e experienciar o mundo que escapam à racionalidade moderna ocidental — justas e sustentáveis para habitar o meio urbano.

⁶ Em *The Invention of Women* (1997), a intelectual Oyèrónké Oyěwùmí evidencia que a sociedade iorubá pré-colonial não era estruturada pelas categorias de gênero ocidentais, mas por sistemas relacionais como a senioridade, revelando uma cosmopercepção em que o corpo não era a base para definições sociais. Essa percepção corporal, espacial e temporal distinta abre caminho para imaginar outros futuros, onde a ancestralidade, o cuidado e o pertencimento coletivo reconfiguram práticas e políticas de existência.

Dentre os bairros afetados pelo processo de subsidência do solo em Maceió, o Bom Parto foi escolhido como estudo de caso deste trabalho por apresentar as seguintes características: a) Bairro Negro, com uma população majoritariamente negra; b) acessibilidade para a realização de visitas de campo; c) permanência de moradores, com significativa densidade populacional mesmo após as remoções; d) baixa visibilidade midiática dos enfrentamentos decorrentes do crime socioambiental.

Com o propósito de fazer dialogar a contracolonialidade, a interseccionalidade e o ativismo urbano dentro do campo da Arquitetura e Urbanismo, o trabalho tem como objetivo geral fabular perspectivas de futuro ancestral para o bairro negro do Bom Parto, impactado pela mineração em Maceió, tendo como mote a proposição de manifestações artivistas que promovam a cura urbana. Sendo os objetivos específicos:

1. Narrar brevemente o contexto de opressão, resistência e reexistência da população negra pelo direito à cidade, dando enfoque ao crime socioambiental da Braskem no bairro do Bom Parto, em Maceió;
2. Inventariar grupos e/ou indivíduos artivistas afroindígenas e/ou não-hegemônicos ao nível nacional, e suas manifestações político-artísticas nos espaços públicos cujo teor das obras esteja relacionado às cosmopercepções e valores ancestrais;
3. Analisar tais produções artivistas, relacionadas às pautas contracoloniais do crime da subsidência do solo;
4. Criar narrativas visuais de futuro ancestral para o bairro do Bom Parto, por meio de manifestações político-artísticas fundamentadas em cosmopercepções afroindígenas, inclusive afrofuturistas.

1.2 Caminhos trilhados

A escolha por abordar a cidade a partir de perspectivas de interseccionalidade, contracolonialidade, arte e manifestações sociopolíticas decorre de um acúmulo interdisciplinar construído ao longo de minha formação acadêmica, além das contribuições de diversas pessoas que fizeram parte da minha trajetória.

Ao ingressar na universidade, iniciei minha jornada cursando Design pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da UFAL, onde participei ativamente do

coletivo artístico *Cidade & Signos*, vinculado a uma pesquisa de extensão do curso, estudando como a cidade se expressa de forma sensível por meio da arte e manifestações urbanas, grafadas e ressoadas nos espaços livres. Alguns semestres após o meu ingresso em Design, optei por continuar minha trajetória acadêmica na mesma faculdade, todavia, no curso de Arquitetura e Urbanismo.

Sob a vigência do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de 2006, observei que grande parte da grade curricular do curso concentrava-se em uma abordagem unidimensional da Arquitetura que se limitava a projetos de caráter luxuoso. Foi no aprofundamento em disciplinas voltadas ao Urbanismo — no 6º semestre — que minha percepção sobre a cidade se expandiu, reconhecendo o papel do arquiteto urbanista na concepção e fabulação desses espaços. No entanto, o Urbanismo apresentando no curso estava restrito a ideias e conceitos baseados em cidades eurocêtricas, reproduzindo uma epistemológica colonial e racista, excludente aos saberes de povos e comunidades tradicionais, limitando as possibilidades de inovação e inclusão na Arquitetura e no Urbanismo.

A ruptura com essa perspectiva começou na monitoria com as professoras Flavia Araújo e Diana Helene, na disciplina *Identidade, Cultura e Desenvolvimento*, introduzida no 1º semestre do PPC de 2019 do curso de Arquitetura e Urbanismo. A disciplina instigava os estudantes a analisarem a cidade de forma plural, considerando interseccionalidade, patrimônio e meio ambiente — uma mudança significativa para a formação e construção de pensamento sobre o planejamento urbano. Essa monitoria revelou a importância de narrativas urbanas mais inclusivas e sensíveis à diversidade.

Na Monitoria em Arte Urbana, aprofundei a compreensão das manifestações artísticas como reflexo das opressões e desejos comunitários. Disciplinas como *Cartas para o Futuro* incentivaram um olhar crítico e inclusivo sobre a cidade pós-pandêmica. E durante o estágio no escritório Vão Urbano, formado por ex-alunos da FAU, desenvolvi uma visão sensível — e poética — do território, ao integrar práticas projetuais alinhadas às necessidades do espaço habitado.

Todos os estudos relacionados à cidade, à arte urbana e à interseccionalidade foram aprofundados no Pibic, durante o ciclo 2021-2022, no grupo de pesquisa *Morfologia dos Espaços Públicos* (MEP). Essa pesquisa tinha o objetivo de compreender, por meio do ativismo urbano, como se dão as táticas de resistências de grupos contra-hegemônicos na disputa pelo direito à cidade em Maceió, em meio

a um contexto distópico marcado por diversas crises: econômicas, sanitárias, ambientais, sociais e os impactos da mineração.

Durante a pesquisa conduzida pelo Pibic, o ativismo urbano destacou-se como um potente instrumento de transformação, reivindicando o direito à cidade para minorias sociais no contexto do crime de subsidência do solo. Isso levou a um aprofundamento nos estudos sobre territórios negros e expressões artísticas contracoloniais, revelando a temática central da “Cura” para reimaginar o futuro dos Bairros Negros. Por isto, este trabalho desenvolve-se em torno da ideia de cura, fundamentada nas pesquisas do Pibic, nas cosmopercepções afro-indígenas e é influenciado pelas metodologias criativas do Design, provindas do aprendizado acadêmico, mas particularmente dos diálogos enriquecedores com minha irmã, Shayenna Ferton, formada em Design pela FAU-UFAL.

Por fim, uma das experiências mais impactantes para a condução deste TFG foi minha atuação no setor de planejamento urbano dentro do poder público. Durante o atual processo de revisão do Plano Diretor de Maceió, tive a oportunidade de participar ativamente como parte técnica das oficinas e escutas públicas, vivenciando de perto os anseios da população para essa “Maceió do futuro”. Ao mesmo tempo, essa experiência permitiu compreender os desafios internos da gestão urbana e os caminhos possíveis para transformar essas demandas em realidade por meio dos instrumentos urbanísticos disponíveis.

Assim, a proposta de adotar a interdisciplinaridade para analisar a dinâmica do planejamento urbano é uma forma que achei para conceber outras possibilidades de existências das minorias sociais, no caso, a população negra, no meio urbano, subvertendo uma epistemologia colonial e evocando, por meio das imagens e da ancestralidade, saberes plurais, na prática de fazer arquitetura e urbanismo, onde há coexistência de diferentes entes e viventes, como a cidade-florestania mencionada por Krenak (Colón, 2022).

1.3 Armas contracoloniais

As ferramentas metodológicas, aqui identificadas como “armas contracoloniais”, são resultados de métodos de estudo desenvolvidos inicialmente no

âmbito do Pibic, adaptados para este TFG, permitindo a elaboração de contra-narrativas que dialogam diretamente com a população do Bom Parto.

Para este trabalho, foi criado o glossário intitulado *Encantário*, para explicar alguns termos utilizados e/ ou criados nesse trabalho, inspirado na proposta de Antônio Bispo de subverter palavras coloniais como forma de resistência, ou como o mesmo diz, a “guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las”⁷ (Bispo, 2023a, p. 13). Essa abordagem utiliza denominações alternativas que emergem de diferentes formas de expressão, desafiando a linguagem acadêmica tradicional e seu caráter colonizador, ao mesmo tempo em que potencializa discursos contra-hegemônicos. Foi partindo desse jogo entre palavras, que o título deste TFG, *Rito de Curá*, nasceu. A escolha do título estabelece um diálogo direto com a música *Rito de Passá*, da cantora paulistana MC Tha, na qual a artista explora simbologias e rituais da Umbanda para compreender a vida, explicando que

Rito de Passá encerra, comemora e inicia ciclos. É ritual diário e nos ensina a viver o hoje. As dores, as alegrias, as inseguranças, a espera. [...]. Rito de Passá são os Orixás em cada canto da natureza auxiliando com suas vibrações em cada fase. Em cada tempo. É a analogia deles. Rito de Passá é o grito de liberdade dos excluídos socialmente por suas crenças. É afirmação (MC Tha, 2021, *online*).

Nesse contexto, o “Rito” assume o papel de buscar reconhecimento e espaço para sujeitos marginalizados. No caso do Bom Parto, o termo “Passá” foi substituído por “Curá”, reinterpretando o “rito de passagem” como a subsidência do solo, uma ruptura crítica na vida da comunidade. Já o “Curá” representa a etapa de reconstrução após o crime socioambiental, reafirmando o direito à cidade e à vida dos corpos negros, simbolizando uma cura física, social e emocional.

Inicialmente, foram realizadas **leituras e fichamentos dos principais referenciais teóricos contracoloniais, decoloniais e feminista** (análise

⁷ “‘Como podemos contracolonizar falando a língua do inimigo?’. E respondi: ‘Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. Por exemplo, se o inimigo adora dizer desenvolvimento, nós vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmofofia. Vamos dizer que a cosmofofia é um vírus pandêmico e botar para ferrar com a palavra desenvolvimento. Porque a palavra boa é envolvimento’” (trecho do livro *A terra dá, a terra quer*, de Antônio Bispo, 2023a, p. 13).

interseccional) (Figura 4), utilizando o embasamento teórico consolidado no Pibic, de livros, entrevistas, artigos e produções providas de ciclos anteriores do grupo de pesquisa. Esse referencial é composto por uma bibliografia de intelectuais negros, mulheres e ameríndios que desviam da lógica hegemônica e ocidental de abordar arquitetura e urbanismo, permitindo contextualizar e enriquecer as análises, considerando debates sobre o direito à cidade a partir de pautas emergentes invisibilizadas.

Figura 4 - Compilado de temas e principais autores utilizados como base teórica



Fonte: elaboração autoral (2024).

A produção sobre a subsidência do solo envolveu estudos de documentos, artigos, trabalhos acadêmicos e participação em eventos públicos relacionados à primeira metade de 2024 para ouvir a população afetada. Contudo, por se tratar de um crime em andamento, as informações apresentadas podem estar desatualizadas, especialmente em relação à situação dos moradores do Bom Parto.

Paralelamente a esses estudos, foi realizado o **reconhecimento do território do Bom Parto**, a partir de uma visita a campo, guiada pelo líder comunitário do bairro Fernando Lima, em conjunto à disciplina de Projeto de Paisagismo II (AURB114) da FAU-UFAL, no semestre letivo de 2023.1, com as docentes Flavia Araújo e Diana Helene, no dia 19 de julho de 2023, à tarde. Essa visita teve o intuito de compreender as (des)vivências e desafios enfrentados pela comunidade.

Por meio de conversas, depoimentos e registros fotográficos/audiovisuais, foi criado um diário de bordo pessoal com dados sobre o ambiente físico e as experiências observadas, armazenados no *Google Drive*. Essa abordagem facilitou a análise do material coletado e o desenvolvimento de narrativas locais, contrapondo discursos hegemônicos midiáticos. A interação direta com os moradores foi essencial para garantir a inclusão de suas perspectivas na pesquisa. Dados complementares sobre o bairro e a população foram obtidos de fontes como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Atlas do Desenvolvimento Humano, Alagoas em Dados, Braskem e Prefeitura de Maceió.

Ao estudar a cidade e suas dinâmicas por meio do ativismo urbano, adotou-se o método da **cartografia de ativismos decoloniais e contracoloniais**. Esse método permite, por meio do mapeamento, realizar uma leitura territorial dos cenários de resistência das populações dissidentes, identificando e destacando os diversos discursos, práticas e formas de ocupação que desafiam as estruturas opressoras e colonizadoras.

Para os geógrafos, a cartografia (...) é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos — sua perda de sentido — e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos (Rolnik, S. 2011, p. 23).

Nesse sentido, a cartografia se torna uma ferramenta metodológica de leitura territorial para revelar como os corpos, discursos e práticas se inscrevem nos espaços urbanos, resistindo às formas de apagamento e exclusão social. Esse mapeamento evidencia os lugares de enunciação dos sujeitos marginalizados, os espaços simbólicos e materiais de luta, e como esses ativismos ressignificam a cidade, transformando-a em um espaço de afirmação identitária e de reivindicação por direitos.

O levantamento e análises dos ativismos urbanos dissidentes, que abordam a cura da cidade, foi construído a partir de um levantamento previamente realizado por mim, durante o Pibic, tendo algumas modificações. As ferramentas/plataformas

digitais utilizadas para a essa etapa foram o *Padlet*, *Instagram*, *sites* e o *Google Planilhas*, para a compilação e análise dos ativismos e informações extras.

Por fim, veio a parte da **concepção de narrativas visuais para fabular um futuro ancestral**. Utilizando imagens e símbolos, essas narrativas desempenham o papel de contar histórias, preservar memórias e comunicar saberes ancestrais, especialmente aqueles silenciados pelos discursos hegemônicos, conforme a ativista boliviana Silvia Cusicanqui (2021), que entende as “narrativas visuais” como formas de resistência e transmissão de conhecimento.

Para materializar essas visões, foram utilizadas ferramentas de Design essenciais para a criação de solução visual de um bairro pós-crime socioambiental, alinhadas com propostas de planejamento urbano. O processo de criação visual se deu, em sua maioria, por meio de colagens digitais realizadas com o *software* de edição de imagens *Photoshop*. As colagens não apenas compõem cenários imaginativos, mas também possibilitam a sobreposição de temporalidades e simbolismos, criando narrativas visuais que conectam o passado, o presente e o futuro.

O **Capítulo 2 - Capitalismo, cidades e outros feitiços**, analisa o papel do antropoceno dentro do contexto da distopia contemporânea influenciada pelo sistema capitalista colonialista, investigando como seus efeitos reverberam em conflitos urbanos onde espaços e direitos são sistematicamente negados, em específico à população negra. O **Capítulo 3 - Bom Parto: o Bairro Negro**, adentra em questões do bairro do Bom Parto no contexto histórico, territorial, socioeconômico e do crime socioambiental provocado pela Braskem, evidenciando os percalços enfrentados pelos moradores locais durante o processo de afundamento do solo.

O **Capítulo 4 - Curandoria: Artes para imagear outros futuros**, examina o ativismo como uma ferramenta política de reivindicação e resistência dos corpos dissidentes e parte para cartografias de produções artistas brasileiras e maceioenses, que abordam questões relacionadas às lutas dissidentes e aos processos de cura, oferecendo reflexões sobre a produção da cidade e o seu não-direito. Por fim, o **Capítulo 5 - Contrafeitiços urbanos**, apresenta ensaios artistas, por meio de colagens digitais, para imaginar outros futuros para o bairro do Bom Parto, impulsionados por narrativas visuais que evocam pluralidades no modo de ser-habitar o espaço urbano negro.

2 CAPITALISMO, CIDADES E OUTROS FEITIÇOS

Eu vou perguntar para os gerentes, os governadores, os ministros, os vereadores, o governo dos Estados Unidos, Inglaterra, Japão – todos grandes gerentes... Eu vou perguntar a eles o que eles pretendem fazer com a nossa Terra. **Eles estão mexendo com pessoas, com a Terra, com a vida, como se fossem as empresas deles.** [...] Nós não podemos ficar quietos... Vamos fazer uma rede de pajelança, de magia, vamos fazer confusão no cérebro deles (Krenak, 1989, grifo nosso).

Ailton Krenak, ao alertar que “[...] se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados da ruptura ou da extinção do sentido da nossa vida, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda” (2019, p. 24), expõe as falhas do modelo de capitalista-colonial de se viver e habitar o espaço urbano. Sistema esse que preza pela exploração predatória de recursos naturais e impõe uma lógica urbana desconectada da natureza, que compromete a sustentabilidade planetária.

Nas cosmocepções ameríndias, exemplificadas por autores como Ailton Krenak, Davi Kopenawa e Kaká Werá Jecupé, há uma crítica clara a essa forma de vida que promove desequilíbrios ambientais e sociais, a partir do desmatamento, da poluição, da destruição de corpos humanos e não-humanos e do apagamento de culturas ancestrais. Para Jecupé (2020), a relação entre os povos indígenas e a natureza é central para a harmonia da vida no planeta, afirmando que a ruptura dessa ligação é prejudicial para toda a humanidade, uma vez que os povos originários desempenham papel crucial na manutenção do equilíbrio natural, protegendo a confluência entre a terra, as águas, as florestas e os seres vivos.

Ao denunciar o impacto do modelo capitalista-colonial e trazer à tona as sabedorias indígenas, há um convite a repensar as relações humanas com o planeta. Mesmo frente a séculos de exploração e violência, os povos indígenas lutam para manter vivas suas florestas, línguas, costumes e culturas, resistindo e reexistindo como guardiões fundamentais da biodiversidade e da memória ancestral. Reconhecer tais práticas e os saberes é um meio para o enfrentamento das crises ecológicas e sociais contemporâneas. É no diálogo com essas perspectivas ancestrais que podemos vislumbrar futuros mais sustentáveis e conectados à terra, ao outro e à vida em todas as suas formas.

2.1O Antropoceno nosso de cada dia

A “asfixia da vida na Terra”, descrita por Sidarta Ribeiro (2022), representa uma crise sistêmica de proporções globais intimamente ligada à expansão do capitalismo, que marca o tempo do Antropoceno, um termo proposto pelo químico Paul Crutzen, em 2000. Caracterizada pelos impactos da atividade humana sobre a Terra comparados às forças naturais, de modo brusco e, talvez, irreversível⁸ (Svampa, 2019), para além da sua dimensão geológica, o antropoceno está profundamente enraizado às transformações comportamentais e culturais que influenciam práticas sociais, econômicas e ambientais.

Donna Haraway (2016), ao citar Anna Tsing, defende que no Holoceno, apesar das condições adversas, havia a abundância de áreas de refúgio, permitindo que os organismos sobrevivessem e se adaptassem, evidenciando a resiliência da vida na Terra. No Antropoceno, porém, além da destruição desses refúgios, a velocidade acelerada das mudanças dificulta a adaptação, ameaçando a sobrevivência e o equilíbrio dos ecossistemas (Svampa, 2019).

Mudanças climáticas, emissão de gases tóxicos na atmosfera, introdução de espécies invasoras, exploração predatória e insustentável dos recursos naturais, industrialização em larga escala, produção em massa, consumo excessivo, poluição e genocídios, são frutos de estruturas econômicas e políticas orientadas para o lucro e a acumulação de capital, negligenciando o bem-estar ambiental e perpetuando desigualdades socioambientais. O período da “grande aceleração”, ocorrido na segunda metade do século XX, fez com que os avanços econômicos capitalistas estabelecessem, globalmente, uma sociedade consumista, dependente de combustíveis fósseis, fator-chave para o aumento das temperaturas e na *sexta extinção em massa* de espécies com a perda acelerada da biodiversidade por meio das ações humana e seus impactos sobre a vida do planeta (Svampa, 2019).

Em 250 anos, a economia global cresceu 135 vezes, a população mundial cresceu 9,2 vezes e a renda per capita cresceu 15 vezes. Este

⁸ Alguns teóricos utilizam outras nomenclaturas ao se referir a essa era, como: “Capitoloceno”, focado na relação com o sistema capitalista, o “Cthulhuceno”, que destaca as interações entre seres humanos e não humanos em um contexto pós-colonial, ambos discutidos por Donna Haraway. O “Plantationoceno”, proposto por Anna Tsing, chama a atenção para as dinâmicas de exploração e degradação ambiental associadas às *plantations* e suas consequências históricas.

crescimento demoeconômico foi maior do que o de todo o período dos 200 mil anos anteriores, desde o surgimento do *Homo sapiens*. Mas **todo o crescimento e enriquecimento humano ocorreu às custas do encolhimento e empobrecimento do meio ambiente**. O conjunto das atividades antrópicas ultrapassou a capacidade de carga da Terra, e a Pegada Ecológica da humanidade extrapolou a Biocapacidade do Planeta. A dívida do ser humano com a natureza cresce a cada dia e a degradação ambiental pode, no limite, destruir a base ecológica que sustenta a economia e a sobrevivência humana (Alves, 2021, *online*, grifo nosso).

Esse modelo de desenvolvimento, que privilegia o crescimento econômico em detrimento da preservação ambiental e da sustentabilidade, deixa um rastro de devastação ambiental e social, revelando assim uma questão central: esse “progresso” ocorre às custas de que e de quem? A destruição de ecossistemas e paisagens naturais compromete, diretamente, a qualidade de vida, sobretudo das comunidades mais vulneráveis, que sobrevivem desses territórios.

As atividades extrativistas criminosas no Brasil tornaram o país líder em desmatamento. Entre agosto de 2021 e julho de 2022, mais de 8,5 km² de floresta foram derrubadas, sendo a Mata Atlântica o bioma mais impactado pelos avanços econômicos históricos, com o agronegócio responsável por quase 94% do desmatamento (CNN, 2023; WWF Brasil, 2020).

O Brasil também se destaca por desastres socioambientais de mineradoras, incluindo dois dos mais graves do século XXI: o rompimento da “Barragem do Fundão” (Figura 5), da Samarco, em Mariana (2015), e o colapso da barragem da “Mina Córrego do Feijão” (Figura 6), da Vale, em Brumadinho (2019). Ambos causaram impactos ecológicos e sociais contínuos, contaminando as bacias dos rios Doce e Paraopeba com metais pesados, comprometendo condições de vida e serviços ecossistêmicos, além de provocar problemas de saúde respiratória, dérmica, gastrointestinal e mental nas comunidades atingidas (Freitas; Silva; Menezes; Luz, 2022).

Figura 5 - Rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Samarco



Fonte: Rogério Alves/TV Senado (2015).

Figura 6 - Vista aérea da destruição causada pelo rompimento da barragem da Vale, em Brumadinho



Fonte: Douglas Magno/AFP (2020).

Neste ponto, é fundamental reconhecer que a degradação ambiental está ligada ao racismo ambiental, um termo criado em 1981 pelo líder de direitos civis, Dr. Benjamin Franklin Chaves Jr., em meio a protestos de movimentos negros nos Estados Unidos contra injustiças ambientais. Ele se refere a políticas, práticas ou decisões que distribuem vantagens de forma desigual, afetando desproporcionalmente indivíduos ou comunidades com base na raça (Berth, 2023a). A destruição desses ecossistemas comprometeu a biodiversidade e inviabilizou diversas formas de vida, afetando violentamente comunidades que dependiam desse território para sobreviver.

Essas crises no Antropoceno expõem um sistema capitalista que falha em todas as suas instâncias: históricas, morais, éticas, sociais, políticas e econômicas, mas se mantém como a única alternativa de futuro no imaginário coletivo, mesmo que seja a menos ruim.

[...] A professora Conceição Evaristo disse uma coisa genial: **as pessoas acham mais fácil acabar com o mundo do que acabar com o capitalismo**. É verdade, simplesmente nos acomodamos com a ideia de que o capitalismo não vai acabar, pelo contrário: ele vai entuchar a gente de coisas e mais coisas, e vamos ter tanta comida, tanta bebida, tanto de tudo que não vai faltar mais nada (Krenak, 2022, p. 49-50, grifo nosso).

As cidades, enquanto epicentros econômicos e culturais, reforçam valores capitalistas, expandindo práticas de mercado de forma violenta para formas de existência indígenas e tradicionais. No planejamento urbano, a lógica de consumo substitui a conexão com a natureza e práticas ancestrais, reduzindo áreas verdes e promovendo espaços artificiais, enquanto o orgânico é visto como inferior, sujo e selvagem.

Fui criado numa casa de chão batido, onde andava descalço. As galinhas e os outros animais conviviam conosco dentro de casa. Quando uma galinha estercava na casa de chão batido, a parte úmida do esterco, das fezes da galinha, era absorvida pela terra. Tirávamos a parte sólida e jogávamos no quintal para servir de adubo. Para o povo da cidade, isso é um horror. [...]. Para andar descalço, é preciso desinfetar o chão: a cerâmica foi criada porque os humanos não podem pisar a terra. Os calçados foram criados porque os humanos não podem pisar a terra (Santos, 2023a, p. 8).

Em oposição a esses paradigmas eurocêntricos, que reforçam uma visão dos ecossistemas e seres vivos como ameaças, há a coexistência multiespécies baseada na resiliência e adaptação às mudanças, a Amazônia é uma prova de que a convivência entre humanos e não humanos pode gerar ecologias ricas e diversas (Tsing, 2015; Cançado, 2022). Essa perspectiva expande nosso imaginário sobre o futuro, rompendo com as barreiras impostas pelo sistema capitalista entre humanidade e natureza. Contudo, é importante entender que qualquer meio de enfrentamento às crises ecológicas e mudanças ambientais na era do Antropoceno exige, necessariamente, passar pelo processo de reparação de comunidades historicamente marginalizadas, violentadas e privadas de seus direitos.

2.2 Cidadania mutilada

Milton Santos (1997) introduz o conceito de “cidadania mutilada” como um efeito do capitalismo, que marginaliza e exclui amplas camadas da população mundial e aponta que a globalização econômica, baseada em uma lógica neoliberal, aprofunda desigualdades sociais, restringe o acesso a direitos básicos e fragmenta identidades culturais e políticas. No contexto brasileiro, essas disparidades são marcadas por políticas conservadoras, que historicamente oprimem as comunidades negras, sustentando um sistema capitalista onde o racismo opera como uma tecnologia⁹ de violência e reforça opressões territoriais.

Joice Berth (2023b, *online*), reforça essa visão ao afirmar que “só podemos ser cidadãos ou cidadãs de fato caso sejamos donos da cidade. Se não somos donos, não somos cidadãos e cidadãs, a gente tem uma cidadania mutilada”. Nesse sentido, o acesso à cidade deixa de ser um direito universal, tornando-se em um privilégio que favorece determinadas parcelas da população em detrimento de outras. No Brasil, o educador Henrique Cunha Junior (2023) destaca que as elites autoritárias, de origem eurocêntrica e brancocêntrica, moldaram o país sob a lógica do capitalismo racista e instituem o controle da elite branca sobre a população negra.

⁹ De acordo com Berth (2023a), o racismo é visto como uma tecnologia porque opera como um sistema estruturado e intencional, que utiliza práticas, métodos e instrumentos para perpetuar a dominação e a opressão de corpos não brancos. Assim como uma tecnologia, ele é construído, adaptado e aperfeiçoado ao longo do tempo para atingir seus objetivos de controle e hierarquização.

Dentre os efeitos de uma urbanização que segrega e exclui, partindo da perspectiva da relação à moradia e à ocupação da terra nas grandes cidades brasileiras, Maricato (2002, p. 162-163) destaca duas principais: a) a “**predação ambiental**”, decorrente da dinâmica de exclusão habitacional e assentamentos espontâneos, em áreas ambientalmente sensíveis, resultando em contaminações, desmatamentos e tragédias decorrentes de deslizamentos de terra, inundações e surtos de doenças; e b) a “**escalada da violência**”, evidenciada pelo aumento das taxas de homicídios em regiões marcadas pela pobreza homogênea.

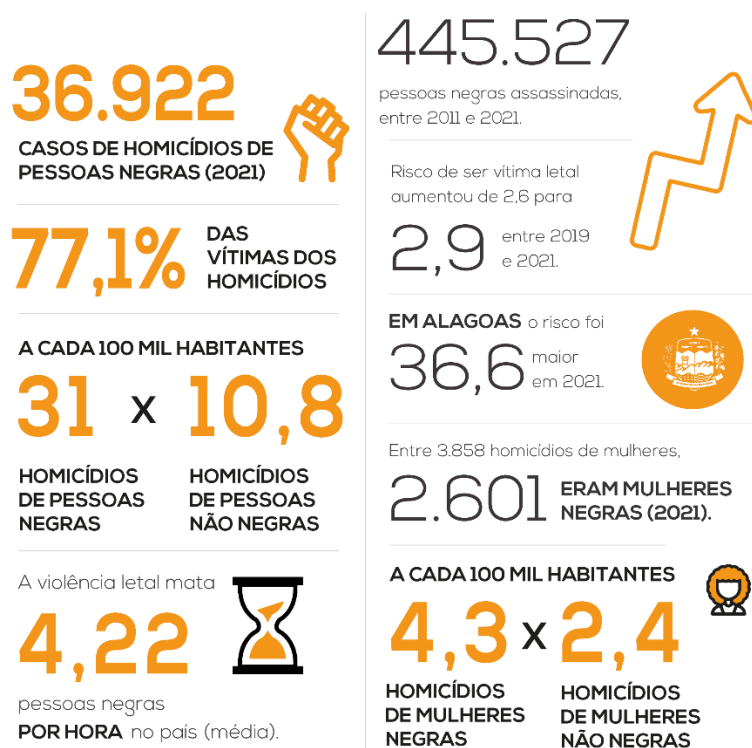
Fazendo um entrelaçamento entre cidades excludente, de Maricato (2002), e questões raciais, propostas por Cunha Junior (2023), é importante reconhecer o passado escravocrata brasileiro. Após a abolição da escravidão, em 1888, libertados sem qualquer tipo de reparação econômica, social ou territorial, os ex-escravizados foram relegados à própria sorte em um país que, ao invés de integrá-los como cidadãos, os excluiu do acesso à terra, ao trabalho formal e a condições dignas de habitação, forçados a ocupar áreas de menor valor econômico, como encostas, vales, áreas alagadiças e manguezais.

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (Gonzales; Hasenbalg, 1982, p. 15).

Esses territórios, onde se estabelecem, majoritariamente, os bairros negros, ficaram marcados pela precariedade habitacional e de infraestrutura, baixos níveis de renda e educação, carência de serviços públicos básicos, como saúde e saneamento, e ausência de políticas eficazes para a mediação de conflitos. A combinação entre a exclusão histórica e a falta de políticas reparatórias amplifica essas desigualdades e violências, em específico no que se diz a respeito da letalidade (Gráfico 1). Segundo dados do Atlas da Violência de 2023:

Historicamente, o assassinato de homens e mulheres negras lidera os rankings de homicídios no Brasil. A violência cotidiana que atinge a todos os brasileiros explica apenas uma parte da situação, enquanto o racismo, como elemento estruturante e presente em todos os aspectos da sociedade brasileira, agravando no aumento da miséria e do desemprego, impactam o cenário de mortes dessa população (Ipea, 2023, *online*).

Gráfico 1 - Dashboard com os principais dados do Atlas da Violência 2023



Fonte: Ipea e FBSP (2023), adaptado pela autora.

Esse dado, relacionado à letalidade dos corpos femininos negros, parte de um reconhecimento de que, além da cidade ser capitalista e racista, ela é também patriarcal, articulando a discussão do meio urbano a partir de intersecções entre raça, classe e gênero. As cidades, além de refletirem desigualdades econômicas e raciais, reproduzem também hierarquia de gênero, que reforçam a exploração e invisibilidade de mulheres negras e periféricas pelo Estado e pela sociedade.

Ao falar sobre gênero no contexto urbano é imprescindível discutir questões relacionadas a divisão sexual do trabalho, uma vez que, o trabalho produtivo, associado ao gênero masculino, ocorre fora do ambiente doméstico e é remunerado, o trabalho reprodutivo, relacionado a alimentação, saúde, educação, limpeza e

cuidado, ou seja, aqueles ligados à reprodução da vida (Ramos; Lazarini; Andreotti, 2021, p. 34), é tradicionalmente atribuído às mulheres e desvalorizado economicamente.

Um relato caribenho, que descreve a vida cotidiana de uma mulher da região, trabalhadora doméstica na França, e que expõe o viés racializado desse trabalho: “Somos classificadas pelo governo por toda a França como tendo de ser, em primeiro lugar e acima de tudo, domésticas, tal como os polacos são trabalhadores agrícolas e os argelinos são lavradores (Egra, 2000, p. 137 *apud* Vergès, p. 2020, 123).

O fenômeno das mulheres chefes de família no Brasil está intrinsecamente ligado à pobreza, especialmente nas áreas urbanas (Barroso, 1978 *apud* Matos, 2021). Essa realidade reflete uma soma de desigualdades relacionadas às condições habitacionais inadequadas, escassez de equipamentos públicos essenciais (escolas, unidades de saúde e espaços de lazer), à falta de saneamento básico, à exposição a riscos ambientais, como enchentes e poluição, e múltiplas formas de violência e abuso, seja nas ruas, nas escolas, nos locais de trabalho ou dentro de suas próprias casas, que afetam diretamente sua qualidade de vida e aumentam as barreiras para romper o ciclo da pobreza.

De acordo com Ramos, Lazarini e Andreotti (2021), em áreas reconhecidas como “zonas de sacrifício”, onde a lógica capitalista explora e marginaliza territórios para a produção de mercadorias, o mesmo sistema estabelece, nesses espaços negros, uma exposição desproporcional a riscos, contaminações, doenças, condições de trabalho precárias e acesso limitado a recursos de saúde, afirmando:

[...] as tarefas delegadas ao gênero feminino, por serem inerentemente ancoradas aos territórios, estão mais sujeitas às contaminações. Seja por falta de saneamento dos bairros em que vivem, por lidar diretamente com a limpeza e manutenção da residência ou por toda a precariedade urbana que afeta o entorno e a qualidade de sua moradia (Ramos; Lazarini; Andreotti, p. 35).

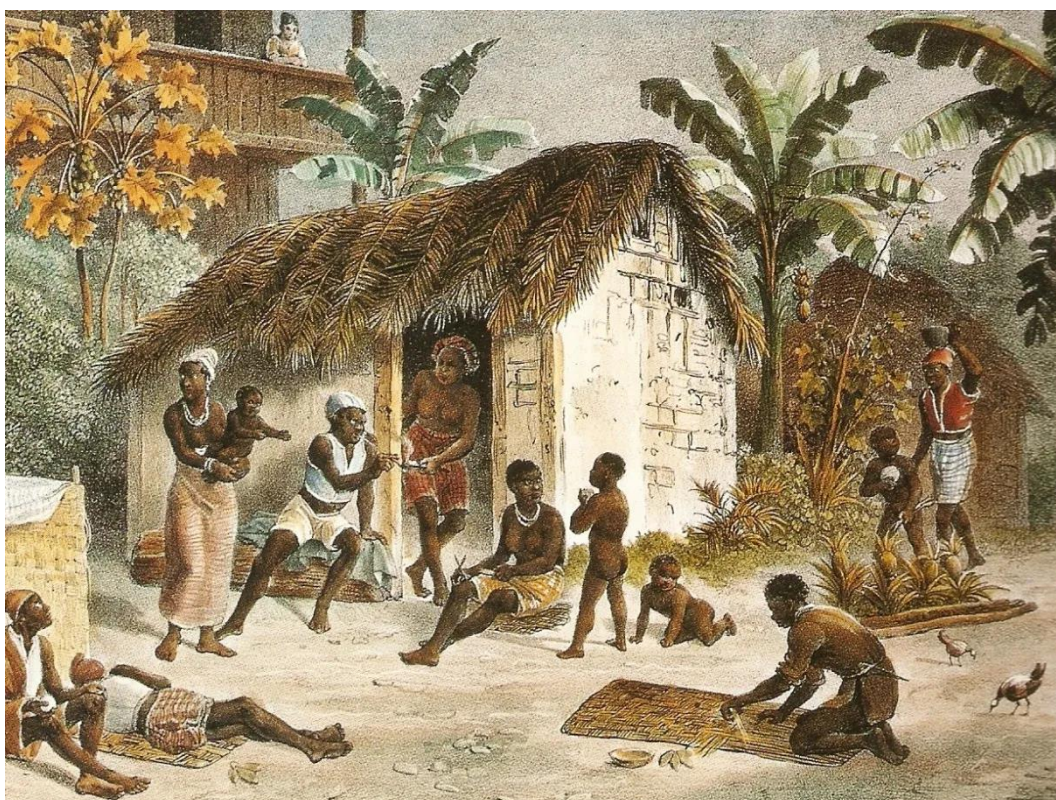
Essa dinâmica parte de uma estrutura na qual, por meio de políticas e práticas, o Estado passa a gerir as mortes dos corpos negros como meio de controle e manutenção de poder. Tal lógica é descrita pelo teórico Achille Mbembe como “necropolítica”, ao abordar a capacidade do poder estatal de decidir quem vive e quem

morre, expondo minorias sociais à violência sistemática e institucionalizada, como guerras, genocídios e segregações (Mbembe, 2018).

Porém, partir de uma perspectiva que retrate os territórios negros apenas como espaços que perpetuam pobreza, violências e opressões, é limitar sua complexidade à visão capitalista distópica, uma vez que vislumbrar outras possibilidades de coexistir (Tsing, 2022) permite criar narrativas contracoloniais dos bairros negros como territórios simbólicos de resistência, onde modos negros e femininos de se habitar reconfiguram a lógica urbana eurocêntrica predominante nas cidades brasileiras.

Dentre as diversas formas de resistência negra no Brasil, Beatriz Nascimento (1989) destaca os Quilombos (Figura 7) como espaços que representam a luta pela manutenção da identidade e direito ao território, desobedecendo à racionalidade ocidental e enfraquecendo os modos coloniais de habitar, fundamentada pela seguinte afirmação: “a Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou”¹⁰.

Figura 7 - Habitação de negros



Fonte: Johann Moritz Rugendas (1835).

¹⁰ Trecho do documentário Orí, de 1989.

Essa continuidade histórica é perceptível principalmente em práticas que simbolizam comunidade, alegria e resistência. Por exemplo, as expressões identitárias contemporâneas como os terreiros, as escolas de samba, os baile funk, o rap e o hip-hop, os movimentos negros e suas vertentes educativas e político-culturais (Costa; Silva, 2024), refletem, dessa maneira, a essência dos quilombos, trazendo esses outros modos de viver que reafirmam a persistência da coletividade negra como uma estratégia fundamental contra o racismo (Figura 8).

São nesses territórios negros e periféricos que a força do capital e do Estado fincam suas mais perversas raízes. Porém, são nesses territórios que surgem expressões de resistências culturais e políticas, sobretudo por parte da juventude, que consegue construir experiências de sociabilidade e lutas alternativas e descolonizadoras, em face de um poder cada vez mais vil e agressivo contra as comunidades e populações negras (Nogueira, 2017, p. 5).

Figura 8 - Radiola de Promessa, da série artística Atos de revolta: imaginando outra história, de Gê Viana¹¹



Fonte: Gê Viana (2022).

¹¹ Gê Viana, artista maranhense de origem indígena, explora, nesta série artística, a reconfiguração do imaginário visual marcado pela violência sobre corpos negros, a partir de litografias do século 19, de Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas, apresentando-os como protagonistas em cenas cotidianas que exaltam descanso, alegria, abundância e liberdade (MAM, 2022).

Não fizemos os quilombos sozinhos. Para que fizéssemos os quilombos, foi preciso trazer os nossos saberes de África, mas os povos indígenas daqui nos disseram que o que lá funcionava de um jeito, aqui funcionava de outro. Nessa confluência de saberes, formamos os quilombos, inventados pelos povos afroconfluentes, em conversa com os povos indígenas. No dia em que os quilombos perderem o medo das favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluência, o asfalto vai derreter! (Santos, 2023a, p. 27).

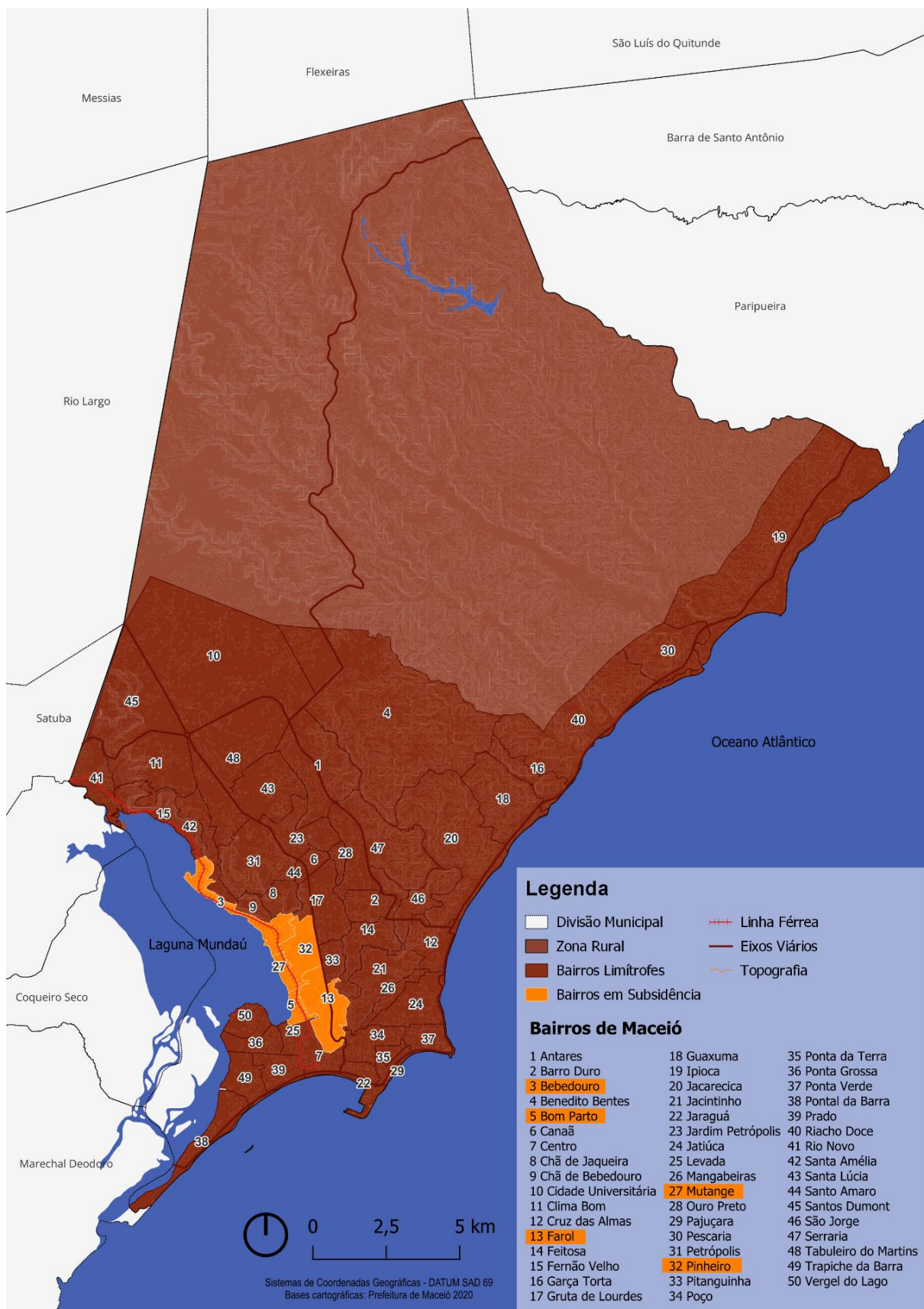
Essas cidades, onde há majoritariamente a população negra, se tornam espaços urbanos de resistência fundamentais para a construção de narrativas contracoloniais que desafiam a lógica imposta pela colonização e pelas estruturas racistas da sociedade contemporânea. Neles, podemos reimaginar os corpos negros se tornando protagonistas de suas histórias, reivindicando não apenas o seu direito de existir, mas também de fabular futuros pautados pela liberdade, pela justiça e pelo respeito às suas identidades.

2.3 Maceió afunda em lágrimas

Capital do estado de Alagoas, o município de Maceió possui uma área territorial de 509,32 km², com uma densidade demográfica de 1.880,77 hab/km² (2022), onde fica concentrado aproximadamente, 31,07% da população estadual (957.916 habitantes). Ele se divide entre a Zona Urbana, composta por 50 bairros em uma área equivalente a 115,08 km², e a Zona Rural, com 311,66 km².

Localizado na faixa costeira do Nordeste Oriental, Maceió faz fronteira ao norte com Flexeiras e Paripueira, ao sul e leste com o Oceano Atlântico, e a oeste com a Laguna Mundaú e os municípios vizinhos de Marechal Deodoro, Satuba e Rio Largo (Mapa 3).

Mapa 3 - Abairramento da Área Urbana de Maceió



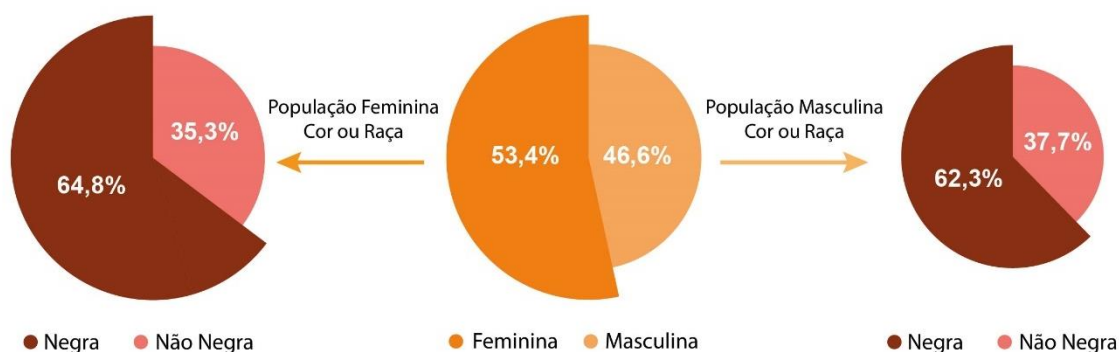
Fonte: elaboração autoral (2025).

Conforme a *Proposta de Macrozoneamento de Maceió*, redigida por Geraldo Majela Faria (2016)¹², atual presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) Alagoas, o relevo de Maceió é marcado por planícies costeiras, tabuleiros sedimentares e vales de riachos, originados de diferentes períodos geológicos. Essa conformação define três principais situações urbanas: a cidade-baixa, localizada nas planícies; a cidade-alta, nos tabuleiros; e a cidade das grotas e encostas, formada por ocupações informais em áreas de vales e falésias.

As planícies distinguem-se por suas localizações e tipos de solo em litorânea e lagunar. Nas transições entre estas e os tabuleiros ocorrem falésias com declives bastante acentuados, elementos naturais marcantes da paisagem e inadequadas à ocupação. Os tabuleiros elevam-se suavemente desde a altitude de 40 metros junto à costa (leste) até 120 metros ao norte do município. Seu interior é drenado por ravinas estreitas (grotas), confinadas por encostas íngremes com inclinações acima de 100% [...] (Cavalcanti *et al.*, 2015, p. 12-13).

Essa configuração geomorfológica urbana também evidencia uma divisão socioterritorial na malha do município, expressando desigualdades sociais historicamente enraizadas em lógicas colonialistas e capitalistas de concepção das cidades. Maceió, onde a maioria da população é composta por mulheres (53,4%) e por uma população negra (pretos e pardos), representando 64,8% das mulheres e 62,3% dos homens (Gráfico 2). Estudos urbanísticos interseccionais realizados por Mayara de Paula (2019) e Leandro Marques (2022) reafirmam que essa fragmentação territorial no meio urbano está diretamente ligada a fatores de raça, gênero e classe, evidenciando um modelo de desenvolvimento excludente, que impacta especialmente a população negra e feminina.

¹² Entre 2015 e 2016 o CAU Alagoas propôs um macrozoneamento para Maceió durante a revisão do Plano Diretor de 2005, destacando o oceano, a laguna, planícies, tabuleiros, grotas, encostas e riachos como elementos estruturantes da paisagem. Essas diversidades geográficas originou uma cidade multifacetada, como a cidade-grota, cidade-encosta, cidade-praia, cidade-periferia, cidade-industrial, cidade-portuária e outras, refletindo questões ambientais e urbanas dela (Iplan, 2023).

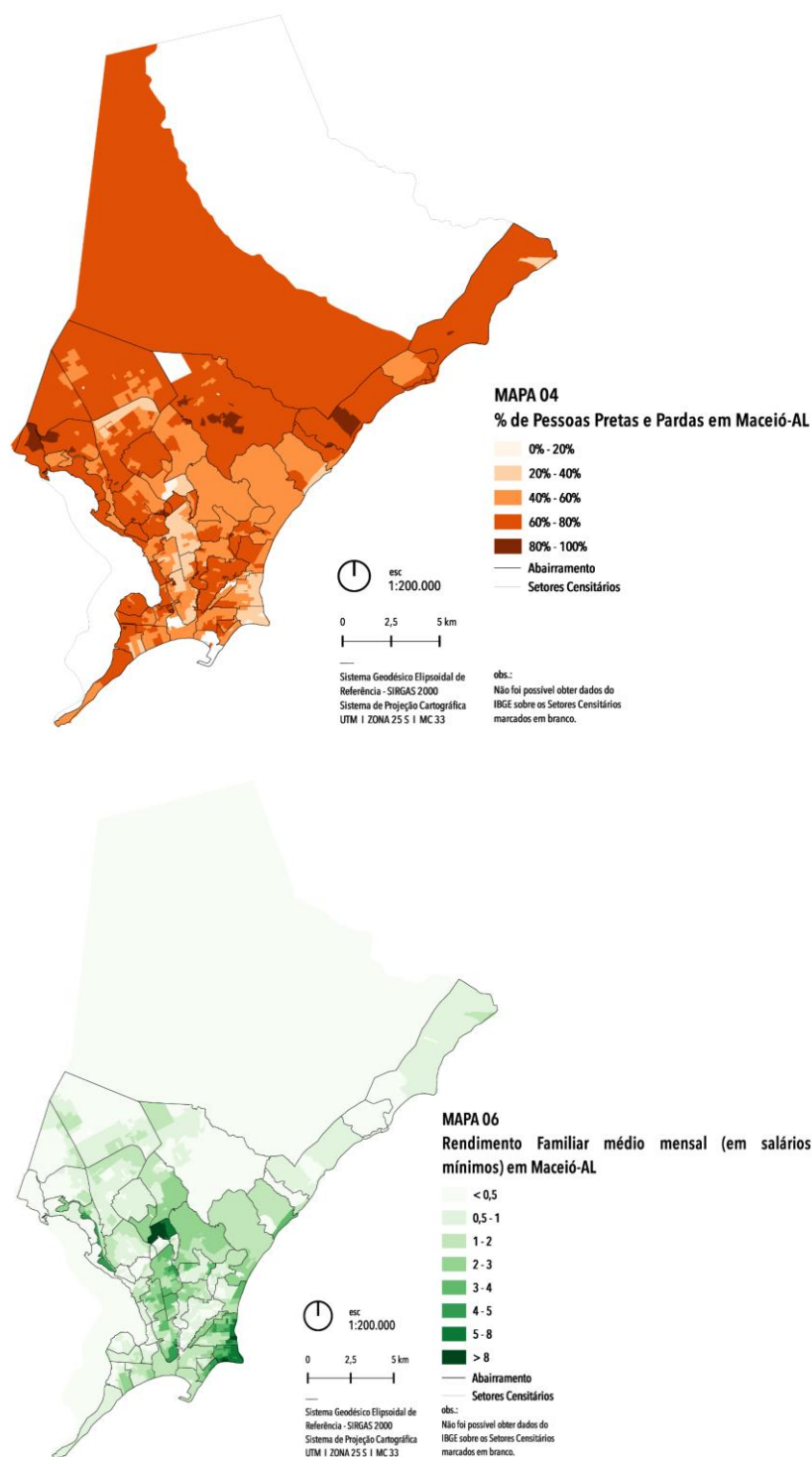
Gráfico 2 - População total de Maceió por gênero/cor ou raça

Fonte: elaboração autoral (2025), com base em dados do IBGE 2010.

A “Cidade Baixa”, concentrada em bairros como Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca¹³, é caracterizada por infraestrutura urbana sólida, com acesso a serviços públicos eficientes e população majoritariamente branca e de renda elevada. Em contrapartida, a “Cidade Alta” e, especialmente, a “Cidade das Grotas e Encostas”, abrigam predominantemente a população negra, de baixa renda e menor escolaridade, enfrentando carências de saneamento básico, pavimentação, iluminação e acesso a equipamentos públicos. Bairros como Jacintinho, Tabuleiro do Martins, Benedito Bentes, Vergel do Lago, evidenciam essa desigualdade (Mapa 4), sendo também os epicentros dos maiores índices de violência letal urbana contra corpos negros, conforme aponta Marques (2022).

¹³ Percebe-se que esses bairros são regiões que margeiam a orla marítima, onde se tem altos investimentos públicos voltados ao turismo.

Mapa 4 - Análise Urbana de Maceió em relação à raça e classe¹⁴



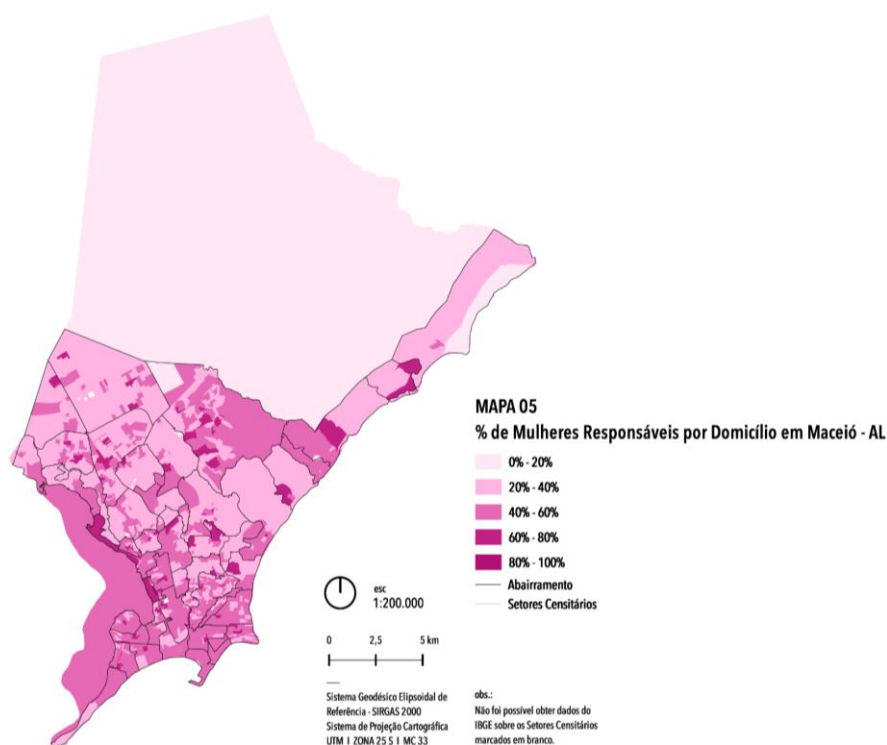
Fonte: Leandro Marques (2022).

¹⁴ Os mapeamentos são baseados em dados do IBGE de 2010, e por isso, como o próprio autor afirma, apresentam defasagem em relação à realidade atual. Este trabalho utiliza os mesmos dados, destacando essa limitação, já que os dados de 2022 ainda não estão disponíveis para mapeamento e análise censitária entre bairros.

A divisão racial da cidade é um reflexo de processos históricos que naturalizaram a marginalização da população negra, reforçando a ideia do “lugar do negro” e do “lugar do branco”, marcando “uma elitização com a dinâmica de exclusão que ocorre no nível social se reafirma no nível territorial” (Berth, 2023a, p. 53). Essa desigualdade socioterritorial está associada a dinâmicas históricas de exclusão racial e social que moldaram o espaço urbano, sendo os bairros negros de Maceió os que enfrentam esses maiores desafios estruturais (Paula, 2019).

Joice Berth (2023a, p. 57) também vai afirmar que “a pobreza é primordialmente negra e, em segundo plano, feminina”. Ao analisarmos Maceió a partir das interseções entre classe, raça e gênero, torna-se evidente que as mulheres negras enfrentam múltiplas negligências por parte do poder público no atendimento de suas necessidades cotidianas, como acesso a creches, transporte seguro e segurança pública, o que aprofunda sua exclusão e vulnerabilidade (Paula, 2019). Desse modo, a separação simbólica e concreta resulta em territórios que concentram pobreza e vulnerabilidades, onde a presença de mulheres negras — muitas vezes chefes de família — é especialmente significativa (Mapa 5).

Mapa 5 - Análise Urbana de Maceió em relação ao gênero



Fonte: Leandro Marques (2022).

A violência urbana e de gênero é exacerbada por espaços inseguros e mal planejados, limitando a mobilidade e o direito à cidade dessas mulheres. Segundo Marques (2022, p. 35), “mais de 60% das áreas com maior presença de mulheres responsáveis por domicílio estão inseridas em uma realidade de elevada quantidade de CVLI”.

Segundo dados da Secretaria de Segurança Pública, em 2021, Maceió registrou 5.741 casos de violência doméstica contra mulheres, representando 43% de todos os casos no estado. [...]

Em termos de perfil das vítimas, o documento revela que as mulheres entre 35 e 64 anos constituem a maioria das vítimas de violência doméstica, representando 40% dos casos [...]. No recorte racial, as mulheres negras, que incluem as pardas e pretas, foram as mais afetadas, somando 69% dos registros [...].

No que tange aos feminicídios, Alagoas registrou um aumento significativo em 2022, com 35 casos [...]. Maceió foi o município com o maior número de feminicídios, contabilizando 11 ocorrências. O perfil das vítimas segue uma tendência similar à da violência doméstica e do estupro, com as mulheres negras representando 89% das vítimas de feminicídio [...] (Iplan, 2023, p. 121-123).

Essa realidade de Maceió, evidencia uma hostilidade para as mulheres, com violências que atingem de forma desproporcional os corpos femininos negros, onde a falta de planejamento inclusivo com políticas públicas que negligenciam as diferentes formas de apropriação dos espaços por homens e mulheres agrava esse cenário de opressões. Além das desigualdades sociais, Maceió é palco de graves crimes ambientais que afetam, de maneira desproporcional, as populações mais vulneráveis. A exploração predatória dos recursos naturais e a expansão urbana desordenada resultaram em desmatamentos e aterramentos de Áreas de Preservação Permanente (APPs) ou de Proteção Ambiental (APAs), provocando alterações no equilíbrio ambiental da região.

A poluição do Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba (CELMM), causada pelo despejo irregular de esgoto doméstico e industrial, compromete o ecossistema e as comunidades ribeirinhas que dependem da laguna para sua existência. Além do que, a presença de um polo cloro químico e a intensa atividade sucroalcooleira, ao longo das bacias hidrográficas, resultam em um caso de racismo ambiental que ameaçam toda a biodiversidade e as questões socioeconômicas da região (Mapa de Conflitos, 2018). Outro fator de preocupação é o impacto ambiental

decorrente do desabamento da Mina 18 da Braskem (Figura 9), que, segundo estudos, pode agravar a degradação daquele ecossistema, já fragilizado (Gonçalves, 2023).

Figura 9 - Antes e depois do rompimento da Mina 18, da Braskem



Fonte: O Globo (2023).

As tentativas de mitigação dessas minas perfuradas pela Braskem geraram novo impacto ambiental a partir da extração ilegal de areia em Marechal Deodoro, agravando a degradação do meio ambiente local, configurando-se como mais um crime socioambiental cometido pela Braskem (AL 2, 2023). Essas ações evidenciam um modelo de gestão urbana e ambiental marcado pela irresponsabilidade corporativa e pela ausência de políticas públicas efetivas.

Contudo, o caso mais crítico é o afundamento do solo em bairros como Mutange, Bebedouro e Bom Parto. Esses, majoritariamente habitados por populações negras e de baixa renda, tornaram-se epicentros de sofrimento social e ambiental, com milhares de famílias desalojadas, enfrentando perdas materiais e afetivas. Enquanto isso, a especulação imobiliária em áreas privilegiadas da cidade prosperou, evidenciando uma dinâmica urbana que prioriza interesses econômicos em detrimento das vidas humanas e não humanas. Segundo Lima *et al.* (2023):

[...] o amparo oferecido pelo poder público não parecia vislumbrar a realidade aprofundada dessa população, não havia uma preocupação para onde aquela população estava indo, muito menos um aporte financeiro suficiente para encontrar um imóvel dentro das primeiras reações do mercado imobiliário. Para se ter uma ideia, os relatórios da APSA apontaram uma alta de 14% em imóveis alugados entre 2018 e 2019 na capital, enquanto a Ademi - AL registrou aumento de 20% dos preços em 2020.

Foi visto, nesse capítulo, que as crises do Antropoceno, impulsionada pelas mudanças climáticas e pelo avanço predatório do capitalismo, intensificam desigualdades já enraizadas, tornando populações vulneráveis as principais vítimas de desastres ambientais. A subsidência do solo em Maceió, causada pela exploração descontrolada da Braskem, é um exemplo emblemático de como interesses corporativos frequentemente prevalecem sobre a segurança da população. Esse crime socioambiental não é um evento isolado, mas parte de um modelo econômico que transforma territórios em mercadorias, deixando um rastro de destruição socioambiental e aprofundando processos de exclusão e injustiça.

Diante desse cenário, a reparação histórica torna-se um eixo fundamental para a construção de um futuro mais justo. Em Maceió, como em muitas outras cidades brasileiras, a população negra, historicamente marginalizada, sofre as consequências mais severas dessas dinâmicas, seja pela negação do direito à moradia digna, seja pela violência do deslocamento forçado. Superar essa lógica exige não apenas reconhecer as violações cometidas, mas implementar políticas efetivas que garantam justiça socioambiental, reparação material e acesso igualitário à cidade.

3 BOM PARTO: O BAIRRO NEGRO

Este capítulo utiliza uma metodologia que incorpora narrativas contra-hegemônicas para discutir as lutas urbanas e romper com os silenciamentos impostos pelas estruturas de poder. O objetivo é resgatar a história da população do Bom Parto, representando suas dinâmicas urbanas muitas vezes ignoradas pelas narrativas dominantes. A reconstrução histórica do bairro abrange desde os primeiros registros de sua ocupação, no final do século XIX, até suas relações com a paisagem e a história da cidade. O capítulo está estruturado em três tópicos: **Caracterização socioespacial**, **O bairro (re)existente** e **O bairro pós-crime socioambiental**, que, em conjunto, exploram as dinâmicas do passado e seus desafios contemporâneos.

O estudo iniciou com a análise de materiais publicados em plataformas digitais, como artigos, livros e perfis como *História de Alagoas* e *Maceió Antiga*. A partir dessas referências, foi possível identificar a expansão urbana do bairro e os contextos sociopolíticos que moldaram sua formação. Além disso, foi abordada a dinâmica das Vilas Operárias e a influência das fábricas industriais, especialmente a indústria têxtil, no crescimento e assentamento do Bom Parto. As pesquisas sobre o crime socioambiental envolveram a análise de materiais publicados, relatórios diagnósticos, participação em escutas públicas realizadas pela Braskem, uma visita ao bairro do Bom Parto, em julho de 2023 e estudos de produções ativistas, acadêmicas e audiovisuais, como o *Instagram Cotidiano Fotográfico*, de Carlos Eduardo Lopes.

A partir desse conjunto de informações, a análise urbanística sobre os impactos do crime no cotidiano dos moradores foi estruturada em oito eixos urbanos: infraestrutura, habitação, meio ambiente, mobilidade, emprego e renda, educação, saúde e cultura/arte. Esses eixos foram adaptados do TFG de Paula (2019), com a inclusão do meio ambiente, devido à classificação do Bom Parto como Zona de Interesse Ambiental e Paisagístico (ZIAP) pelo Plano Diretor (2005), e da cultura, considerando a relevância das manifestações artísticas como forma de expressão e resistência nos bairros negros (Henrique Cunha, 2015).

Por fim, o capítulo aborda questões interseccionais que conectam o bairro à exclusão territorial e racial vivenciada em Maceió, destacando como o Bom Parto, historicamente um território negro e operário, enfrenta os impactos dos sistemas capitalistas, racistas e patriarcais. Esse estudo abre caminhos para “reescrever o

Conforme os dados do IBGE (2022), uma parcela de 43,8% do seu território é classificada como “favelas e comunidades urbanas”, marcado por um déficit habitacional, com irregularidade fundiária, adensamento excessivo e domicílios informais, especialmente às margens da Laguna Mundaú. Essas áreas, compostas por terrenos turfosos, são ambientalmente sensíveis e estruturalmente instáveis para habitação, além de altamente suscetíveis a enchentes e deslizamentos, o que agrava os riscos à segurança dos moradores e compromete a vegetação nativa.

Em 2010, o bairro era marcado com uma alta densidade demográfica de 22.930,35 hab/km² (IBGE, 2010), composto por 12.841 habitantes, mas, após o crime socioambiental, e o esvaziamento do território o número caiu para 8.010 (IBGE, 2022). Segundo a pesquisa levantada pela Diagonal¹⁵ (2023), dentre as famílias removidas, cerca de 30% se estabeleceram nos bairros Cidade Universitária, Tabuleiro do Martins, Benedito Bentes e Santa Lúcia, um dos principais fatores de influência para a ocupação desses bairros de destino da população removida, foi a especulação imobiliária, a qual dificultou o acesso a imóveis com qualidade e localização similares.

[...] é nos bairros com imóveis mais baratos, que se sobrepõem características de vulnerabilidade. Neles se observa um padrão de urbanização com carência de infraestrutura, baixa qualificação do ambiente urbano, oferta mais reduzida de equipamentos públicos de educação e dispêndio de mais de uma hora nos deslocamentos rotineiros casa-trabalho das populações com renda per capita inferior a um salário-mínimo (Diagonal, 2023, p. 440).

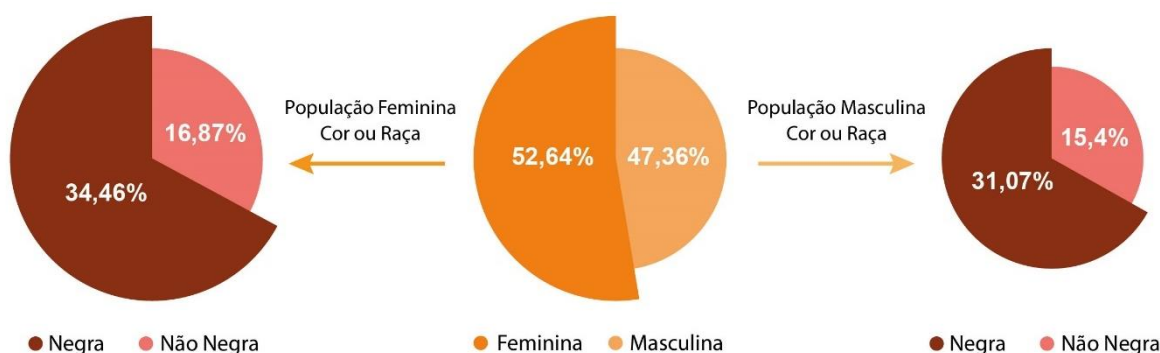
A imposição do deslocamento forçado intensifica vulnerabilidades existentes, especialmente para a população negra, ao limitar o acesso a moradias dignas e dificultar a reintegração em novos territórios. Essa situação, frequentemente, resulta na perda de emprego e renda estável, afetando desproporcionalmente mulheres negras, que enfrentam as maiores dificuldades para recuperar oportunidades econômicas, ampliando sua vulnerabilidade socioeconômica (Aristides *et al.*, 2023).

¹⁵ A Diagonal Empreendimentos e Gestão de Negócios foi contratada pela Braskem para elaborar o Plano de Ações Sociourbanísticas (PAS), visando mitigar os impactos socioambientais decorrentes da extração de sal-gema.

Em novembro de 2023, foi divulgado o relatório técnico “Caracterização da população deslocada por raça e gênero”¹⁶, pela Braskem, no entanto, os dados apresentados baseiam-se predominantemente no Censo de 2010. Tendo em vista a existência de lacuna temporal significativa em relação à realidade atual, essas são as informações disponíveis e a partir delas a análise será conduzida.

O Bom Parto apresenta um cenário socioeconômico que reflete não apenas a estrutura social brasileira, mas também as desigualdades interseccionais que combinam gênero, raça e renda. Com uma população majoritariamente negra (65,53%), em que as mulheres representam 52,64%, sendo a maioria delas negras (34,46%) (Gráfico 3), os dados revelam disparidades marcantes nas condições de vida dos moradores, perpetuadas por fatores históricos e estruturais.

Gráfico 3 - População total de Bom Parto por gênero/cor ou raça

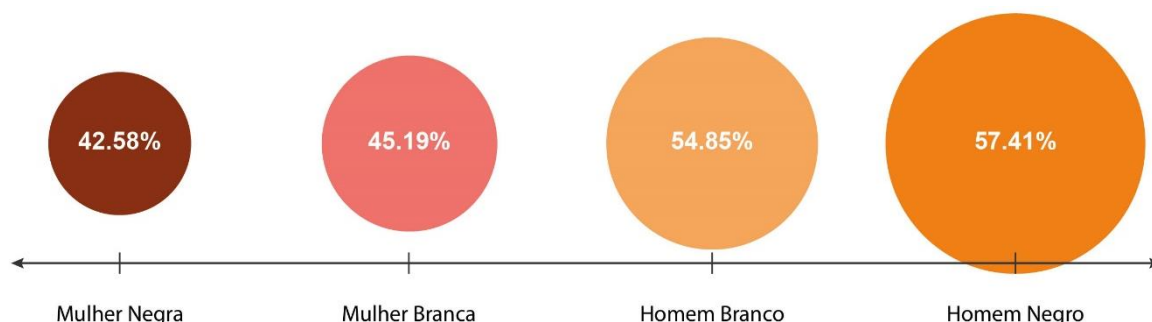


Fonte: elaboração autoral (2025), a partir de dados do IBGE (2010).

Os mesmos dados do IBGE de 2010 revelam que os homens negros são predominantemente responsáveis pelos lares no Bom Parto (Gráfico 4), um reflexo de padrões tradicionais de organização familiar, mas que se diferencia das tendências nacionais observadas em 2023 pela DIEESE, baseadas na PNAD Contínua de 2023, em que as mulheres passaram a liderar mais lares, podendo, assim, ter uma interferência no cenário atual do bairro.

¹⁶ Documento elaborado pela UFAL, com interveniência da Fundação Universitária de Desenvolvimento de Extensão e Pesquisa (FUNDEPES).

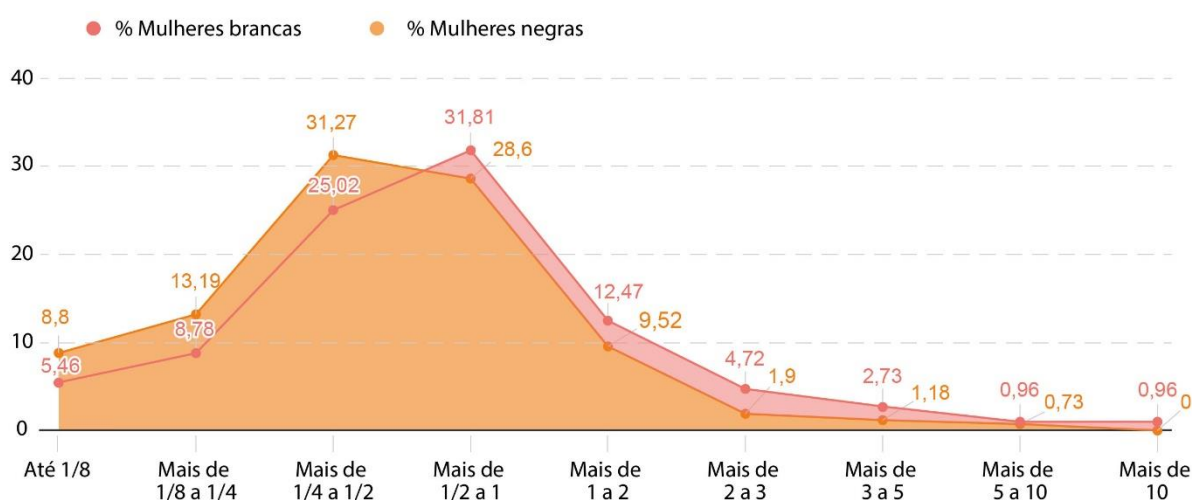
Gráfico 4 - Distribuição percentual de chefes de famílias por gênero/cor ou raça do Bom Parto



Fonte: elaboração autoral (2025), a partir de dados do IBGE (2010).

A predominância de rendimentos entre um quarto e meio salário mínimo no Bom Parto demonstra a fragilidade econômica da maioria das famílias. Contudo, as desigualdades tornam-se mais evidentes ao analisar que as famílias chefiadas por mulheres negras predominam na faixa inferior a um oitavo de salário mínimo, indicando uma situação de extrema pobreza. Em contrapartida, a renda superior a dez salários mínimos é detida por mulheres brancas, refletindo a continuidade de um sistema desigual (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita das famílias chefiadas por mulheres do Bom Parto



Fonte: elaboração autoral (2025), a partir de dados do IBGE (2010).

O cruzamento de gênero, raça e renda destaca as mulheres negras como o grupo mais vulnerável do bairro. Elas enfrentam barreiras adicionais no mercado de

trabalho, que se refletem em taxas elevadas de desemprego, na subutilização (emprego abaixo de sua capacidade) e na subocupação (menos horas trabalhadas do que o necessário para garantir renda adequada), além de serem as mais suscetíveis a violências decorrente de criminalidade. Conforme o relatório técnico, o Bom Parto é o segundo bairro, entre os afetados pelo crime socioambiental, que lidera os casos de violência doméstica contra a mulher, sendo as mulheres negras as principais vítimas de estupros (Aristides *et al.*, 2023).

A caracterização socioespacial do Bom Parto evidencia a interseção entre desigualdade social, vulnerabilidade ambiental e impactos estruturais históricos. O bairro, embora pequeno em extensão territorial, abriga uma população predominantemente negra e enfrenta desafios habitacionais e econômicos. A remoção forçada de moradores após o crime socioambiental intensificou essas desigualdades, agravando a precarização das condições de vida, especialmente para as mulheres negras, que são as mais afetadas pela pobreza e pela violência de gênero. O cenário reflete padrões históricos de segregação urbana, nos quais a marginalização territorial se sobrepõe a questões raciais e de classe, perpetuando ciclos de exclusão e precariedade.

Diante desse contexto, compreender o processo de urbanização do Bom Parto é essencial para analisar as dinâmicas que moldaram sua configuração atual. A ocupação do território, marcada por um crescimento desordenado e pela especulação imobiliária, reforça a exclusão socioespacial e revela contradições entre a necessidade de moradia e as restrições ambientais da área. O próximo capítulo abordará essa trajetória urbana, investigando como políticas públicas, disputas territoriais e resistências populares influenciaram a conformação do bairro ao longo do tempo.

3.2 O bairro (re)existente

Para compreender o processo de urbanização do bairro até momentos que antecedem o crime socioambiental, foi necessário um aprofundamento em referenciais teóricos (Ticianeli, 2019; 2022; Maceió..., 2021; Gomes; Silva; Vianna, 2021). No entanto, existem diversas lacunas históricas, especialmente no que diz a respeito à cultura negra. O apagamento histórico de bairros negros é reflexo de tecnologias racistas que operam para negar e eliminar a existência de minorias sociais, sustentadas por “políticas do apagamento” (Tavares, 2020, p. 20) que deslegitimam o direito ao território, à ancestralidade e à memória dessas populações que ficam à mercê de ciclos de violações sistemáticas por parte do Estado.

Apagar significa eliminar qualquer possibilidade de lembrança sobre si e os seus (Souza; Assis, 2019) comprometendo sua capacidade de projetar futuros significativos. A memória, entendida como um fio que mantém vivas histórias e tradições, é essencial para a continuidade de um povo. Desse modo, reviver a memória coletiva por meio da reconstrução de fragmentos históricos torna-se um meio de reparação frente às políticas de apagamento sofridas pela população negra.

Com os referenciais teóricos consolidados, a análise territorial dos aspectos físicos do bairro e no método da “caminhada-ficção científica futurista”, proposto por Paterniani (2019) em sua tese *São Paulo cidade negra: branquidade e afrofuturismo a partir de lutas por moradia*¹⁷, faremos uma viagem ao passado do Bom Parto em seu período de apogeu, mesclando narrativas históricas e ficções especulativas, autorais, para imaginar esse território em 1923¹⁸. Essa abordagem permite explorar a possibilidade de revelar um passado ancestral, que ressurge nos espaços livres e públicos do bairro e persiste até os dias atuais.

¹⁷ Por meio de uma caminhada na cidade de São Paulo, Paterniani (2019) conduz uma análise afrofuturista do meio urbano, fazendo o exercício de reimaginar a cidade e seus espaços livres ocupados pela população negra.

¹⁸ A data fictícia para o passeio definida é 1923, marcando 100 anos antes da visita técnica realizada em 2023.

3.2.1 Memórias que atravessam o tempo

19 de junho de 1923 (data fictícia)

Vindo da Cambona, uma região ao sul do bairro, seguiremos nosso caminho rente aos trilhos do trem, adentrando cada vez mais no coração do Bom Parto, revelando as vivências e pluralidades daquele pequeno território, onde o cotidiano orbitava em torno da grande Fábrica de Tecidos Alexandria, que se encravava cada vez mais na vida daqueles operários que dependia dEla para sobreviver.

A passos lentos, podemos ver mais adiante a veemente Alexandria, que de modo adestrador, alertava com o sibilo de apito, o início da labuta. Enquanto a cidade descansava em seus momentos de letargia noturna. Ela se mantinha desperta há três turnos, permanecia viva e pulsante, tecia internamente os seus tão disputados tecidos de algodão — tesouros cobiçados por consumidores ávidos.

Com seus olhos vigilantes, que transcendem para além das paredes do seu edifício, atendeu às demandas do seu povo e fez das suas necessidades uma realidade, implantou feiras, escolas e casas, tecendo cuidadosamente uma trama indissociável entre os fios dos seus tecidos e os fios de vida dos seus operários. Assim seguia, ludibriando aqueles que a cultuavam quase como uma entidade.

Seguindo nosso caminho, passamos por um grupo de mulheres idosas que se acomodavam nas calçadas como guardiãs do tempo e algumas gestantes que já a ponto de parir, continuavam fazendo seus afazeres de casa, estendendo roupas, varrendo a rua, carregando baldes d'água na cabeça. Todas elas aguardavam pacientemente o anoitecer, para se dirigirem juntas ao pé da ladeira, onde se encontrava a Igreja de Nossa Senhora do Bom Parto. Tão antiga quanto o tempo, expressava, em sua arquitetura religiosa neocolonial, características do barroco brasileiro, e com uma enorme escadaria revestida em pedras, a elevavam à sua imponência. E era ali, sob o manto sagrado da Virgem Maria, que as mulheres rezariam o terço, pedindo por gestações serenas e bebês saudáveis, carregando em cada palavra pronunciada, a esperança de um futuro promissor.

O próximo percurso nos levou aos sons de crianças e jovens compartilhando risadas que ecoavam pelas ruas, todos eles voltando cansados do trabalho na fábrica, mas alegres, revisitavam as lembranças das noites de festas e bailes do sindicato,

eventos que persistem vivos em suas memórias. Já estavam ansiosos para que quando o São João chegasse, se juntassem em uma roda de coco alegre. Um deles chacoalhando uma latinha com grãos de milho improvisada, enquanto os outros iam batendo as palmas das mãos e os pés descalços na terra, seguiam levantando poeira, fazendo todos em volta cantarem uma cantiga de coco do tempo dos escravos:

*“EU TIRO UM, TIRO UM, TIRO UM, CABORÉ.
EU TIRO UM, EU BOTO EM CIMA DE DOIS. CABORÉ.
EU TIRO DOIS, EU BOTO EM CIMA DE TRÊS. CABORÉ...”
Cantiga de Coco de Roda*

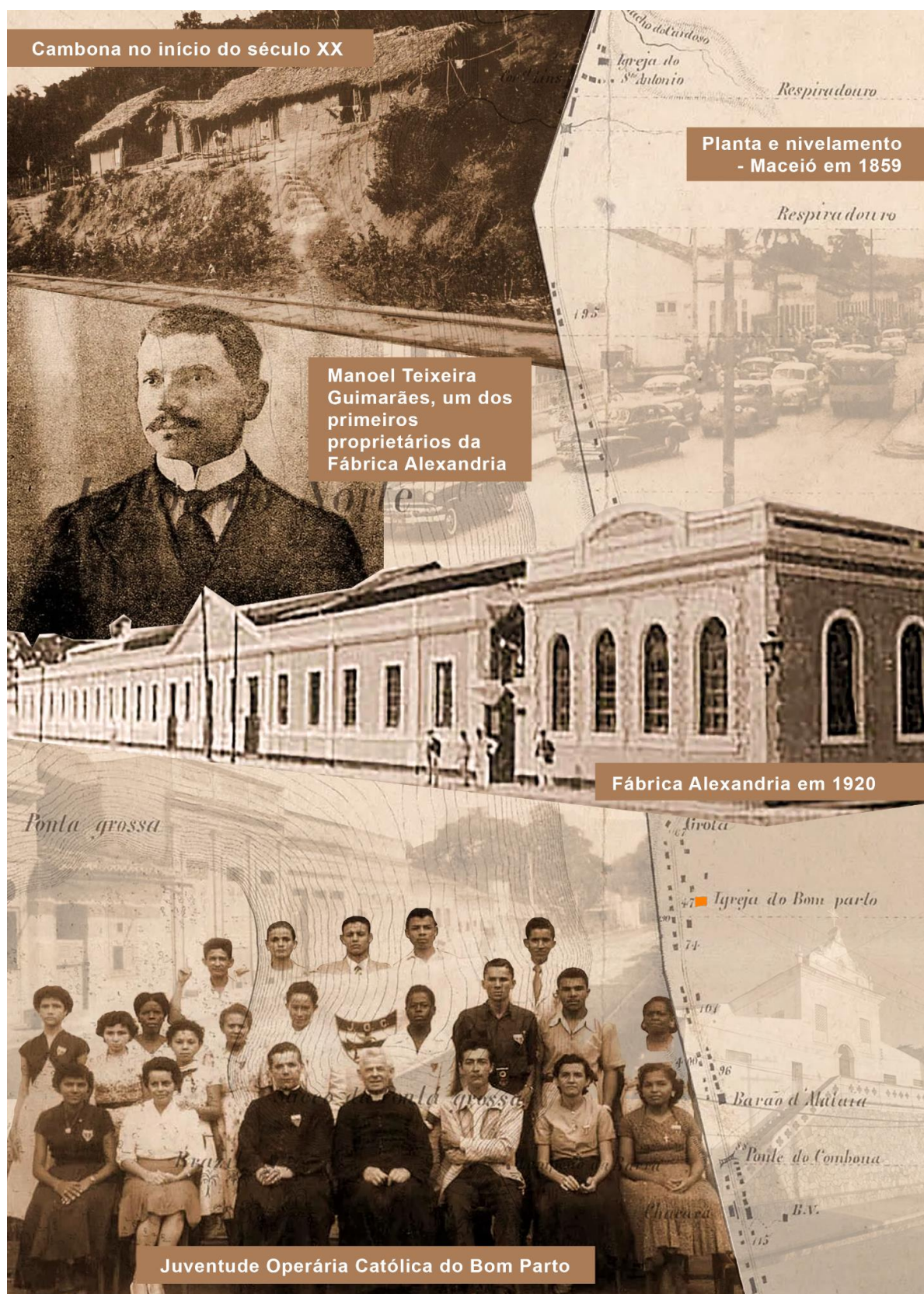
Seguindo em frente, o bairro revelava mais camadas de sua identidade. A hierarquia da vida se arquitetava por entre as casas ali presentes. Residências amplas, com varandas ornamentadas, eram destinadas aos funcionários com cargos mais elevados. Enquanto, um conjunto de pequenos lotes abrigavam casas simples e geminadas de portas e janelas que se prolongavam até a encosta do tabuleiro e as margens da Laguna Mundaú, testemunhando, em sua linearidade, a vida humilde dos operários.

Desviamos brevemente nosso rumo para olhar a calma das águas da Laguna Mundaú, com construções de palafitas construídas a suas margens, esse serente ancestral, que através da sua imensidão verde-azul, acolhe e ancora pequenos barcos e jangadas de madeira que traziam consigo montanhas de sururu e pescas, hipnotizando e sustentando a vida daqueles que fluem por suas correntezas.

E assim, voltando para os caminhos dos trilhos, imersivos na atmosfera do bairro, podemos escutar ao longe, o tilintar do Bonde, trazendo os moradores do Centro da cidade ao bairro, e logo após seguindo seu rumo para o Mutange, Bebedouro, até chegar em seu destino. Faz um tempo desde que iniciamos esta volta às memórias do Bom Parto, e agora, ainda rente aos trilhos do bonde que acabou de passar, já quase adentrando no bairro do Mutange, estamos chegando ao fim da nossa andança (Colagem 2). Retornaremos, então, ao presente miserável-distópico¹⁹ dos dias atuais.

¹⁹ “Presente miserável-distópico” é um termo introduzido por Parteniani (2019), que, após imagear, em sua tese, outras possibilidades de se viver o presente, volta a encarar a realidade atual, que se manifesta de forma negativa e opressiva.

Colagem 2 - Registros fotográficos do Bom Parto no final do séc. XIX e início do séc. XX



Fonte: elaboração autoral (2025), a partir de acervo de fotografias de Ticianeli (2019).

A Igreja de Nossa Senhora do Bom Parto se encontra em registros de mapas de Maceió datados de 1859, que, segundo pesquisas, indicavam que no local já existia uma construção simples dedicada à santa, servindo como um ponto de referência na cidade (Ticianeli, 2019). Foi a partir dessa igreja que se originou o nome do bairro do Bom Parto. A ocupação do bairro teve início devido às suas conexões viárias do Centro da cidade com outras áreas e com a instalação da Fábrica de Tecidos Alexandria, em 1911, que configurou o bairro como uma vila operária para seus funcionários, e assim houve seu desenvolvimento urbano (Bulhões, 2023).

A indústria fabril acabou por reger todas as atividades econômicas da região durante muitos anos, de modo a se tornar um grande marco na economia do Estado, devido a sua ampla oferta de variedade e qualidade na produção de tecidos, fustões e morins, que eram produzidos por meio de maquinários importados da Europa (Gomes; Silva; Vianna, 2021, p. 260).

Durante o período de ativação da fábrica, o bairro viveu seu momento de apogeu, porém, esse modelo de fábrica com vila operária, exercia uma relação de poder sobre a comunidade a partir de uma lógica capitalista, que orchestra o modo de trabalhar e o modo de viver, seguindo preceitos cristãos (Santos, M. A. N., 2018). Assim, as tentativas de controle moral e social eram impostas sobre os operários de modo que as vilas, para além da oferta de moradia, fossem também projetadas para manter os trabalhadores próximos à fábrica, facilitando a vigilância e a influência dos patrões sobre suas vidas, fora do ambiente de trabalho.

A organização das vilas operárias também refletia uma hierarquia social, alinhada aos valores cristãos e à moral burguesa. As vilas frequentemente incluíam igrejas, escolas e outros equipamentos sociais que serviam para reforçar esses valores e disciplinar os trabalhadores. Essa estrutura buscava não só a eficiência produtiva, mas também a conformidade moral, integrando a vida laboral e pessoal dos operários em um sistema de controle mais amplo (Leite Lopes, 1988). E assim a relação fábrica-igreja no Bom Parto constituiu um elemento central na dinâmica da comunidade que moldou o bairro por décadas.

No que diz respeito às casas dos operários, nota-se que no contexto geral da vila fica claro o uso das tipologias das residências como uma forma de evidenciar as hierarquias existentes no ambiente de trabalho,

que se estendem para além da vida laboral e se manifestam por meio das casas geminadas, com plantas e fachadas mais simples — dedicadas aos operários — e das residências com varanda na frente e ornamentadas — dedicadas os funcionários com cargos maiores (Gomes; Silva; Vianna, 2021, p. 261).

A desativação e venda da Fábrica de Tecidos Alexandria, em 1966 (Ticianeli, 2022), marcou o início de um processo de declínio no bairro. Como em muitos outros casos de urbanização guiada pela lógica capitalista, a perda da função industrial levou à desvalorização econômica da área, afetando diretamente seus moradores. Sem investimentos que compensassem essa transformação, o bairro enfrentou um processo gradual de precarização, intensificado pelo crescimento desordenado de Maceió.

O Bom Parto possui um grave déficit habitacional, marcado por irregularidade fundiária, falta de infraestrutura básica e adensamento excessivo, além de domicílios precários e improvisados, que ficam localizados, principalmente, à beira da Laguna Mundaú. Essas ocupações, próximo a esse corpo d'água, estão localizadas sobre terrenos turfosos, acabam por degradar a vegetação nativa de mangue, se tornando áreas inundáveis e ambientalmente sensíveis.

Ademais, os impactos ambientais negativos sobre a Laguna são intensificados pelas deficiências no saneamento básico, uma vez que muitos domicílios descartam resíduos sólidos e esgotos diretamente na Laguna ou em canais que nela deságuam, comprometendo ainda mais o equilíbrio ambiental e a qualidade de vida da população local. Uma das doenças mais presentes nesse território é leptospirose, que se torna mais presentes em períodos de chuva. Relata a moradora do bairro, Eva Correia, de 64 anos, para o jornal Tribuna Hoje (2022, *online*):

A água deu quase na cintura, só não perdi meus móveis porque são de madeira e o restante das coisas fomos suspendendo para não perder. A gente sabe que depois que a água vai embora tudo se acalma, mas é preciso fazer alguma coisa.
Um vizinho ali pra baixo teve essa doença [leptospirose] e morreu, outro também teve não sei o que aconteceu, é muito ruim tudo isso.

Uma melhoria urbana significativa ocorreu na mobilidade, que antes dependia exclusivamente do transporte ferroviário e avançou com a implementação do Sistema de Mobilidade Integrado de Maceió (SIMM). Esse sistema aproveitou os eixos viários

já existentes e incorporou novas vias estruturais ao longo dos anos, facilitando o fluxo de transporte e ampliando a conectividade do bairro com outras regiões da cidade (Gomes; Silva; Vianna, 2021). No entanto, apesar dessas melhorias, desafios persistem, especialmente para aqueles que se deslocam a pé ou de bicicleta. A falta de ciclovias adequadas e as calçadas em más condições — frequentemente quebradas, irregulares ou inadequadas — comprometem a acessibilidade e a segurança dos pedestres e ciclistas.

Em relação aos costumes, o que se manteve de forma assídua foram as atividades religiosas, uma vez que a Igreja de Nossa Senhora do Bom Parto, manteve-se preservada, com suas festividades cristãs. Além da igreja, algumas edificações remanescentes da antiga vila operária persistem, embora muitas tenham sido descaracterizadas com o passar do tempo (Patrimônio..., 2021). Enquanto a fábrica, por sua vez, foi demolida na década de 1990 e substituída pela sede da Secretaria Municipal de Educação de Maceió (SEMED) (Gomes; Silva; Vianna, 2021).

O bairro também manteve seus modos de vida ribeirinhos, com a tradição da pesca e construções de jangadas. Para além: segundo o líder comunitário do bairro, Fernando Lima, o Bom Parto se consolidou como um polo cultural efervescente, cenário de diversas manifestações culturais, abrigando escolas de samba, blocos carnavalescos, festas juninas que se estendiam por todo o ano, além de contar com mestras de folguedos, grupos de coco de roda e fandango. Fortalecendo, assim, seus laços comunitários, e reafirmando a identidade negra do território, enraizando no espaço urbano as memórias e resistências de seus moradores.

Percebe-se aqui como a lógica capitalista se manifesta no bairro por meio da valorização territorial atrelada à sua funcionalidade econômica, sendo um bairro de classe trabalhadora, sua importância dentro da cidade estava diretamente ligada ao poder econômico gerado pela indústria têxtil. Com o fechamento da Fábrica de Tecidos Alexandria, o bairro perdeu sua função produtiva dentro desse sistema e, conseqüentemente, passou por um processo de desvalorização. Sem o interesse do setor privado, a responsabilidade pelo seu desenvolvimento recaiu sobre o poder público, que, no entanto, deixou a população à mercê de políticas urbanas insuficientes e da precarização das condições de vida, gerando problemas que foram exacerbados durante o processo de subsidência de solo.

3.3O Bairro Pós-crime socioambiental

A descoberta do crime socioambiental causado pela Braskem intensificou problemas já existentes no Bom Parto, como infraestruturas precárias e riscos à segurança e à saúde da população, interferindo nas suas condições de vida. Um cotidiano fragilizado do bairro veio à tona, marcado por incertezas e indignação nas decisões acerca daquelas vidas, removidas à força de suas casas, sem plena garantia dos seus direitos, à mercê de acordos entre a empresa e o governo para as devidas medidas cabíveis, indenizações e ressarcimentos dos prejuízos.

De acordo com o Plano de Atendimento do Programa de Compensação Financeira, a família realocada pode optar pela negociação por valor único — onde a família tem o direito de receber um valor fixo de R\$81 mil reais pelo imóvel —, ou pela negociação por valoração — onde é feita a valoração do imóvel, a valoração de danos e a valoração de lucro cessante para chegar ao valor final de compensação (Diagonal, p. 439).

O bairro ainda abriga uma significativa parcela da população que, por não residir em áreas classificadas como “Riscos de Criticidade”²⁰ pela Defesa Civil de Maceió, permanecem no território, forçados a conviver com as consequências do crime socioambiental, enquanto lutam pelo direito a uma indenização justa. Diante desse contexto, cabe ao campo da Arquitetura e Urbanismo propor estratégias efetivas de reparação que levem em conta tanto os danos materiais quanto os imateriais vividos pela população, incluindo o reconhecimento do papel dos moradores como agentes ativos na reimaginação e reconstrução do território.

Para compreender o bairro do Bom Parto no atual cenário, realizou-se uma visita a campo fruto de uma colaboração entre a disciplina de Projeto de Paisagismo II do 4º período, pelas discentes Flavia Araújo, Diane Helene, e a disciplina de Diagnóstico e Planejamento II, do 6º período, pelas discentes, Caroline dos Santos e Regina Coeli, da FAU, no período letivo 2023.1, juntamente com o líder comunitário do bairro, Fernando Lima. O trajeto dessa visita foi está disponível no Mapa 7.

²⁰ Classificação utilizada pela Braskem para identificar regiões de Maceió sujeitas a riscos geológicos decorrentes da exploração de sal-gema. As áreas de “Criticidade 01” não exigem evacuação, mas permanecem sob monitoramento constante. Já as áreas de “Criticidade 00” são aquelas com risco elevado, onde há intensa movimentação do solo, resultando em patologias estruturais e por tal motivo, essas áreas foram indicadas para realocação e atualmente encontram-se desocupadas.

Mapa 7 - Visita técnica



Fonte: elaboração autoral (2023).

Durante a jornada, foram registrados, por meio de fotografias, conteúdos audiovisuais²¹ e anotações, as relações da comunidade com aquele espaço semi-habitado. Essa abordagem permitiu retomar as evocações que o território emitia e as reflexões/debates sobre o impacto do esvaziamento do bairro no cotidiano dos moradores, utilizando, também, embasamentos teóricos e atravessamentos identitários em relação ao ser-habitar a cidade, para reinterpretar as transformações na paisagem e vínculos afetivos percebidos nessa visita de campo.

Para as pessoas afetadas pela mineração da Braskem, seus lugares estarão sempre em sua memória, aprisionados e alimentando uma identidade regional e um sentimento que incitam a rememoração de um lugar perdido, arruinado, porém vivo e perene nas vozes, nos sonhos e, especialmente, nos encontros com outros ex-moradores (Correia; Silva, 2022, p. 119-120).

²¹ Link: [Visita Bom Parto - 19-07-2023](#).

3.3.1 Há uma rachadura que não cessa!

19 de julho de 2023

Iniciando a visita a campo na Estação ferroviária de Maceió, no bairro do Centro, pegamos o Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) e pela linha férrea seguimos rumo à estação de Bom Parto, nossa porta de entrada ao bairro. Desembarcando na estação, seguimos em direção ao primeiro ponto de parada da visita, uma esquina onde a rua à direita dava de frente à Igreja da Nossa Senhora do Bom Parto, bloqueada por tapumes metálicos após ser desativada, em 2022. Presente desde do século XIX no território, o bairro, outrora definido pela simbiose fábrica-igreja, vê-se agora desprovido de ambas as atividades — imagino o impacto da perda dessa igreja na identidade e dinâmica da comunidade.

Parados sobre os trilhos cobertos por gramas, por onde o VLT já não seguia mais, pude perceber como a vida se mantinha naquela via principal. Carros, motos, bicicletas e ônibus estacionados, pessoas nas ruas, nas calçadas e nos bares e uma música do Reginaldo Rossi tocando ao longe marcavam um cotidiano pouco movimentado entre os esgotos a céu aberto, montanhas de lixos e metralhas. Dirigindo nossa atenção às residências, de um lado dos trilhos as casas estavam sendo habitadas, enquanto do outro lado dos trilhos, a paisagem revelava uma fusão de residências ativas e outras desocupadas, onde portas e janelas foram substituídas por muros de tijolos aparentes — uma tentativa de sufocar a vida. Essa dicotomia visual narra a remoção e a desvinculação forçada dos afetos que ali existiram.

*“A DIVISÃO DO TRILHO DELIMITA O QUE UM DIA
ELE [O BAIRRO] FOI E O QUE ELE É”
Fernando Lima*

Durante esse processo de subsidência, a população vive oprimida de todas as formas possíveis, sem acesso a serviços básicos de saúde, transporte e educação, tendo o VLT como único meio de transporte viável, ou como alternativa, pegar pelo menos 2 ônibus e assim ter acesso a unidades públicas de saúde de outros bairros. Travando uma batalha contínua por uma indenização justa para 4000 famílias, a população está à mercê de acordos entre a empresa e o governo para as devidas

medidas cabíveis, indenizações e ressarcimentos dos prejuízos. Por meio de manifestações, protestos e denúncias à ONU, processos contra a sede internacional da Braskem, na Holanda, cobram diariamente uma postura do Poder Público.

*“ENQUANTO UNS BRIGAM COM A BRASKEM,
OUTROS BRIGAM COM A PREFEITURA”
Fernando Lima*

Seguindo nosso percurso, deixamos para trás o chão de asfalto e adentramos em um estreito beco de chão de barro. Naquela área, a paisagem se configurava em um deserto silencioso onde o sentimento de esvaziamento se fazia maior. Induzidos pela linearidade de um córrego, que assim como a linha férrea, dividia o bairro entre vivacidade e esvaziamentos, fomos de encontro à Laguna Mundaú. Passamos por escombros e casas com códigos pichados em tinta spray vermelha — demarcando na paisagem que a Braskem passou por lá —, havia fragmentos de tijolos e cerâmicas quebradas no chão e camadas de pinturas que descascavam das paredes. Passamos também por outras casas e por vestígios do cotidiano, de quem ainda estava morando lá, através das roupas estendidas nos varais, os emaranhados das fiações dos postes, os veículos ali estacionados, galinhas e cavalos que faziam parte do cenário.

Chegamos à nossa segunda parada, onde pudemos contemplar a Laguna Mundaú em um espaço amplo, sem edificações de chão de terra batida que se misturava com capim e lixo. Imagino essa área tomada por diversas manifestações culturais: pelas festas juninas com fogueiras de São João estalando, o coco de roda levantando poeira, o som vibrante da escola de samba em um bloco carnavalesco, rodas de capoeira embaladas pelo toque dos berimbaus e manifestações religiosas — tornando-se um lugar de resistência e memória coletiva negra.

Ao longe, haviam pessoas sob amendoeiras e pés de coco que margeavam a beira da laguna, juntamente com as garças, bodes e cavalos. Havia crianças pescando em pequenas lagoinhas que desembocavam na Laguna — essa água era, em outra época, esgotos devido à sistemas inadequados de coleta e saneamento, porém, após a remoção de parte da população do bairro, esses rios deixaram de receber dejetos, permitindo a recuperação gradual da fauna, com o reaparecimento de peixes, onde a comunidade, se aproveitando dessa revitalização, redirecionou o curso de um dos rios e criou uma pequena piscina natural no local (Colagem 3).

Colagem 3 - Registros fotográficos do Bom Parto em processo de subsidiência 1



Fonte: elaboração autoral (2019).

Redirecionando o olhar para as habitações, percebo que as construções do bairro, de alvenaria aparente, não são voltadas para a Laguna, mas sim para uma dinâmica centrada na cidade — me questiono por que ter a Laguna Mundaú como meu quintal se ela pode ser minha varanda, ou, quem sabe, ser o terreno da minha casa?! Em outras visões de ser-habitar esse território, escolho tê-la sempre como a porta de entrada da casa, ao invés da saída.

Seguimos adentrando a parte do bairro onde as famílias foram removidas — identificada como “área de risco de criticidade 00”. Naquela região, nos deparamos apenas com os vazios das casas, agora destelhadas e obstruídas por tijolos, imersos mais ainda em um silêncio profundo, comprado pela Braskem. A natureza emergia como protagonista daquele cenário, gradualmente se fazendo verdejar, retomando seu espaço entre as ruínas das construções, sendo testemunha da reabilitação natural das raposas, jacarés e cobras, que encontraram refúgio nos espaços abandonados pelo homem.

Essa paisagem evoca reflexões sobre o poder da natureza diante as adversidades impostas pelo antropoceno. Trago como metáfora o “devir floresta”, de Ailton Krenak, que se manifesta de maneira poética e poderosa enquanto contemplamos a natureza (re)cobrando as edificações e as nascentes d’água que emergem do solo. Apesar da exploração e violência infligidas na terra e na água, a capacidade regenerativa desses seres, que sempre habitaram este mundo, se revela inegável. O futuro que se delineia é ancestral, uma lembrança da sabedoria e resiliência das formas de vida que precedem nossa existência. Ao reconhecer e honrar essa ancestralidade, abrimos espaço para uma visão de futuro que valoriza a conexão com a natureza e o respeito a todas as outras formas de vida.

Finalizamos nossa visita retornando à estação do Bom Parto e, enquanto esperávamos o VLT, deixamos para trás o silêncio, as ruínas e a sensação do apagamento ao sermos envolvidos pelo ritmo caloroso de um xote interpretado por um grupo artístico que também estava na estação, esperando o VLT, assim como a gente (Colagem 3). Colocamos nosso afeto no ritmo do triângulo e das vozes ali entoadas, e fazendo aqui uma referência à canção:

“O TREM PARTIU DA ESTAÇÃO...”.
Grupo Artístico Desconhecido

Colagem 4 - Registros fotográficos do Bom Parto em processo de subsidência 2



Fonte: elaboração autoral (2019).

As análises urbanísticas do bairro do Bom Parto enquanto “zona de sacrifício” (Ramos; Lazarini; Andreotti, 2021) foram conduzidas a partir de uma perspectiva de gênero, considerando que as mulheres, especialmente as mulheres negras, representam a maioria da população local. Essa abordagem se justifica pelo fato de que, além de sofrerem os impactos diretos do crime socioambiental, elas também assumem a maior parte da responsabilidade pelo cuidado familiar e pela manutenção da vida cotidiana em um território abandonado. Dessa forma, compreender as transformações do bairro exige reconhecer como as desigualdades de gênero e raça se entrelaçam na experiência urbana pós-crime socioambiental.

O colapso urbano impactou diretamente a mobilidade do bairro, levando a interrupção do trecho do VLT, em 2020. Agora, com o sistema operando entre Jaraguá/Bom Parto (linha verde) e Bebedouro/Rio Largo (linha azul), a solução provisória se deu a partir da baldeação rodoviária gratuita entre Bom Parto e Bebedouro (Figura 10). Essa mudança aumentou o tempo de deslocamentos em 40 minutos e reduziu a eficiência do sistema (Beder, 2023), sobrecarregando as atividades femininas produtivas e reprodutivas que carecem realizar diversos deslocamentos cotidianos pela cidade.

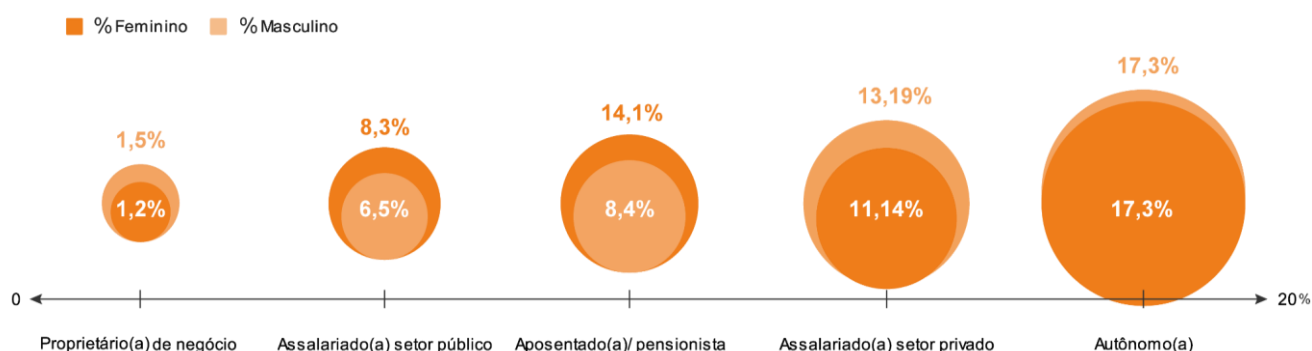
Figura 10 - Conjunto de mapas das estações da CBTU na região metropolitana de Maceió e do itinerário do ônibus da linha “Transbordo VLT”, referente às linhas Bebedouro/Bom Parto



Fonte: CBTU (2020); Moovit (2024).

Conforme a Pesquisa Socioeconômica de Pré-realocação, feita pela Diagonal, em 2021, há baixa capacidade de geração de renda entre os moradores, em que 50,09% da população declara rendimento de até um salário mínimo, e 67,56% de até dois salários mínimos. A predominância de autônomos (Gráfico 6) aponta uma informalidade do mercado de trabalho local, resultando na instabilidade econômica e a ausência de benefícios trabalhistas (Diagonal, 2023).

Gráfico 6 - Situação ocupacional por gênero no Bom Parto



Fonte: elaboração autoral (2025), a partir de dados da Pesquisa Socioeconômica Pré-Realocação (Diagonal, 2021).

O gráfico acima evidencia desigualdades ocupacionais que refletem dinâmicas de gênero. As mulheres estão sub-representadas em empregos formais, enquanto apresentam maior concentração em categorias associadas à instabilidade ou à ausência do mercado de trabalho, como aposentadorias. Com destaque para o setor privado, onde as mulheres apresentam um percentual menor (11,4%) do que os homens (13,9%), o que sugere barreiras adicionais enfrentadas por elas para acessar empregos nesse setor, como sobrecarga de trabalho doméstico não remunerado e a discriminação de gênero no mercado de trabalho. O mesmo vale para as outras ocupações analisadas, nas quais os homens possuem uma vantagem sobre as mulheres.

Outro dado importante é o elevado percentual de famílias inscritas no Cadastro Único (CadÚnico), com 80,83% de moradores de Bom Parto cadastrados e 49,08% recebendo o Programa Bolsa Família (PBF), além da presença significativa de idosos e pessoas com deficiência que recebem o Benefício de Prestação Continuada (BPC) (828 beneficiários), em que 19,4% são idosos e 80,6% são pessoas com deficiência.

Isso demonstra que uma grande parte da população depende de políticas públicas e necessita de apoio contínuo para sobreviver.

A pesquisa também aponta que o Bom Parto tem maior proporção de crianças e jovens, refletindo uma elevada taxa de dependência e baixo índice de envelhecimento (Diagonal, 2023). Isso implica na necessidade de serviços públicos voltados à infância e adolescência, como creches, instituições de educação infantil, vacinação e acompanhamento alimentar e nutricional, além de políticas que fortaleçam os cuidados familiares e comunitários.

No entanto, muitos dos equipamentos públicos de apoio à população foram desativados e/ou relocados para outros bairros, por meio de uma ação preventiva da Secretaria de Estado da Educação (Seduc), como para algumas unidades do Centro Educacional de Pesquisa Aplicada (Cepa), em 2019, e a Escola Estadual Cincinato Pinto, transferida em 2022, por meio de uma ação preventiva da mesma Secretaria (Tribuna Independente, 2023).

Esses indicadores — baixa escolaridade e rendimentos familiares, carência no acesso e oportunidades igualitárias a empregos mais estáveis e formalizados e as perdas de redes de apoio — aumentam a carga mental e física das mulheres que sofrem com a acumulação de funções no trabalho, no lar e no cuidado comunitário, e perpetuam ciclos de desigualdade, pobreza e exclusão.

Em relação à saúde da população, especialmente no âmbito emocional e psicológico, os moradores removidos destacam sentimentos de isolamento, ansiedade, insegurança, depressão e estresse agravado, frequentemente associados à perda de laços comunitários, mudanças no modo de vida e interrupção de atividades culturais e de lazer (Diagonal, 2023).

O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Bom Parto, que oferecia programas como Primeira Infância Cidadã/Criança Feliz, foi desativado e essa descontinuidade fragilizou vínculos familiares e comunitários, causando a perda de referência entre os usuários e os profissionais que prestavam atendimento no local, principalmente porque a dependência do Sistema Único de Saúde (SUS) no Bom Parto é majoritária, tendo apenas 3% da população com acesso a planos de saúde privados (Diagonal, 2023).

Para responder a essas necessidades, a Prefeitura de Maceió criou a Base de Acolhimento e Proteção (Bape) do Bom Parto (Figura 15), um espaço projetado para

centralizar e ampliar os serviços de apoio à população, garantindo acessibilidade às consultas médicas, exames e outras demandas. Composta por doze secretarias, a estrutura promove cuidados médicos, atividades esportivas e culturais, contribuindo para a recuperação das condições de saúde e bem-estar dos moradores. Realizou mais de 30 mil atendimentos nos primeiros três meses de operação (Freire, 2024)

Figura 11 - Base de Acolhimento e Proteção (Bape) do Bom Parto



Fonte: Secom Maceió (2024).

Em relação ao lazer e à cultura, o líder comunitário Fernando Lima afirmou que existe o projeto Comunidade Viva, com sede no ginásio Tenente Madalena, que oferece modalidades como futsal, capoeira, judô, jiu-jitsu e dança. Além disso, a comunidade luta para manter viva suas tradições, como o coco de roda, grupos de pastoril, reisado e as escolas de samba.

Nesse sentido, o Quintal Cultural se destaca como um espaço comunitário dotado de valor simbólico cultural. Fundado por Antônio Severino, o Quintal Cultural se consolidou como um núcleo de celebração e resistência, conectando a população às suas tradições e promovendo a continuidade histórica de diversas expressões identitárias afro-brasileiras, uma delas é o Bloco do Bobo (Figura 12), símbolo do Carnaval do Bom Parto.

Figura 12 - Bloco do Bobo em Bom Parto



Fonte: Tribuna Hoje (2024).

Este capítulo analisou as principais afetações do bairro, evidenciando o impacto do capital privado — seja pela indústria têxtil, o mercado imobiliário ou pela exploração mineral — e como sua desvalorização desencadeia um ciclo de negligências por parte do poder público, agravando a marginalização e a exclusão social da população, reforçando as desigualdades históricas de bairros negros e aprofundando a precarização do território. Os dados trazidos pela Diagonal, a partir de uma perspectiva interseccional, foram fundamentais para compreender a vulnerabilidade e afetações dos moradores frente ao crime socioambiental, eles evidenciam, por fim, como a ausência de políticas públicas eficazes desestruturam todo um território.

Diante desse cenário, cabe a esse trabalho reforçar que é essencial entender os bairros negros além da resistência à opressão e violências, e que, por meio deles, podemos criar a possibilidade de imaginar outros futuros possíveis, buscando cosmo percepções de cura e transformação para a cidade. No próximo capítulo, essa discussão será aprofundada, explorando alternativas que ressignifiquem o território como um espaço de existências que promovam formas de reparação histórica e justiça socioespacial.

4 CURANDORIA: ARTES PARA IMAGEAR OUTROS FUTUROS

Partindo do pressuposto de que a arte, no espaço público, enquanto dispositivo que estimula o pensamento crítico, pode ser um meio de transmitir mensagens que fortalecem, inspiram e criam novas perspectivas sobre o viver, o existir e o resistir (Hooks, 2021; Araújo; Borges; Ferton, 2023), especialmente em contextos onde a opressão ou a invisibilidade são comuns, o espaço urbano, como palco dessas manifestações, se torna um território de disputa simbólica, onde fabulações insurgentes emergem e desafiam as narrativas hegemônicas que historicamente moldaram a cidade.

A arte emerge como um espelho da realidade e um poderoso agente de mudança, influenciando nosso entendimento e respostas às transformações ambientais. Nesse contexto, é fundamental reconhecer como práticas artísticas contribuem para formar novas narrativas geológicas e ambientais (Ward, 2025, p. 10)

Assim, dentro do campo da Arquitetura e Urbanismo, o presente trabalho se propõe a perceber e mapear as manifestações ativistas de cura que se manifestam na cidade, buscando nelas um repositório vivo de fabulações de futuros.

Para a produção de representações positivas que rompam com as lógicas dominantes, é essencial transformar as imagens, criar novas alternativas e questionar criticamente quais tipos de representações precisam ser subvertidas. Como destaca Hooks (2019), é necessário “apresentar alternativas críticas e abrir espaço para imagens transgressoras”. Esse processo é a estratégia encontrada para afirmar um espaço urbano como um ato político que redefine as narrativas sobre pertencimento, identidade, cura e futuro.

O termo “Curandoria” nasce da fusão entre *curandeira* — aquela que, por meio de benzeduras e saberes tradicionais, promove a cura de doenças — e *curadoria* — a prática de selecionar, organizar e apresentar obras de arte de forma a construir narrativas que ofereçam novas perspectivas e interpretações. Essa mescla conceitual dá nome à etapa dedicada ao estudo de repertórios sobre ativismos urbanos de cura, com o propósito de trazer embasamentos para elaborar a contrafeitiçaria para o Bom Parto, dentro deste “Rito de Curá”.

Dessa forma, este capítulo se estrutura em dois eixos principais: o primeiro deles **Cartografando resistências**, se dedica ao mapeamento e análise das manifestações artísticas. Para tal etapa, a plataforma digital do *Instagram*, desempenhou um papel relevante nesse processo. As imagens ali compartilhadas não são elementos isolados, mas fazem parte de um sistema mais amplo de informações e interações.

Assim, para o mapeamento dos “artistas-curandeiros”, essa rede social revelou-se uma ferramenta estratégica, pois sua interface permite a articulação entre diferentes camadas de conteúdo. Entre os principais elementos que estruturam as postagens, destacam-se: (a) os dados visuais, como fotos e vídeos; (b) os metatextos, constituídos por legendas e hashtags que orientam a interpretação da imagem; (c) os dados algorítmicos, que incluem informações como localização, marcações e hashtags, influenciando a distribuição e a recepção das publicações; e (d) a interação social, que ocorre por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos, ampliando e ressignificando os conteúdos conforme a participação do público.

Além disso, para a análise dos ativismos urbanos a metodologia se baseou se na análise imagética proposta por Martine Jolly (1996), que examina a composição da imagem (contexto, elementos, cores e formas) servindo de base para entender como os artistas estão comunicando imagetivamente essa visão de futuro a partir da contracolonialidade.

O segundo eixo: **Cultivando narrativas**, está relacionado ao processo criativo da definição dos elementos visuais que irão compor as fabulações criadas para o Bom Parto ancestral pós-crime socioambiental. Para tal, foi utilizado métodos para o desenvolvimento de produtos através de projetos experimentais criada por Gui Bonsiepe (1984) adaptando a metodologia de design industrial para elaboração de design gráfico.

Assim, a “Curandoria” permite um olhar aprofundado sobre as pluralidades do ativismo urbano brasileiro, evidenciando como essas produções estético-políticas atuam ativamente na construção de narrativas de resistência e transformação. Ao compreender as contribuições dos artistas nessa revolução contracolonial, este estudo busca não só reconhecer essas práticas, mas também traçar táticas e caminhos para a fabulação de um Bom Parto desejável, onde a arte se firma como ferramenta de cura, reivindicação e reimaginação do território.

4.1 Cartografando Resistências

A arte urbana, muitas vezes, se apresenta como um meio sensível para acessar emoção, desejos e angústias que atravessam a realidade de indivíduos e comunidades no espaço urbano. Enquanto expressão estética e política, ela materializa vivências que não conseguem encontrar espaço dentro dos discursos hegemônicos, funcionando como um canal de comunicação entre os corpos que habitam a cidade e suas territorialidades.

Bell Hooks (2019) destaca que, no campo das representações culturais e dos regimes imagéticos de controle, os processos de subjetivação são mediados pela linguagem e pelas imagens normativas impostas pelo olhar colonial. Para romper com esses enquadramentos, é preciso “transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar nossas visões de mundo” (Hooks, 2019, p. 32).

Por essa razão, o ativismo urbano emerge como um campo de visualização que se manifesta a partir da insurgência de novos símbolos, imagens e representações, que não se limitam à denúncia das desigualdades e violências urbanas, mas reafirmam outras formas de existência. Dessa maneira, o espaço urbano deixa de ser apenas um palco de exclusão e opressão e se torna um território de fabulação — um lugar onde diferentes futuros podem ser imaginados e experimentados — e de resistência, reafirmando a cidade como um espaço vivo, político e em constante transformação.

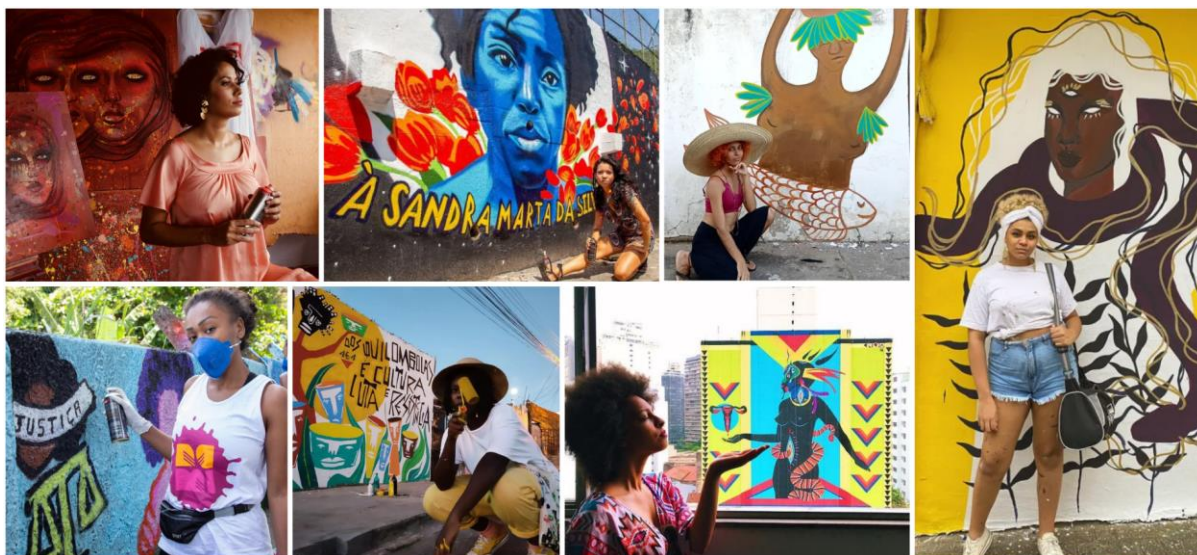
[...] as pessoas envolvidas com ativismos denunciam injustiças sociais com intuito de transformar, chamar a atenção para violências, criar empatia entre o público e as causas sociais, promover tensões, fissuras, e, o que nos parece mais poderoso, viabilizar *novas formas de ser e existir no mundo*. Os ativismos, investimentos da política na arte e da arte na política, em última instância, preocupam-se com a inauguração de possibilidades de vida, de, poderíamos dizer, *mundos vivíveis*, vidas outras talvez (Lucas; Rocha; Alós, 2020, p. 3).

Durante o levantamento das A(r)tivistas Negras do Sul-Global²², realizado no ciclo investigativo da iniciação científica *Maceió pelas minorias: Cenários Distópicos*,

²² Link do levantamento: [A\(r\)tivistas Negras do Sul-Global - A\(r\)tivismos; Feminismo negro; Corpos racializados; sul-global](#).

A(r)tivismos e Manifestações contra-hegemônicas na esfera pública do séc. XXI (Ferton, 2022), foi possível perceber como as manifestações artísticas de mulheres negras se tornam um meio de reafirmação de seus corpos e vivências diante dos dogmas sociais e institucionais da sociedade brasileira (Figura 13).

Figura 13 - Compilado de fotografias das artistas do sul global



Fonte: elaboração autoral (2025).

Com abordagens que vão da afirmação identitária ao enfrentamento da invisibilidade e das violências históricas, essas artistas contestam a representação estereotipada e embranquecida de seus corpos. Por meio da arte, elas não apenas denunciam as opressões que enfrentam, mas também narram suas próprias histórias, definem sua realidade e constroem suas identidades (Oliveira; Revignet, 2021), ao afirmar espaços de fala e escuta na esfera pública das cidades. A artista negra Hariel Revignet²³ provoca discussões e reflexões ao demarcar, na pintura de corpos negros, um processo coletivo (Figura 14), afirmando que:

Quando pinto mulheres afro-diaspóricas e ameríndias, o tempo é atravessado pelas ancestrais do passado e do futuro. Como minhas práticas são autobiogeográficas, pintura-vivências-performance e ritualística faz parte do meu cotidiano e das mulheres que convivem

²³ Hariel Revignet nasceu em 1995, em Goiânia, onde vive e trabalha. Formada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Revignet é artista plástica com práticas autobiogeográficas. Seus trabalhos manifestam intersecções sociais a partir do feminismo negro com o foco decolonial afrodiaspórico e ameríndio.

comigo. Dentro do terreiro, na comunidade, nos movimentos sociais (Revignet, 2020, *online apud* Oliveira; Revignet, 2021, p. 167).

Figura 14 - Obra ABANDJI, de Hariel Revignet



Fonte: Projeto Afro (2020).

Em Maceió, a invisibilidade das demandas de minorias sociais foi intensificada pelo impacto da subsidência do solo, que aprofundou desigualdades socioterritoriais em todo o município. Nesse cenário, as manifestações artivistas emergiram como formas de resistência e denúncia, contestando as negligências sofridas, os acordos firmados e a falta de voz da população afetada durante esse processo. O ativismo urbano, ao atuar na interseção entre arte e política, tornou-se um meio de ressignificar o território e dar visibilidade às injustiças, tornando a cidade em uma plataforma de memória e de luta.

A ruptura deste silêncio a partir dos “usos da raiva” (Lorde, 2019) é **conquistar o lugar de ser ouvido e, portanto, pertencer**. Compreender o ativismo urbano enquanto prática insurgente e potente instrumento para fazer usos da raiva, por meio da transgressão e contestação à atual distopia em que vivemos, evidencia a importância dos movimentos contra-hegemônicos no fortalecimento das redes de resistência, ou seja, das insistência urbanas (Araújo, 2022, p. 2, grifo nosso)

Com isso, diversos projetos artivistas foram desenvolvidos em relação ao caso Braskem²⁴. Dentre eles, destaca-se o projeto *A Gente Foi Feliz Aqui*, de Paulo Accioly, realizado entre 2020-2022, que, por meio da técnica de lambe-lambe, colou fotografias de antigos moradores nas paredes e ruínas do bairro do Pinheiro (Figura 15). Essas intervenções foram compartilhadas no perfil do *Instagram* do próprio projeto, acompanhadas por depoimentos que revisitam as memórias e histórias daqueles que tiveram que abandonar seus lares.

Dona Eliliett: 'As pessoas aí eu conheço tudinho [...]. É toda uma vida aqui. E hoje, por causa dessa bixiga dessa empresa, praticamente expulsando todos nós daqui. Porque o culpado disso tudinho é ela e o governo né, tudo. Fazer o que? [...] saí de lá chorando.' (*A Gente Foi Feliz Aqui*, 2021, *online*).

Figura 15 - Intervenção com a imagem de Dona Eliliett, para o Projeto *A Gente Foi Feliz Aqui*, de Paulo Accioly, realizado no bairro do Pinheiro



Fonte: *A Gente Foi Feliz Aqui* (2021).

²⁴ Link do levantamento: [A\(r\)tivismo na esfera pública urbana de Mcz](#) (tendo em vista que a pesquisa investigou formas de resistência de minorias sociais frente aos dos cenários distópicos de Maceió, o levantamento não se restringiu ao caso Braskem, mas aos artivismos e narrativas contra-hegemônicas presentes na cidade).

Houve também atos de mobilização de um grupo de artistas consolidados no cenário artístico maceioense, que por meio do picho marcaram no asfalto de dois bairros afetados pelo crime, a mensagem *Maceió Afunda em Lágrimas*. A primeira intervenção foi realizada no Pinheiro, em 2021 (Figura 16) e a segunda em Bebedouro, em 2024 (Figura 17).

O ato de hoje foi também para clamar aos órgãos competentes desse estado que o povo pede socorro e clama por Justiça. Estamos mostrando que a classe artista está unida e não vai deixar que as vítimas desse descaso fiquem sem uma resposta plausível. Vamos cobrar através da arte, nem que juntos busquemos cortes internacionais para ajudar nossos conterrâneos (Batista, 2024, *online*).

Figura 16 - *Maceió Afunda em Lágrimas*, realizado na Alameda Dr. Moacyr Tavares Lopes, no Pinheiro



Fonte: Cinepopeia (2021).

Figura 17 - *Maceió Afunda em Lágrimas*, realizado na ladeira do Calmon, em Bebedouro



Fonte: G1 (2024).

Além desses, destaca-se o projeto *Cotidiano Fotográfico*, criado por Calos Eduardo Lopes, que utiliza o *Instagram* como ferramenta de registro e denúncia sobre o caso Braskem (Figura 18). Esse trabalho se integrou, posteriormente, ao fotolivro *Expulsão*, uma publicação que reúne setenta fotografias intimistas realizadas entre 2019 e 2023, capturando os vestígios e as memórias de ex-moradores dos bairros atingidos (Revista Alagoana, 2024).

Figura 18 - Compilado de fotografias de Carlos Eduardo para o projeto *Cotidiano Fotográfico*



Fonte: *Cotidiano Fotográfico* (2024).

As fotos do *Cotidiano Fotográfico* mostram pichações, poemas, passeatas e diversas outras manifestações populares relacionada ao caso, evidenciando que a população local também se engajou ativamente com protestos. Entre os principais meios de expressão, destacam-se as pichações nos escombros e paredes dos bairros afetados, como forma de registrar na paisagem — e manter vivo na memória — as diversas histórias desses lugares.

Por fim, destaca-se o projeto *Contra.Quebranto*, formado por três ex-alunos da FAU-UFAL, que por meio da arte muralista, utilizando a técnica de pigmentos naturais

produzidos pelo próprio coletivo, trazem referências a entidades e ancestralidades afrodiaspóricas, tratando Maceió como um corpo adoecido pelos “males do capitalismo”, que precisa ser curado.

Voltado às crenças de matriz afro-brasileiras, o projeto propõe caminhos de restauração da cidade e seu “devir-floresta” (Krenak, 2022), com cinco murais, em que cada um relacionado a uma força da natureza e a uma entidade afro-religiosa. Suas intervenções foram realizadas entre 2021 e 2022 e estão marcadas nas ruínas do bairro negro de Bebedouro, transformando-o em um lugar de resistência e fabulação de futuros possíveis que partem de outras diásporas (Figura 19).

Figura 19 - Painel artístico do coletivo *Contra.Quebranto*, no bairro de Bebedouro



Fonte: Renata Baracho (2021).

Especificamente, o coletivo Contra.Quebranto ressignificou o ativismo urbano relacionado ao caso Braskem ao abordar a questão da subsistência pela ótica da cura. Ao introduzir cosmopercepções afrodiaspóricas, o grupo propõe táticas ancestrais para reimaginar esses territórios afetados. Suas narrativas visuais transcendem o cenário distópico e apontam caminhos iniciais para a restauração desses espaços.

As narrativas visuais, para Silvia Rivera Cusicanqui (2021), são ferramentas essenciais de resistência, memória e transmissão de conhecimento. Elas vão além das representações gráficas e atuam como formas insurgentes de saber, desafiando a colonização cultural e epistemológica. Por meio de imagens, símbolos e iconografias, essas narrativas preservam memórias, reafirmam identidades subalternas e saberes ancestrais historicamente marginalizados.

Para os bairros negros e a população afrodescendente, essas narrativas são um meio poderoso de enfrentar os apagamentos históricos e a negação de epistemologias africanas, assim como da presença negra nas cidades. No contexto dos territórios afetados pelo crime socioambiental, torna-se ainda mais urgente colocar a população negra no centro de sua própria história, especialmente quando, historicamente, há a escassez de representações que transcendem os estereótipos e reafirmem identidades e experiências negras na cidade.

Precisamos de imagens do amanhã; e nosso povo [o povo negro] precisa deles mais do que a maioria. Sem uma imagem do amanhã, fica-se preso pela cega história, economia e política que estão além do nosso controle. Um está amarrado em uma teia, em uma rede, sem como se libertar. Somente com imagens claras e vitais das muitas alternativas, boas e ruins, de onde se pode ir, teremos qualquer controle sobre a maneira como podemos realmente chegar lá: em uma realidade do amanhã tudo chegará mais rápido (Delany, 2020, p. 35).

Foi mediante a busca pela reconstrução do imaginário e das representações dos grupos colocados à margem da sociedade — nesse caso, a população negra — que surgiu o movimento Afrofuturista²⁵ dentro mundo artístico.

O termo foi cunhado pelo produtor cultural branco Mark Dery, em *Black to the Future* (1993), ao discutir com intelectuais afro-americanos, sendo eles, o escritor de

²⁵ Apenas em 1993 o Afrofuturismo começou a ser mais profundamente elaborado e discutido, especialmente a partir do ensaio *Future Texts* (2002), da escritora afro-americana Alondra Nelson, pioneira da teoria social sobre o tema (Kabral, 2020).

ficção especulativa Samuel R. Delany, o crítico musical Greg Tate e a professora Tricia Rose, da Universidade de Brown, sobre a ausência de autores negros na ficção científica. Dery definiu o Afrofuturismo como criações artísticas que abordavam temáticas afro-americanas no contexto da cibercultura e do avanço tecnológico do século XX, partindo sempre da ficção especulativa (Paterniani, 2019; Kabral, 2020).

A ficção especulativa permite imaginar realidades que rompem com as limitações e opressões do presente, desafiando o que Paterniani (2019) chama de “miséria do presentismo” — uma visão limitada ao aqui e agora, marcada pela precariedade imaginária de criar novas possibilidades de existência para a população negra. Dessa forma, o Afrofuturismo, ao juntar a ficção com questões afrocentradas, utiliza a criatividade para recriar narrativas e projetar futuros alternativos frente às distopias urbanas (Souza; Assis, 2023).

A partir desse reposicionamento, pretende-se apontar caminhos para uma realidade alternativa que valorize o espaço e a identidade negra do bairro do Bom Parto, atualmente aprisionado em um “feitiço presentista distópico”. Por meio de práticas insurgentes e curativas, busca-se oferecer soluções para enfrentar a insuportabilidade da vida na cidade contemporânea, com base na compilação e análise de artistas-curandeiros e suas respectivas obras, que desenvolvem contra-narrativas no atual cenário distópico²⁶, presentes nos apêndices desse trabalho (Quadro 01 e 02).

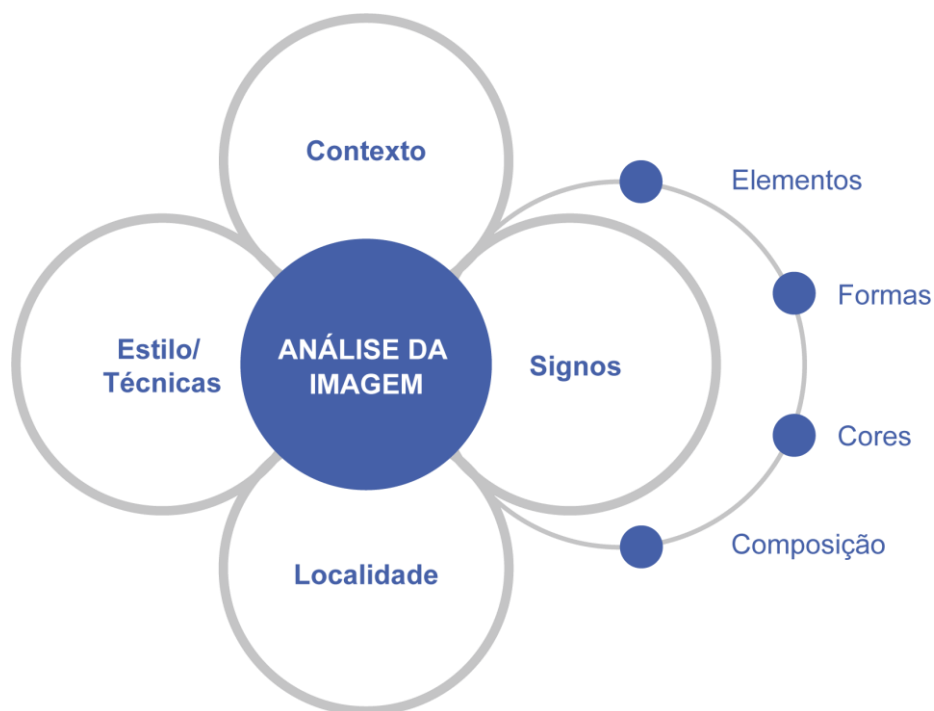
Cabe ressaltar que, embora a maioria dos ativismos mapeados ocorra no espaço urbano físico, muitos artistas utilizam amplamente o ciberespaço para difundir e fortalecer suas manifestações. Assim, o Instagram se consolidou como um dos principais meios de comunicação dos ativistas diante dessa realidade distópica. A atuação rizomática nas redes digitais amplia o alcance e o impacto das manifestações estético-políticas no meio físico, evidenciando as redes sociais como territórios estratégicos de contestação e engajamento.

[...] a era digital facilitou a convergência de diversos meios de comunicação, culturas e audiências, resultando em um fluxo de conteúdo através de múltiplas plataformas mediáticas. Esse conceito é relevante para entender como saberes e práticas de origens distintas podem ser entrelaçados de maneira produtiva (Ward, 2025, p.16)

²⁶ Link: [Rito de Curá - Levantamento de ativismos de cura](#).

A concepção de imagem proposta por Rancière (2007) é fundamental, dentro desse contexto, uma vez que ao afirmar que, a imagem não se reduz ao que é visível, mas ao dispositivo que captura e organiza o visível, os ativismos, por sua vez, não se limitam ao que pode ser percebido fisicamente, mas envolvem outros diversos fatores que também lhes conferem significados. Dessa maneira, faz-se necessário o estudo da semiótica proposta por Martine Jolly (1996), que permite a leitura da imagem por meio dos seus elementos, como: contexto e localidade — partindo do entendimento da temporalidade, território e da comunidade à qual estão inseridos —, estilos/ técnicas e seus signos visuais (Figura 20).

Figura 20 - Diagrama de análise da imagem



Fonte: elaboração autoral (2025).

A maioria das artes analisadas consiste em grafites ou muralismos, que utilizam principalmente tintas spray ou industrial. Com uma paleta de cores vibrantes, que predominam tons de azul, amarelo, verde e vermelho, produzem um impacto visual nos espaços públicos, ao contrastar com o cinza das cidades. Contudo, nota-se um movimento crescente de adoção de geotintas — pigmentos naturais extraídos da

natureza — como meio sustentável e ancestral de produzir arte. Como exemplo, os artistas Jhon Bermond (Figura 21) e Mikaelly Raielly e o coletivo Contra.Quebranto.

Figura 21 - Compilado de artes que utilizam pigmentos naturais, de Jhon Bermond



Fonte: Jhon Bermond (2024).

No que diz respeito às formas e grafismos, as artes variam conforme a cosmo percepção de cada artista. Nas obras afrodiaspóricas, para além das texturas e padronagens de matrizes afro-brasileiras, há também uma presença marcante de símbolos Adinkras, especialmente a Sankofa, que simboliza o valor de aprender com o passado para construir o futuro (Figura 22). Tais ideogramas são originários do povo Ashanti, de Gana, e funciona com uma tecnologia ancestral africana no campo da linguagem, que transmite valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais (Nascimento, E. L.; Gá, L. C., 2022).

Figura 22 - Produção artística de Mikaelly Raielly, com a técnica de colagem têxtil



Fonte: Mikaelly Raielly (2022-2023).

Nas obras de artistas indígenas, são utilizados grafismos carregados de significados culturais e espirituais de seu grupo étnico. Para os Tukanos existe a estética “Hori”, que desafia as concepções ocidentais tradicionais de arte, funcionando como um pilar da identidade e continuidade cultural dessas comunidades (Figura 23). O *Hori* não se limita a expressões visíveis, como grafismos e pinturas corporais, mas também inclui visões espirituais, sonhos e imaginações, transcendendo a percepção visual comum (Ward, 2025).

A estética Hori, integrada ao mosaico cultural indígena brasileiro, incorpora elementos visuais e valores de respeito à natureza, destacando a interdependência entre humanos ambiente e, espiritualidade (Castro, 1998 apud Ward, 2025, p.20).

Figura 23 - Pintura *Pameri Yukes* de Daiara Tukano, com a técnica de acrílica sobre tela, 168 x 814 cm



Fonte: Ana Pigosso (2020).

Além disso, muitas das artes trazem representações de figuras humanas, predominantemente femininas, envoltas de flora, fauna entre outros elementos da natureza (Figura 24 e 25).

Figura 24 - Mural *Selva Mãe do Menino Rio*, de Daiara Tukano, promovido pelo CURA²⁷, em 2020



Fonte: Ana Pigosso (2020).

Figura 25 - Mural *Híbrida Astral - Guardiã Brasileira*, de Criola, promovido pelo CURA, em 2018

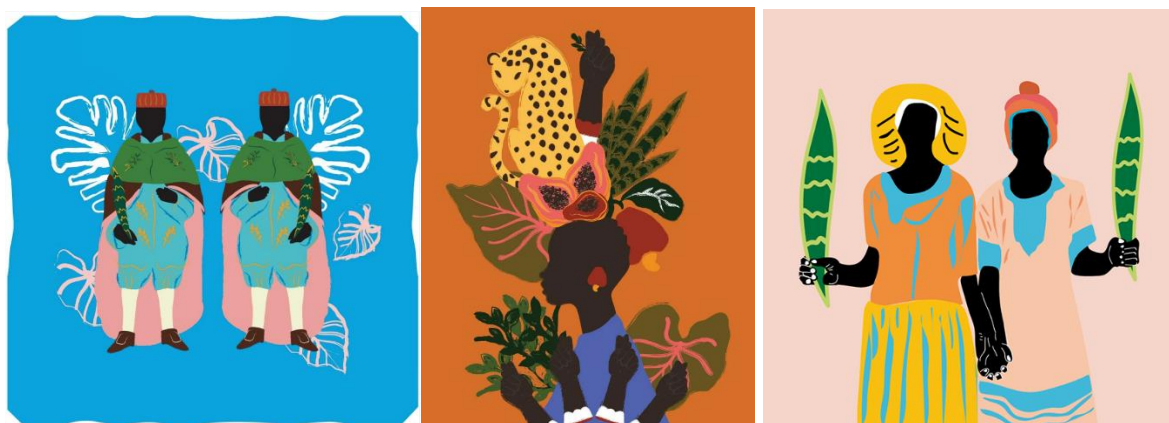


Fonte: Arte Brasileiros (2020).

²⁷ O Circuito de Arte Urbana (CURA) é um festival de arte pública, realizado anualmente que ocorre em Belo Horizonte, Minas Gerais, desde 2017. Se consolidou como um dos maiores festivais de pintura em empenas de edifícios no Brasil. Em 2023, o festival realizou sua primeira edição em Manaus, homenageando a ancestralidade dos povos da floresta (Portal Belo Horizonte, 2022).

A flora é representada por árvores frutíferas, alimentos e plantas de uso ritualístico e medicinal, como arruda, aroeira, espada-de-são-jorge e costela-de-adão. Já a fauna destaca-se com espécies nativas, como a onça-pintada, cobra coral e jiboia, associadas à cura e à transformação. Além disso, pássaros e peixes aparecem com frequência, reforçando a conexão entre os elementos do ar e da água com as cosmopercepções representadas (figura 26).

Figura 26 - Compilado de artes digitais de Aline Bispo



Fonte: Aline Bispo (2019-2022).

Assim, conclui-se que os ativismos de cura, além de denunciarem os paradigmas centrados no controle e na escassez da natureza — os quais contribuem diretamente para as crises ambientais, sociais e culturais da atualidade —, também se apresentam como respostas alternativas às crises globais. São gérmenes de saberes que estão presentes nas cidades e são propagados por meio de narrativas visuais pelas ruas e redes no país (Araújo; Borges; e Fertton, 2024).

Nesse contexto, tais manifestações desempenham um papel essencial na sensibilização da sociedade sobre a urgência de ressignificar a relação humana com o planeta. Ao integrar espiritualidade, ecologia e cultura, elas indicam caminhos para uma cidade mais conectada à sua essência orgânica, promovendo modos de vida que reconhecem a Terra não apenas como um recurso, mas como um organismo vivo que sustenta todas as formas de vida.

A partir da análise semiótica das artes levantadas, nota-se que muitas delas pautam sobre a cura por meio da reconexão com a ancestralidade e as entidades da natureza (água, terra, fogo e ar), consideradas sagradas em diversas

cosmopercepções. E por meio desse direcionamento, a próxima etapa do trabalho parte para ferramentas de criação com intuito de estruturar visualmente as ideias levantadas e propor novas formas de habitar e interagir com o espaço urbano do bairro do Bom Parto, além de reafirmar sua identidade negra como elemento central na construção de um futuro mais justo e plural.

4.2 Cultivando narrativas

Nos ativismos urbanos apresentados na sessão anterior, resgatamos a consciência de que somos parte intrínseca da Terra, compartilhando com ela os mesmos elementos essenciais à vida. Não há separação entre humanidade e natureza; somos extensão do solo que pisamos, da água que nos atravessa, do ar que nos envolve e do fogo que nos transforma.

Então, quando alguém diz “eu sou terra”, “eu sou água”, essa pessoa não está pirando. “Eu sou água, eu sou terra, ar”, é verdade, é uma declaração do que a gente é. Se pegar essas coisinhas assim, cortar, botar ali e analisar, é isso mesmo. [...] nós somos essa experiência maravilhosa de verbalizar a vida na terra. Nós verbalizamos a vida na Terra! (Krenak, 2020b, *online*).

Dentro dessa visão de mundo, propõe-se trabalhar a temática “Curá” para o bairro do Bom Parto a partir da criação de quatro cenários temáticos ao reverenciar as entidades da natureza, sendo elas: ar, água, terra e fogo. Assim, essa reimaginação de futuro se dará da seguinte forma:

(1) **Cultuar**: este cenário é uma ode ao Ar, elemento que se associa à espiritualidade, à religião e à conexão com o divino. É proposto um futuro em que a religiosidade e espiritualidade da comunidade são celebradas, respeitadas e fortalecidas. Neste cenário, o ar simboliza um espaço onde a diversidade de crenças é harmoniosamente entrelaçada, permitindo que a comunidade se engaje em práticas meditativas, cerimônias ao ar livre e outras formas de conexão com o sagrado, utilizando o ar como meio para elevar o espírito e promover a cura interior e coletiva.

(2) **Laguna Avó**: este cenário é dedicado à Água, enfatizando a importância da Laguna Mundaú na vida da comunidade. A proposta é explorar uma relação futura na qual a laguna não é apenas um recurso natural, mas um símbolo de vida, memória e

continuidade. Assim, a Laguna Avó se tornaria um espaço sagrado, um local onde a comunidade se reconecta com seus corpos hídricos, cultivando uma simbiose harmoniosa entre o ser humano e a natureza. Neste cenário, a água é vista como fonte de cura, tanto física quanto espiritual, por meio da qual as práticas sustentáveis e o respeito pelo ecossistema lagunar definem o modo de vida da população.

(3) **Ser Terra Preta:** este cenário é dedicado à Terra, destacando o envolvimento da população com a natureza ao redor, suas áreas de mangue e a produção de alimentos. Ser Terra Preta simboliza a fertilidade e o sustento, refletindo uma futura relação de profunda reciprocidade entre a comunidade e o solo que os alimenta. Esse cenário imagina um Bom Parto onde os habitantes cultivam seus próprios alimentos em hortas comunitárias, promovendo uma alimentação saudável e autossustentável, além de trazer uma narrativa de coexistência entre os seres que também habitam a região. A terra é tratada com reverência, e existe uma relação orgânica com o ser humano e todas as vidas.

(4) **Coração no Ritmo do Pé:** este cenário celebra o Fogo, elemento que simboliza a energia, a paixão e a identidade cultural, é um espaço dedicado às festividades, manifestações artísticas e culturais que expressam a essência vibrante da comunidade. Neste futuro imaginado, o bairro do Bom Parto se torna um polo cultural efervescente, onde o calor das tradições populares e as novas gerações se entrelaçam. Festas, danças, folguedos e outros ritmos, todos impregnados pelo calor fogo, tornam-se instrumentos de cura social e coletiva que reforça as identidades locais e promove a coesão comunitária.

Com a definição das temáticas, utilizaremos a metodologia de Design Industrial, proposta por Gui Bonsiepe²⁸ (1984), contudo iremos fazer umas adaptações para ajustá-las ao Design Gráfico e assim propor soluções visuais, por meio da experimentação, para esses cenários futuros de um Bom Parto ancestral. Partimos então para definição do produto artístico em cinco etapas:

a. Problemática

A problematização central deste estudo recai sobre o atual cenário do Bom Parto, onde, em meio às desvivências, torna-se urgente a construção de novas visões

²⁸ Gui Bonsiepe é designer formado pela *Hochschule für Gestaltung*, uma escola de Design baseada na cidade de Ulm, na Alemanha. Atuou como professor titular do Departamento de Design Industrial e Comunicação Visual na Escola de Design de Ulm até 1968 (Hofstetter, 2019, *online*).

de futuro que rompam com as paisagens distópicas que assolam o bairro. É essencial ampliar o imaginário popular, permitindo que outros modos de habitar emergjam para além das violências e opressões que marcam o presente.

Nesse contexto, os ativismos urbanos se apresentam como um meio potente para essa transformação, ancorando-se no afrofuturismo como ferramenta de ressignificação e projeção de futuros possíveis para a população negra. Com intuito de trazer para a realidade, de modo visível, esse Bom Parto imaginário.

b. Análise

A análise morfológica, serve para estruturar e organizar as possibilidades visuais do projeto, permitindo a definição das composições imagéticas de cada arte, tal como elementos, cores, texturas e a transmissão da mensagem. Esse método possibilita um processo criativo sistemático e contribui para a construção de uma linguagem visual coesa e significativa, garantindo que o resultado esteja alinhado com os objetivos do projeto.

Desse modo, foi desenvolvido uma nuvem de palavras, concebida para expressar os significados e narrativas que as artes pretendem comunicar (Figura 27). Inspirado no método **Semear Palavras**, de Nêgo Bispo (2023a), essa prática busca conduzir a construção das mensagens, garantindo que as artes e os futuros cenários do Bom Parto transmitam discursos enraizados na ancestralidade e na resistência.

Figura 27 - Diagrama Semear Palavras



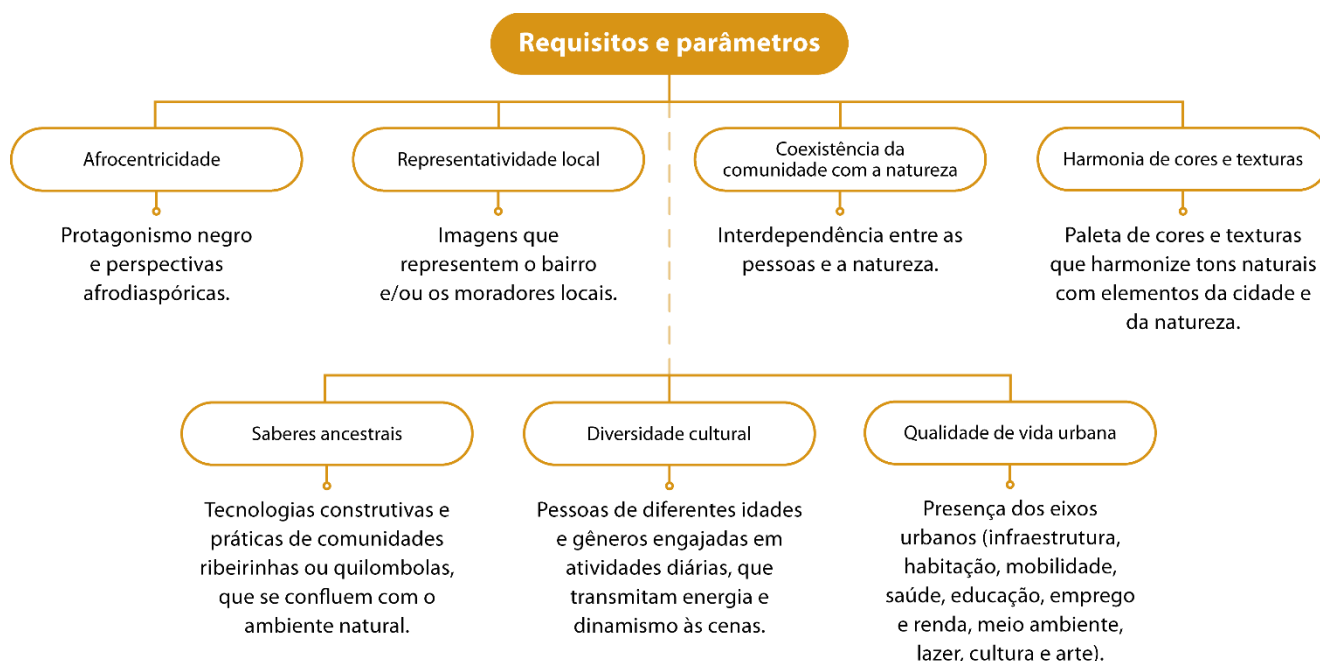
Fonte: elaboração autoral (2024).

com o imaginário coletivo, criando múltiplas camadas de interpretação e possibilitando novas leituras sobre o território.

c. Definição do problema

Esta etapa define os **Requisitos e parâmetros** (Figura 29) para orientar a criação dos cenários ao estabelecer critérios visuais e comunicativos. Os requisitos determinam o que cada peça gráfica deve transmitir e como será percebida, garantindo coerência com a temática deste TFG. Já os parâmetros, especificam as diretrizes e técnicas que viabilizam esses requisitos. Juntos, funcionam como uma bússola para as decisões criativas, assegurando que os cenários tenham uma comunicação visual alinhada às análises realizadas.

Figura 29 - Diagrama dos requisitos e parâmetros



Fonte: elaboração autoral (2025).

Com as diretrizes projetuais estabelecidas, o processo avança para a etapa **d. Geração de alternativas**, onde ocorre os testes e primeiros esboços das composições dos cenários e a etapa **e. Refinamento produto artístico**, com a materialização dos cenários futurísticos finais.

5 CONTRAFEITIÇOS URBANOS

Seguindo o pensamento de Antônio Bispo (2023a), que define o contracolonialismo como uma forma de resistência ao colonialismo, pautada na defesa dos territórios tradicionais, dos modos de vida, dos símbolos e das significações, os *Contrafeitiços Urbanos* é compreendido como um movimento análogo. Ele emerge como meio de afirmação e valorização das identidades negras e seus modos de viver, contrapondo-se às representações estereotipadas dos bairros negros na sociedade brasileira. Essa desobediência, traz uma ruptura do pensamento hegemônico e subverte o apagamento histórico das comunidades marginalizadas, quebrando a “feitiçaria do capitalismo” (Stengers, Pignarre, 2011 apud Tsing, 2022).

Nas cosmopercepções indígenas e afroconfluentes, o mundo é visto de forma holística, onde o ser humano e todos os seres e entes que habitam a terra dependem do equilíbrio e da confluência entre si próprios e a natureza.

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente — a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia (Santos, 2023^a, p. 15).

Esta narrativa, busca disseminar conhecimentos sobre o cuidado de si e do outro em uma perspectiva coletiva, assim como a valorização das matas, das águas, da fauna e da flora, associada aos saberes populares e aos conhecimentos das comunidades quilombolas, indígenas, tradicionais e dos povos da floresta.

Desse modo, será utilizado colagens digitais para fabular os cenários de um Bom Parto ancestral pós-crime socioambiental, pois se apresentam como uma linguagem acessível de comunicação para/e sobre diversos grupos sociais, como afirma Cusicanqui (2021) são as imagens, mais do que as palavras, que permitem captar os sentidos bloqueados e esquecidos pela língua oficial. Essas narrativas visuais reafirmam outros modos de fazer pesquisa, elaborar futuros e reinventar cidades e sociedades, utilizando experimentações que “tensionam o status quo da colonialidade do saber” (Melo; Silva, 2022, p. 48).

Nós frequentemente esquecemos de vislumbrar aquilo que pode vir a ser. Esquecemos de escavar o passado em busca de soluções que nos mostrem como podemos existir de outras formas no futuro. Por isso acredito que nossos movimentos por justiça precisam desesperadamente da ficção científica. [...] Toda articulação política é ficção científica (Imarisha, 2016)

Paola Jacques (2015), as “montagens urbanas”, aqui introduzidas como *colagens*, busca articular múltiplas narrativas heterogêneas sobre a experiência urbana — cartográficas, etnográficas, artísticas, literárias, históricas, mnemônicas, corporais — para construir uma compreensão mais complexa da cidade. Funciona como um colecionador que reúne fragmentos, sobras e resíduos urbanos para viabilizar novas formas de existência e interpretação, enfatizando experiências coletivas, corporais e memoriais.

Como afirma Marques (2022) as colagens possuem múltiplas potências e percepções, variando conforme o olhar e o momento em que são observadas. Dessa forma, suas análises são necessariamente limitadas, mas funcionam como uma provocação para a materialização de novas imagens, discursos e símbolos dos bairros negros. O trabalho segue para a produção de colagens digitais do bairro do Bom Parto, utilizando diversas fontes visuais. Entre elas, incluem-se (a) imagens autorais capturadas durante a visita técnica em julho de 2023; (b) imagens durante esse processo de subsidiência retiradas dos perfis do *Instagram* do *Cotidiano Fotográfico* e do jornalista e documentarista *ZaZo*; (c) imagens de domínio público, coletadas no *Google Imagens* e *Google Earth*; (d) e imagens obtidas na plataforma Pinterest.

Nessa construção ficcional, o bairro deixa de ser visto apenas como um território de conflito e passa a ser imaginado como um espaço de coexistência entre diferentes formas de vida e entidades naturais. Inspirado na visão de Krenak (2022), esse novo Bom Parto propõe uma relação mais harmoniosa entre o ambiente e seus habitantes, onde rios, montanhas e matas são reconhecidos como parte integrante da comunidade, reforçando uma perspectiva de cuidado e pertencimento. Assim, a fabulação para novos começos do bairro do Bom Parto, parte do que um dia foi uma ferida aberta, marcada pelo crime socioambiental, agora, se tornou uma cicatriz e o impulso necessário para a retomada de modos ancestrais de se viver.

A terra, antes instável, reencontrou sua firmeza. A Braskem já não existe. Nem ela, nem qualquer outro tipo de mineração urbana que drena a vida do território. Onde

antes se estendiam vazios e escombros de um passado explorado, agora há florestas renascidas. Os antigos bairros fantasmas foram tomados por raízes profundas, erguidas por um pacto entre o povo e a terra. Políticas urbanísticas emergiram desse compromisso, fortalecendo a resiliência da cidade e integrando práticas agroflorestais às dinâmicas urbanas.

A Laguna Mundaú respira outra vez. Suas águas, antes contaminadas e esquecidas, agora vibram em azul profundo. Os manguezais voltaram a tomar conta da paisagem, restaurando o equilíbrio perdido. Os sururus, por tanto tempo deslocados, retornaram ao seu habitat original, permitindo que o complexo lagunar Mundaú-Manguaba fosse, mais uma vez, um ventre fértil para a vida marinha. A pesca, agora respeitosa e sustentável, mantém o elo ancestral entre o homem e as águas.

No centro desse renascimento, aqueles que nunca saíra, encontraram novas formas de existir. O Bom Parto ancestral não é apenas um bairro reconstruído, mas um território de resistência e regeneração. Seus becos carregam histórias que vão além da dor — são narrativas de recomeço, de pertencimento, de um futuro que honra aqueles que vieram antes e acolhe os que ainda estão por vir.

5.1 Cultuar

O ar, elemento essencial para a vida, se move livremente entre copas das árvores que dançam com a brisa da Laguna Mundaú e trazem consigo o riso das crianças que se entrelaçam com o sopro dos seres Encantados.

A arquitetura, estende-se em harmonia com o horizonte e a natureza ao seu redor, moldada para receber as crença e fé que se manifestam nos corpos de todos os entes e viventes.

Nesse tempo sagrado, Oxalá se manifesta, permitindo que o efêmero se dissipe e que as sabedorias ancestrais flua entre passado, presente e futuro, repassadas e cultuadas como um legado eterno da conexão entre o céu e a terra.

CULTUAR



Colagem 5

Cultuar

elaboração autoral (2025).

Intitulado *Cultuar*, o nome une os termos “culto” e “ar”, evocando tanto a espiritualidade quanto a diversidade de crenças presentes no Bom Parto. A escolha cromática baseia-se em tons predominantemente frios e claros para os céu e as águas, enquanto as cores mais quentes, com nuances terrosas de amarelo e marrom, dialogam com os elementos arquitetônicos e iluminação do ambiente.

Em relação à composição visual, esta segue a estética das colagens afrofuturistas, estruturando uma narrativa centrada em uma figura humana negra, envolta por símbolos que contam a história. Além disso, para enfatizar a ficção dentro dessa fabulação, o céu foi preenchido com corpos celestes, criando uma conexão entre o presente e diferentes tempos e realidades — uma vez que, ao olhar para as estrelas, vemos luzes que partiram do passado e ainda nos alcançam.

No centro da cena, um menino negro, com alguns elementos brancos — flores e touca —, está envolto por folhas de alecrim, utilizadas em banhos, defumações e rituais para afastar energias negativas e restaurar o equilíbrio do corpo e do espírito (Guedes, *et al.* 1985). A escolha de usar figura central infantil está relacionada à ideia de uma conexão espiritual pura e de uma percepção sensível do mundo, voltada as experiências sagradas com os ancestrais.

A cena se estrutura a partir de uma fotografia do bairro do Bom Parto, tirada durante a visita técnica (Figura 30). Assim, a composição do cenário propõe a relação entre o ambiente existente e os espaços para manifestações culturais e/ou religiosas. Desse modo, para dialogar com a ideia desse cenário, ao promover um ambiente de encontro, liberdade e conexão com os elementos naturais, pensou-se na implantação do *Serpentine Pavilion*, um projeto arquitetônico de Diébédo Francis Kéré²⁹, caracterizado por sua estrutura circular de madeira e aberturas que permitem a passagem de ar e luz.

Figura 30 - Fotografia do Bom Parto, com vista pra Laguna Mundaú



Fonte: elaboração autoral (2023).

²⁹ Diébédo Francis Kéré é um arquiteto burquinense, que em 2022, se tornou o primeiro arquiteto africano a receber o Prêmio Pritzker.

5.2 Laguna Avó

Com as águas da Laguna Mundaú agora limpas e saudáveis, a vida lagunar renasce em toda a sua plenitude. Os peixes e sururus, em abundância, permitem que a pesca artesanal e a mariscagem sejam retomadas de forma consciente e sustentável, preservando a cultura e garantindo o autosustento local.

As crianças brincam às margens da laguna, fazendo dela um playground vivo.

As casas, integrando-se à natureza, são erguidas sobre palafitas de modo a respeitar as cheias e secas da água. Com infraestrutura adequada, os acessos são livres, garantindo mobilidade, segurança e qualidade de vida para todos.

Hoje, a Laguna Mundaú transcende a noção de paisagem. Assim como Watu, o rio-avô da aldeia Krenak, em Minas Gerais, a laguna em Maceió é também “um lar, um espírito vivo que acolhe a comunidade e encontra em suas águas a completude da própria existência, cultura, economia e experiência de pertencer” (Krenak, 2022, p. 17-18).

LAGUNA AVÓ



Colagem 6

Laguna Avó

elaboração autoral (2025).

A arte *Laguna Avó* — nome criado a partir da terminologia “rio-avô”, de Ailton Krenak —, está relacionado à Laguna Mundaú e possui a predominância de tons azuis vibrantes. A composição do cenário foi baseada em uma fotografia da Laguna Mundaú (Figura 32), capturando sua paisagem com o mangue ao fundo, elemento orgânico essencial para a biodiversidade e a identidade do território.

Representando a entidade das águas, aqui ela está personificada como um sujeito feminino, fazendo alusão à população do Bom Parto, majoritariamente feminina e negra e às marisqueiras. Ao levar sobre a cabeça uma cesta com abundância de sururus, simboliza o retorno do molusco às águas e à revitalização da vida lagunar. Ademais, a escolha específica dessa imagem feminina deu-se, sobretudo, pelo ângulo de visão, que transmite força e imponência³⁰.

A fabulação se estabelece a partir da restauração da qualidade das águas, representada pela presença de peixes e da regeneração dos manguezais ao longo de suas

margens, que reforçam o equilíbrio e a vitalidade do ecossistema local. A ocupação ocorre por meio de casas sobre palafitas, técnica construtiva típica das comunidades ribeirinhas. A iluminação pública está presente por meio de postes de luz construídos com a casca do sururu.

Em relação a mobilidade, as pontes e passarelas de madeira — material sustentável — facilitam os deslocamentos por modais ativos e a presença da jangada remete a volta do transporte hidroviário, com a criação de rotas aquáticas, que utilizam desse modal para travessias e que se relaciona com o passado do bairro. As práticas lagunares também incorporam atividades econômicas, de lazer e culturais, onde é possível observar pescadores, crianças brincando nas águas e grafites nas fachadas

Figura 32 - Laguna Mundaú



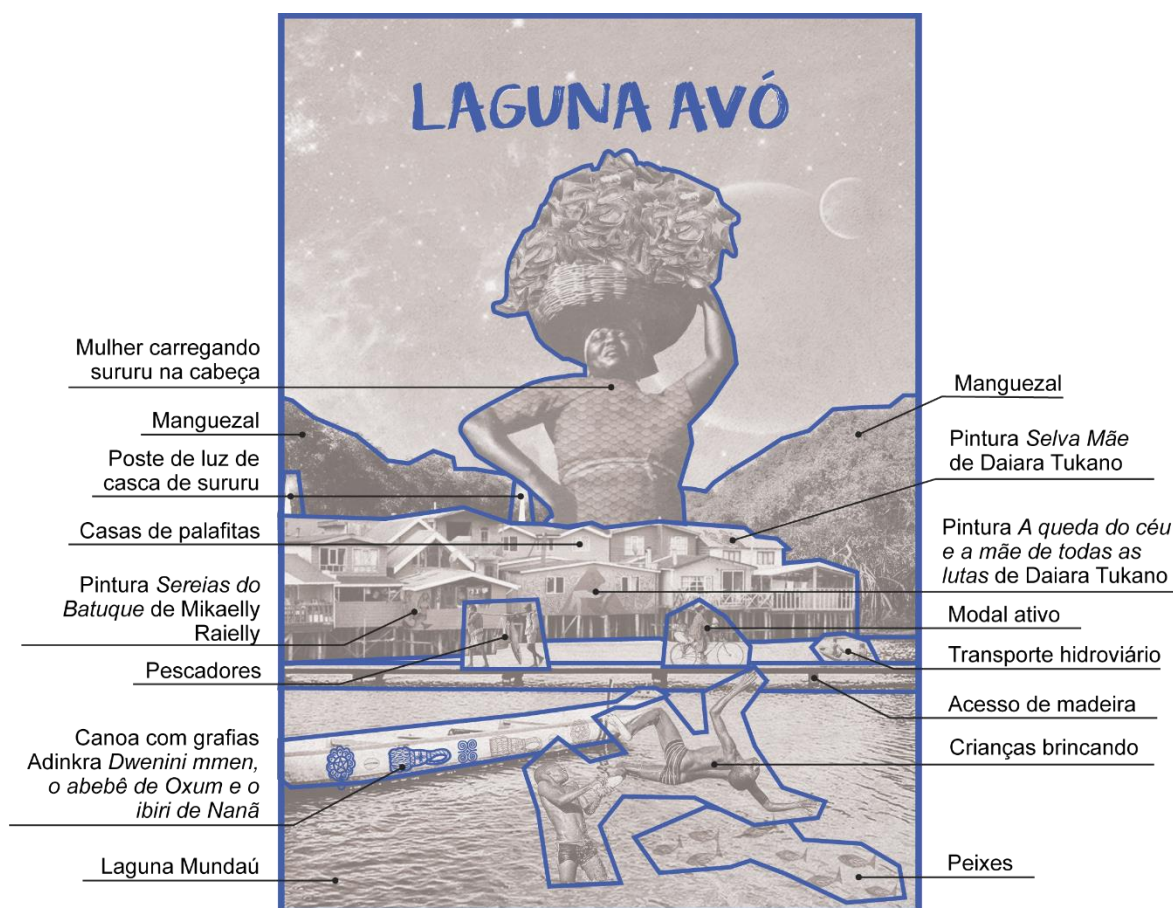
Fonte: Gustavo Rocha (2014)

³⁰ A posição da mulher no cenário, vista de baixo para cima, segue um enquadramento cinematográfico conhecido como *contre-plongée* — termo francês que significa “contra-mergulho”. Esse ângulo transmite imponência e grandiosidade à personagem e reforça sua presença simbólica na composição.

das casas, que transformam a paisagem em uma galeria fluvial a céu aberto.

A espiritualidade e religiosidade são expressas por meio de símbolos que remetem a Orixás femininas da religião yorubá, como: Nanã, uma das responsáveis pela criação da humanidade, é senhora dos pântanos, da lama, do barro e das águas paradas e Oxum, associada à fertilidade feminina, é senhora dos rios e das águas doces; e também, a adinkra Dwenini mmen, que representa a essência da humildade e da força do corpo e espírito. Por fim, o dinamismo da cena se constrói a partir da variedade de atividades que promovem a convivência da população com práticas lagunares, evidenciando uma forte representatividade negra e um foco na qualidade de vida (Figura 33).

Figura 33 - Diagrama da composição do cenário *Laguna Avó*



Fonte: elaboração autoral (2025).

5.3 Ser Terra Preta

Nesse novo ciclo, a cura da terra começou com o reflorestamento das áreas afetadas pela subsidência de solo e a inserção de práticas agroflorestais por todo o território. Cultivando a vida por meio dos saberes quilombolas, a autônima alimentar se dá por meio de roças, quintais produtivos e árvores frutíferas. Nesse solo, onde tudo é plantado, a própria Terra faz a seleção das sementes que ela deixaria germinar.

Nos pés de caju, as crianças colhem seus frutos mais bonitos, os pássaros comiam os outros que elas não conseguiam alcançar, e aqueles cajus, que encontravam seu destino no chão, se tornavam alimentos dos bodes, cavalos e porcos. Tudo tinha um propósito!

As casas, com técnicas bioconstrutivas, dialogavam com o ambiente, permitindo ventilação, sombreamento e integração com a natureza. E, em uma linguagem cósmica, todos os seres compartilhantes entravam em confluência.

SER TERRA PRETA



Colagem 7

Ser Terra Preta

elaboração autoral (2025).

O cenário *Ser terra preta* foi desenvolvido para demonstrar as relações confluentes entre o homem e a natureza dentro desse futuro ancestral. A composição visual apresenta uma paleta com tons esverdeados, oriundo das folhagens, e tons terracota, ligado aos elementos relacionados à terra.

Ao centro, a arte é composta por uma figura masculina negra que segura cachos de banana nas mãos, enquanto leva, na cabeça uma bacia com a planta hera. Essa planta é tradicionalmente associada à proteção espiritual e à conexão com forças superiores, sendo considerada sagrada em muitas culturas. Ela simboliza a capacidade de purificar e resguardar os espaços (Westwing, 2023).

A partir de uma fotografia do Bom Parto, capturada durante a visita técnica (Figura 34), o cenário incorporou as edificações e ruínas existentes, bem como a vegetação que, aos poucos, tomou conta da paisagem — entre elas, a própria hera. No entanto, com a intenção de transformar o local em um espaço propício para o cultivo, é importante considerar que o solo do bairro, classificado como Argissolo com presença de Latossolo Amarelo (Parahyba, *et al.*, 2008), apresenta características como boa permeabilidade, alta acidez e baixa fertilidade. Por isso, faz-se necessário adotar práticas específicas para o preparo da terra, garantindo condições adequadas ao plantio.

Figura 34 - Fotografia Bom Parto



Fonte: elaboração autoral (2023).

Com o intuito de reutilizar as construções existentes e habitadas, a proposta é realizar adaptações arquitetônicas e estruturais, adotando técnicas construtivas sustentáveis. Dentre essas estratégias, destacam-se o uso de varandas, cobogós, coberturas elevadas e arborização nas calçadas. Essas soluções foram inspiradas no projeto de habitação social *Casa Coberta*³¹, da equipe *Comunidad Vivex*.

Ademais, a cena contempla questões de iluminação pública e o uso de diferentes pavimentações. Para áreas de grande circulação de pessoas e outros

³¹ Link do projeto: [Arquitetura Social no México: Casa Coberta / Comunidad Vivex](#).

modais, foi escolhido o paralelepípedo, por ser uma solução sustentável que fortalece a economia local ao demandar mão de obra especializada. Além disso, promove a durabilidade das vias com menor necessidade de manutenção e favorece a permeabilidade do solo, reduzindo alagamentos e contribuindo para a recarga dos lençóis freáticos. Já as áreas destinadas à roça comunitária são demarcadas pelo chão de terra batida e pelas forrações com tratamento paisagístico.

O cenário se completa com árvores frutíferas e espécies destinadas ao reflorestamento³². As práticas lagunares estão presentes na figura de um homem coberto de lama carregando caranguejos, enquanto a religiosidade se manifesta em murais que representam Nanã e Obaluaiê — orixás ligados à terra — reforçando a conexão simbólica e ancestral do lugar (Figura 35).

Figura 35 - Diagrama da composição do cenário *Ser Terra Preta*



Fonte: elaboração autoral (2025).

³² De acordo com o “Guia de Arborização de Maceió” (SEMPMA, 2008), a recuperação de áreas degradadas deve ser realizada com o uso de espécies nativas adaptadas ao ambiente, visando o restabelecimento adequado das florestas, especialmente das matas ciliares. Entre as espécies recomendadas destacam-se a braúna (*Schinopsis brasiliensis*), a sapucaia (*Lecythis pisonis*) e o murici (*Byrsonima sp.*)

5.4 Coração no Ritmo do Pé

Ao fundo, o som cresce, ganhando corpo no ar quente da noite. O xique-xique do ganzá marca o compasso, o tilintar do triângulo risca o silêncio, a sanfona chora notas arrastadas, e as batidas do tambor fazem o chão vibrar.

É tempo de São João em Bom Parto! A poeira se levanta sob os pés ligeiros da comunidade, que se espalha pelas ruas enfeitadas de bandeirolas coloridas.

O brilho das fogueiras ilumina os rostos sorridentes das crianças que saltam sobre suas chamas. E entre risadas e palmas, os sons e as vozes ecoam por dentro das casas e entrelaçam todos em uma só melodia.

É noite de alegria, de encontro e de memória. A tradição pulsa no coração da comunidade, renovando-se a cada acorde, a cada passo e a cada estrela que brilha sobre o céu junino.

CORAÇÃO NO RITMO DO PÉ



Colagem 8

Coração no Ritmo do Pé
elaboração autoral (2025).

A última fabulação faz referência ao fogo e recebe o nome *Coração no Ritmo do Pé*, criada para representar a relação da comunidade com as festividades culturais. Elaborada para ser um cenário noturno, a composição se destaca pelos tons vibrantes e quentes, com predominância do vermelho, laranja e amarelo — presente nas vestimentas, nas iluminações e nas florações das vegetações retratadas.

Ao centro está a Mestra Zeza do Coco³³, moradora da Chã de Bebedouro e reconhecida como Patrimônio Vivo de Alagoas. Ela segura o ganzá, instrumento de percussão semelhante a um chocalho, guiando o ritmo do cenário ao embalar a celebração. Além disso, outros mestres e grupos de guerreiros e folguedos maceioenses também estão presentes na cena.

A ambientação foi construída a partir de uma fotografia da Avenida Francisco de Menezes (Figura 36), capturada pelo Google Earth em setembro de 2024. Por ser uma via com mais infraestrutura em comparação às áreas internas do bairro, a maioria de seus elementos foi preservada na composição, sendo propostas apenas algumas requalificações pontuais na infraestrutura urbana.

Figura 36 - Av. Francisco de Menezes, Bom Parto



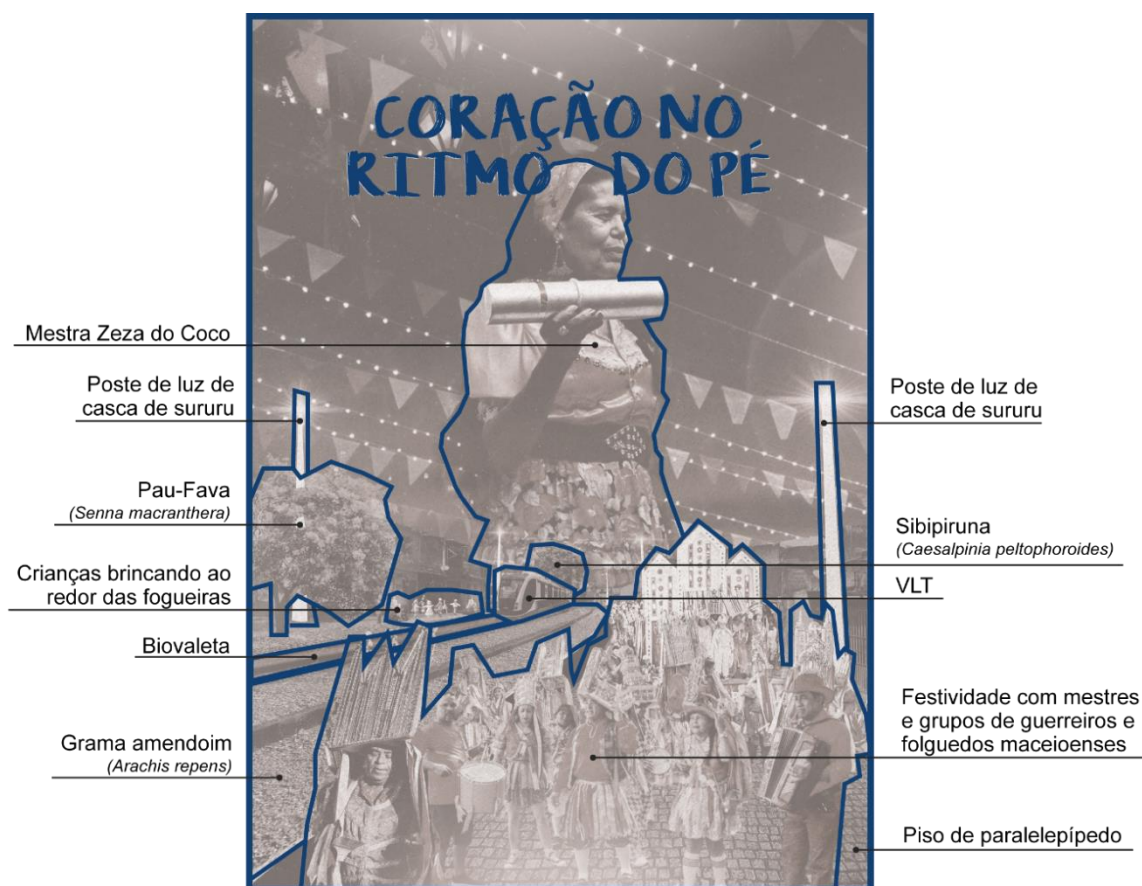
Fonte: Google Earth (2024).

³³ Maria José da Silva, começou a dançar aos cinco anos de idade quando acompanhava seus pais nas tapagens das casas de taipa, em fazendas Zona da Mata Alagoana. Em 1975 participou da fundação do grupo de pagode “Comigo Ninguém Pode” da mestra Hilda. Foi considerada patrimônio vivo de Alagoas em outubro de 2015, de acordo com lei sancionada em 2012 (SECULT, s.d.).

A primeira transformação teve início com a substituição do asfalto pelo paralelepípedo, por ser um material com maior durabilidade, que proporciona melhor drenagem da água da chuva e valoriza a mão de obra local. Além disso, a requalificação da área por onde passa o VLT inclui tratamento paisagístico com arborização e forrações, além do uso de biovaletas, promovendo um sistema de drenagem eficiente por meio da implementação de infraestruturas verdes e azuis para gestão das águas urbanas.

A proposta também busca revitalizar a linha férrea e restabelecer a circulação do VLT — equipamento local de grande valor cultural, símbolo e afetivo. Para complementar essa transformação, foram previstas melhorias na iluminação pública, com poste de luz feitos a partir da casca de sururu e fiação embutida, eliminando a poluição visual. Também foi planejada a padronização e acessibilidade das calçadas. Por fim, essas intervenções não apenas qualificam o espaço urbano, mas também resgatam a identidade do bairro, tornando-o mais sustentável e inclusivo (Figura 37).

Figura 37 - Diagrama da composição do cenário *Coração no ritmo do pé*



Fonte: elaboração autoral (2025).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos cenários da subsidência de solo em Maceió-AL, evidenciados durante esse TFG, percebemos como ele resultou em consequências socioterritoriais tão complexas, que tentar traçar uma conclusão definitiva para esse crime, se torna inviável, pois os desdobramentos ainda seguem em curso e podem se intensificar após a conclusão deste trabalho. No contexto do bairro do Bom Parto, a desocupação forçada e o isolamento da população remanescente aprofundaram a vulnerabilidade dos moradores e as condições precárias preexistentes, reforçando assim, desigualdades estruturais que marcam o cotidiano da comunidade e expõe o abandono por parte do poder público.

Com uma população majoritariamente negra, de baixa renda e inserida em um mercado de trabalho altamente informal, as consequências da subsidência de solo no Bom Parto, revelam-se ainda mais perversas para essas pessoas, que enfrentam obstáculos ao tentarem se estabelecer de forma estável e digna, em outros locais. Nesse contexto, a violência simbólica e institucional imposta, reforça a marginalização histórica da população negra, que é a mais afetada e continuamente posta à margem no que diz respeito à garantia de seus direitos básicos.

Além disso, as dinâmicas de gênero aprofundam essas desigualdades: a perda das redes de apoio, causada pelo deslocamento forçado, aumenta significativamente a sobrecarga física e emocional das mulheres negras, muitas delas chefes de família, que já lidavam com as dificuldades de conciliar trabalho, renda e responsabilidades domésticas. Essa realidade evidencia um projeto sistemático e estrutural de exclusão e silenciamento das populações negras femininas, cujas experiências urbanas, marcadas por vulnerabilidades, são continuamente agravadas pelas múltiplas violências que as atingem de forma desproporcional.

Tendo em vista a baixa e limitada repercussão do crime da mineração nos principais canais de mídia, a atuação e mobilização de artistas, coletivos e indivíduos, em Maceió, que produzem sobre a subsidência do solo, emergem especificamente para ocupar os espaços públicos e reafirmar as (des)vivências da população afetada por esse crime. Muitos desses artistas utilizaram seus espaços de fala para ampliar as denúncias em meios de comunicações midiáticos, utilizando o meio artístico como um instrumento político de denúncia e reivindicação de direitos.

A criação artística de narrativas visuais para o Bom Parto, ancoradas em uma ficção futurista ancestral, emerge como uma proposta no campo da Arquitetura e Urbanismo que busca romper com os modos hegemônicos de produção das cidades, historicamente alheios à preservação dos ecossistemas. Esses modos operam sob lógicas extrativistas gananciosas e violentas, que esgotam os recursos naturais, provocam o colapso ambiental e comprometem a sobrevivência de todos os seres que coabitam esses territórios, colocando o capital acima da vida.

Mais do que uma representação simbólica, essas fabulações visam à construção ativa de novos imaginários antirracistas para os bairros negros, em especial aqueles impactados pela mineração predatória da Braskem. Ao resgatar e projetar futuros alinhados com cosmoercepções ancestrais e sustentáveis, essas narrativas visualizam a preservação e a regeneração do que há de mais valioso em Maceió: o complexo estuarino-lagunar Mundaú-Manguaba, os manguezais, e as tecnologias orgânicas de vida.

Dentro desse cenário de incertezas e desesperanças, falar sobre um lugar de esperança torna-se um ato de resistência. Percebemos que a cidade-florestania já dá sinais de existência em meio às discussões urbanas de Maceió, esse TFG é, em si, um reflexo disso, um indício de que outros futuros são possíveis. As fabulações criadas para o bairro do Bom Parto são exercícios de imaginação e caminhos para sonhar o restante do município. Como afirma Krenak (2022, p. 37, grifo nosso):

[...] não podemos nos render à narrativa de fim de mundo que tem nos assombrado, porque ela serve para nos fazer desistir dos nossos sonhos, e **dentro dos nossos sonhos estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais.**

Os espaços participativos de escuta pública, voltados à construção de políticas para o município de Maceió, são caminhos que temos para a reimaginar coletivamente o futuro que desejamos habitar. Atualmente, estamos em meio ao processo de revisão do Plano Diretor de Maceió, tem reunido diferentes segmentos sociais — professores, estudantes, lideranças comunitárias de bairros como Bom Parto —, isso fortalece a compreensão do Plano Diretor como uma ferramenta urbanística de e abre caminhos para formas mais justas de ocupar e cuidar do território.

Nesta invocação do tempo ancestral, percebo que tudo está interligado...

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, P. **A gente foi feliz aqui**. Maceió, 2020-2022. Instagram: @agentefoifelizaqui. Disponível em: <https://www.instagram.com/agentefoifelizaqui/>. Acesso em: 8 fev. 2025.

AGÊNCIA SENADO. Especialistas apontam na CPI da Braskem que Maceió já mostrava sinais de desabamento desde 2008. **Tribuna Hoje**, 05 mar. 2024. Disponível em: <https://tribunahoje.com/noticias/politica/2024/03/05/134842-especialistas-apontam-na-cpi-da-braskem-que-maceio-ja-mostrava-sinais-de-desabamento-desde-2008>. Acesso em: 19 nov. 2024.

AKOTIRENE, C. **O que é Interseccionalidade?**. Belo Horizonte, Letramento: Justificando, 2018.

AL 2. MPF investiga possível irregularidade na extração de areia na Praia do Francês. **G1**: Maceió, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2023/02/03/mpf-investiga-possivel-irregularidades-na-extracao-de-areia-na-praia-do-frances.ghtml>. Acesso em: 11 jan. 2025.

ALMEIDA, Y. N. A. **CASO BRASKEM**: A luta pelo direito à cidade através da participação popular em Maceió – AL. 2024. 193 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024.

ALVES, J. E. D. **Superar o Antropoceno e o Piroceno para criar o Ecoceno**. 2021. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2021/11/29/superar-o-antropoceno-e-o-piroceno-para-criar-o-ecoceno/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

ARAÚJO, F. de S. **Caruanas nas ruas**: workshop de arte (e cura) urbana. 25º Congresso de Arquitetura - ARQUISUR, Porto Alegre, 2022. 5 p. Tema: Lutas Urbanas e Práticas Insurgentes.

ARAÚJO, F. de S.; FERTON, S. E.; BORGES, H. M. A. ARTIVISMO E DISTOPIA PELAS RUAS E REDES: cartografando manifestações contra-hegemônicas em Maceió na pandemia. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO (REDOR), 21o., 2022, Maceió, AL. **Anais [...]**. Maceió, AL: [s. n.], 2022. Tema: GÊNERO E PROCESSOS COMUNICACIONAIS NA ERA DAS REDES.

ARAÚJO, F. de S.; BORGES, H. M. A.; FERTON, S. E. CARTOGRAFANDO GÉRMENES DE FLORESTANIA: concepções feministas e ancestrais de futuro para as cidades brasileiras. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 13, 2024, Florianópolis. **Anais Eletrônico**. Florianópolis: UFSC, 2024. ISSN 2179-510X.

ARISTIDES, A. M.; SANTOS, C. G. dos; LIMA, J. R. T.; LEVINO, N. de A.; ANTUNES, V. N.; SILVA, V. C. M. da. **Caracterização da população deslocada por raça e gênero**. UFAL - RELATÓRIO TÉCNICO. Maceió, 2023. Disponível em: <https://maisdialogos.com/documentos>. Acesso em: 15 jan. 2025.

ASCOM UFAL. Pesquisadores da Ufal alertavam para riscos de afundamento desde 2010. **Tribuna Hoje**, 30 nov. 2023. Disponível em: https://tribunahoje.com/noticias/educacao/2023/11/30/130470-pesquisadores-da-ufal-alertavam-para-riscos-de-afundamento-desde-2010#google_vignette. Acesso em: 19 nov. 2024.

BATISTA, R. 'Maceió afunda em lágrimas!': intervenção artística faz homenagem a vítimas da mineração. **G1**, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2024/01/28/maceio-afunda-em-lagrimas-intervencao-artistica-faz-homenagem-a-vitimas-da-mineracao.ghtml>. Acesso em: 8 fev. 2025.

BEDER, L. População sofre e novo trajeto do VLT só em até 180 dias. **Tribuna Hoje**, 2023. Disponível em: https://tribunahoje.com/noticias/cidades/2023/09/05/125758-populacao-sofre-e-novo-trajeto-do-vlt-so-em-ate-180-dias#google_vignette. Acesso em: 20 jan. 2025.

BERMOND, J. **Apostila Intuitiva De Pigmentos Naturais**: Arte da Terra. 1a. ed., 2016. 12 p. Disponível em: <https://mac.arq.br/wp-content/uploads/2016/03/Apostila-Pigmentos-Naturais.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2025.

BERTH, J. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BERTH, J. **Se a cidade fosse nossa**: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023a. 288 p.

BERTH, J. 'O urbanista do Brasil é o capital. Nossa cidadania é mutilada'. **Carta Capital**, online, 02 jun. 2023b. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/entrevistas/joice-berth-o-urbanista-do-brasil-e-o-capital-nossa-e-mutilada/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

BONSIEPE, G. *et al.*. **Metodologia Experimental**: Desenho Industrial. Brasília: CNPq/Coordenação Editorial, 1984.

BULHÕES, J. A. Colapso urbano? Narrativas de moradores do Pinheiro sobre a subsidência do solo em Maceió (AL). In: MANSUR, M.; WANDERLEY, I. L. J. (Org.). **Colapso mineral em Maceió**: o desastre da Braskem e o apagamento das violações. Brasil: Comitê Nacional em Defesa dos Territórios Frente à Mineração/Observatório dos Conflitos da Mineração no Brasil. 2023. p. 17-66.

CANÇADO, W.. Habitabilidades. In: MOULIN, G.; MARQUEZ, R.; ANDRÉS R.; CANÇADO, W. (Org.). **HABITAR O ANTROPOCENO**. Belo Horizonte: BDMG Cultural / Cosmópolis, 2022. p. 236-247.

CAVALCANTI, V. R.; FARIA, G. M. G.; COSTA, V. R.; SILVA, L. G. O. da; MOURA, L. R. D. de. **EMPREENHIMENTOS E AÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS EM MACEIÓ (AL) NO INÍCIO DO MILÊNIO**. PAISAGEM E AMBIENTE: ENSAIOS - N. 36 - São Paula: 2015. P. 11-33.

COLÓN, M.. **Pisar Suavemente na Terra**. [Direção: Marcos Colón]. Produtor: Marcos Colón. São Paulo: Amazônia Latitude Films, 2022. 73 min. (Documentário).

CONTRA-QUEBRANTO. **Arte, Murais de cura e Tintas naturais**. Maceió, 2021-2022. Instagram: @contra.quebranto. Disponível em: <https://www.instagram.com/contra.quebranto/>. Acesso em: 8 fev. 2025.

CORREIA, R. L. L. da S.; SILVA, V. S. Memórias, lugares e territórios: discursos sobre a ruína dos bairros de Maceió (AL) atingidos pela mineração da Braskem. In: MANSUR, M.; WANDERLEY, I. L. J. (Org.). **Colapso mineral em Maceió: o desastre da Braskem e o apagamento das violações**. Brasil: Comitê Nacional em Defesa dos Territórios Frente à Mineração/ Observatório dos Conflitos da Mineração no Brasil. 2023. p. 98-123.

COSTA, A.; SILVA, A. dos S. da. **BEATRIZ NASCIMENTO: Quilombo na luta contra o racismo**. Rio Grande do Sul, 2024. Disponível em: https://www.ufrgs.br/lhiste/wp-content/uploads/2024/04/beatriz-nascimento_digital2024.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024.

CUNHA JUNIOR, H. **Bairros negros, cidades negras e população negra**. Trabalho apresentado no COLAB-2015. In: C, Lisboa- 2015.

CUNHA JUNIOR, H. BAIRROS NEGROS E CIDADES NEGRAS: CONCEITOS NECESSÁRIOS PARA A INCLUSÃO DAS POPULAÇÕES NEGRAS NAS HISTÓRIAS DA CIDADES BRASILEIRAS. **Revista Campo da História**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 273–286, 2023. DOI: 10.55906/rcdhv8n1-017. Disponível em: <https://ojs.campodahistoria.com.br/ojs/index.php/rcdh/article/view/100>. Acesso em: 27 abr. 2024.

CUSICANQUI, S. R. **Ch'ixinakax utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores**. São Paulo: N-1 Edições, 1ª ed. 2021. 128 p.

DELANY, S. **A necessidade de amanhã**. Trad. Stella Parteniani. In: Afrofuturismo. Revista Ponto Virgúlia, Edição Temática 1, 2020.

DIAGONAL. **Plano de Ações Sociourbanísticas**. Diagnóstico Técnico-Participativo do PAS - Pós-Escuta Pública. Maceió, 2023. Disponível em: <https://maisdialogos.com/documentos>. Acesso em: 20 nov. 2024.

FARIA, G. M. G. (redator). **Proposta de Macrozoneamento para Maceió**. Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Alagoas – CAU, 2016. Disponível em: https://www.cau.al.gov.br/wp-content/uploads/2016/04/PROPOSTA_MACROZONEAMENTO1.pdf. Acesso em: 23 dez. 2024.

FEITOSA, C. O.; ROMEIRO, A. da S. Exploração mineral e impactos na habitação: o caso Braskem, em Maceió. *In: XX ENANPUR, 2023. Tema: Direito à cidade e habitação no Brasil, online. Anais [...].* Belém: Anpur 40, 2023.

FERNANDES, C. S.; HERSCHMANN, M.; ROCHA, R. de M.; PEREIRA, S. L. **Artivismos Urbanos: Sobrevivendo em Tempos de Urgências** – Porto Alegre: Sulina, 2022. 480p. ISBN: 978-65-5759-065-2.

FERTON, S. E. **Relatório Final. MACEIÓ PELAS MINORIAS: Cenários Distópicos, A(r)tivismos e Manifestações contra-hegemônicas na esfera pública do séc. XXI.** [Relatório do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - Pibic, 2021-2022]. Maceió: Universidade Federal Alagoas - UFAL, 2022. 16 p.

FIGUEIREDO, C. Alerta de desmatamento na Amazônia é o menor em seis anos para julho; veja comparativo. **CNN**, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/alertas-de-desmatamento-caem-66-na-amazonia-em-julho/#:~:text=Áreas%20por%20anos,2022%2C%20foram%20desmatados%208.590%20km²>. Acesso em: 11 mar. 2024.

FONTENELE, C. M. Narrar a Serra, imaginar as cidades: o recurso à ficção na pesquisa sócio-espacial. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S. l.], v. 23, 2021. DOI: 10.22296/2317-1529.rbeur.202134. Disponível em: <https://rbeur.emnuvens.com.br/rbeur/article/view/6662>. Acesso em: 16 ago. 2024.

FREITAS, C. M.; SILVA, M. A.; Menezes, F. C.; e Luz, Z. M. P. **Desastres em barragens de mineração como riscos sistêmicos**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/rbepid/2022.v25suppl2/e220004/pt/#>. Acesso em: 12 jul. 2023.

FREIRE, D. Base de Acolhimento no Bom Parto ultrapassa 30 mil atendimentos. **Prefeitura de Maceió**, 2024. Disponível em: <https://maceio.al.gov.br/noticias/sepg/base-de-acolhimento-no-bom-parto-ultrapassa-30-mil-atendimentos>. Acesso em: 22 jan. 2025.

GAZETA WEB. Usuários do VLT passam a contar com transbordo sem custo adicional. **Gazeta Web**, 2020. Disponível em: <https://www.gazetaweb.com/noticias/maceio/usuarios-do-vlt-passam-a-contar-com-transbordo-sem-custo-adicional>. Acesso em: 20 jan. 2025.

GOMES, B. R. S.; SILVA, G. M. da; VIANNA, M. P. **Permanências e Rupturas Na Trama Edificada Pelas Fábricas Têxteis “Alexandria, Santa Margarida e Norte Alagoas” Em Maceió-Al**. Ciências Humanas e Sociais, Alagoas, v. 7, n. 1, p. 257-268, 2021.

GONÇALVES, H. **Sururu pode ser extinto da lagoa Mundaú após colapso de mina em Maceió, diz especialista**. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2023/12/06/sururu-pode-ser-extinto-da-lagoa-a>

mundau-apos-colapso-de-mina-em-maceio-diz-especialista.ghtml. Acesso em: 11 jan. 2025.

GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GUEDES, R. R; PROFICE, S. R; COSTA, E. de L; BAUMGRATZ, J. F. A.; LIMA, H. C. de. Plantas utilizadas em rituais afro-brasileiros no Estado do Rio de Janeiro – um ensaio etnobotânico. **Rodriguesia**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 63, p. 3-9, 1985.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rod/a/MFpKQxx6BgvPZttQB9WbbRF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 03 mar. 2025.

HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom**, ano 266, n. 69, p. 250-266, abr. 2018. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4374761/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf. Acesso em: 29 dez. 2023.

HARAWAY, D. **When species meet**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

HOFSTETTER, J. **Metodologia Projetual de Gui Bonsiepe**. 2019. Disponível em: <https://4ed.com.br/metodologia-projetual-de-gui-bonsiepe/>. Acesso em: 25 set. 2024.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo** [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras / bell hooks; tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, B. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, B. **Tudo Sobre o Amor**. São Paulo: Elefante, 2021.

IMARISHA, W. **Reescrevendo o futuro: usando ficções visionárias para rever a justiça**. [S. l.: s. n.], 2016, São Paulo. Disponível em: <https://bit.ly/46pX6K7>. Acesso em: 5 ago. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Bom Parto**. Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA, 2010. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Acervo?nivel=102&unidade=2704302005#/S/Q>. Acesso em: 25 mar. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Favelas e Comunidades Urbanas**. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-favelas-e-comunidades-urbanas.html?edicao=38944&t=o-que-e>. Acesso em: 26 out. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Maceió (AL) - Panorama 2010**. Cidades@. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Maceió (AL) - Panorama 2022**. Cidades@. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 23 dez. 2024.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. **Atlas da Violência**. 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/280/atlas-2023-populacao-negra>. Acesso em: 09 jan. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE MACEIÓ - IPLAN. **Caderno de Leitura Técnica**. Maceió: 2024. Disponível em: <https://planodiretor.maceio.al.gov.br/pages/links.html>. Acesso em: 10 jan. 2025.

JACQUES, P. B. Montagem Urbana: uma forma de conhecimento das cidades e do urbanismo. In: JACQUES, P. B.; BRITTO, F. D.; DRUMMOND, W. **Experiências metodológicas para compreensão da cidade contemporânea**, Salvador, EDUFBA, 2015. 4 v. (Coleção PRONEM). Disponível em: <http://www.laboratoriourbano.ufba.br/pronem/ColecaoTomoIV.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2025.

JECUPÉ, K. W. **A terra dos mil povos**: história indígena brasileira contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 2020.

JOLLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996.

JORNAL DE ALAGOAS. População da Garça Torta impede ofensiva de condomínio de luxo e para trator que aterrava mangue. **Jornal de Alagoas**, 2023. Disponível em: <https://www.jornaldealagoas.com.br/geral/2023/08/01/21577-populacao-da-garca-torta-impede-ofensiva-de-condominio-de-luxo-e-para-trator-que-aterrava-mangue>. Acesso em: 10 jan. 2025.

KABRAL, F. **Artigo e atividades bem didáticos sobre AFROFUTURISMO**. 5 ago. 2020. Disponível em: https://medium.com/@ka_bral/artigo-e-atividades-bem-didaticos-sobre-afrofuturismo-d293496238e9. Acesso em: 7 set. 2024.

KRENAK, A. **A vida não é útil [...]**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, A. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **Sobre como adiar o fim do mundo**. O Lugar, 22 abr. 2020b. Disponível em: <https://olugar.org/ailton-krenak-sobre-como-adiar-o-fim-do-mundo/>>. Acesso em: 13 ago. 2024.

LEITE LOPES, J. S. **A Tecelagem dos Conflitos de Classe na “Cidade das Chaminés”**. São Paulo: Marco Zero & Brasília-DF: Editora da UnB em co-edição com MCT/CNPq, 1988).

LIMA, G. F.; MENDONÇA, I. Q.; BULHÕES, J. A.; SANTOS, C. G. dos. Mobilização x imobilização no território: as lutas dos movimentos sociais pós subsidência do solo em Maceió-AL. In: **Enanpur: ANPUR 40 anos: novos tempos, novos desafios em um Brasil diverso**, Belém-PA, 2023. Disponível em: <https://anpur.org.br/wp-content/uploads/2023/05/st08-33.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2025.

LOPES, C. E. **Cotidiano Fotográfico**. Maceió, 2018-atualmente. Instagram: @cotidiano_fotografico. Disponível em: https://www.instagram.com/cotidiano_fotografico/. Acesso em: fev. 2022.

LUCAS, C. H. *et al.* Emergência e urgências dos ativismos de(s) coloniais: o ato “nosso luto, nossa luta” por Brumadinho (Minas Gerais). **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Santa Vitória do Palmar, FURG-Universidade Federal do Rio Grande, 2020.

LUCAS, C. H. de; ROCHA, C. F.; ALÓS, A. P. Emergência e urgências dos ativismos de(s) coloniais: o ato “nosso luto, nossa luta” por Brumadinho (Minas Gerais). **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 65–85, 2020. DOI: 10.14295/remea.v0i0.11245. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/11245>. Acesso em: 25 jan. 2025.

MACEIÓ. **Lei Municipal n.º 5.486, de 30 de dezembro de 2005**. Institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Maceió e dá outras providências. Maceió: Prefeitura Municipal, 2005. Disponível em: https://www.semurb.maceio.al.gov.br/servicos/plano_diretor. Acesso em: 15 jan. 2025.

MACEIÓ. PATRIMÔNIO EM SUBSIDÊNCIA. Mapa “Maceió Afundando”. **RELU/FAU-UFAL**, 2021. Disponível em: <https://sites.google.com/fau.ufal.br/maceiopatrimonioemsubsistencia/mapa?authuser=0>. Acesso em: 10 jul. 2024.

MAM - Museu de Arte Moderna. **Atos de revolta: imaginando outra história, de Gê Viana**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://mam.rio/programacao/atos-de-revolta-imaginando-outra-historia/>. Acesso em: 09 jan. 2025.

MAPA DE CONFLITOS. **AL – Comunidades tradicionais de Alagoas lutam contra poluição e assoreamento para sobreviver**. Maceió: Fiocruz, 2018. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/al-comunidades-tradicionais-de-alagoas-lutam-contr-poluicao-e-assoreamento-para-sobreviver/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

MARICATO, E. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias: Planejamento urbano no Brasil. *In*: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. 3ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 121-188.

MARQUES, L. F. **Sobrevivendo no Inferno**: Experimentos com Montagem Urbana na Cidade de Maceió-AL. Orientador: Profa. Dra. Flávia de Sousa Araújo. 2022. 70 f. TFG (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2022.

MATOS, G. Projeto Arquitetas Negras. *In*: 27º Congresso Mundial de Arquitetos, 2021. Tema: Gênero e Cultura, online. **Anais eletrônicos**. Rio de Janeiro: União Internacional de Arquitetos (UIA), 2021.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MELO, T. C. de L.; SILVA, M. A. DAS MARGENS ÀS GALERIAS MIDIÁTICAS: montagens e remontagens poéticas nas produções de artistas visuais negros contemporâneos. *In*: DIAS, J. M. M.; OLIVEIRA, R. V. S. **Temporalidades e apropriações**: representações e processos do habitar. Curitiba: CRV, 2022. 138 p.

MENDONÇA, I. Q. de. **Mineração criminosa e o (não) direito à cidade**: o caso das comunidades Flexal de cima e Flexal de baixo em Maceió-AL. 2025. 120 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

METRÓPOLES. **Renan e Dantas questionam acordo feito entre Prefeitura de Maceió e Braskem**. Alagoas. 02 dez 2023. Disponível em: <https://www.jornaldealagoas.com.br/politica/2023/12/02/11352-renan-e-dantas-questionam-acordo-feito-entre-prefeitura-de-maceio-e-braskem>. Acesso em: 10 mai 2024.

MOVIMENTO UNIFICADO DAS VÍTIMAS DA BRASKEM - MUVB. **Carta Aberta às Excelentíssimas Autoridades da Cúpula do G20**. Maceió: 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/wp-content/uploads/2024/09/muvb-g20-braskem.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2025.

NASCIMENTO, B. **ORÍ**. Direção: Raquel Gerber. Fotografia adicional: Adrian Cooper, Jorge Bodanzky e Pedro Farkas. Trilha sonora: Naná Vasconcelos. Pesquisas, texto e narração: Beatriz Nascimento. [S. l.]: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda., 1989. Restauração digital 2008 (91 min.)

NASCIMENTO, E. L.n; GÁ, L. C. (Org.). **Adinkra – Sabedoria em símbolos africanos**. 1. ed. São Paulo: Cobogó, 2022.

NOGUEIRA, F. Governo Temer como restauração colonialista. **Le Monde Diplomatique Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4-5, 9 jan. 2017.

O GLOBO. **Rompimento de mina da Braskem em Maceió altera coloração e nível da água; compare imagens**. Rio de Janeiro. 10 dez 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/12/10/rompimento-de-mina-da-braskem-em-maceio-altera-coloracao-e-nivel-da-agua-compare-imagens.ghtml>. Acesso em: 31 mai. 2024

OLIVEIRA, C. de; GUERRA, P. 2021. Procurando Diva no Sul Global: feminismo, arte e política. **ARS**, São Paulo, v. 19, n. 42, p. 749-808, 15 out. 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2021.183784>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ars/a/HW9m3gVpbnxK6jz4fTK6ZmS/>. Acesso em: 29 out. 2023.

OLIVEIRA, N. C. de; REVIGNET, H. C. O. Contra-narrativas visuais e interseccionalidades entre raça e gênero na produção da artista Hariel Revignet. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2021. DOI: 10.5965/24471267712021160. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/19833>. Acesso em: 10 mar. 2024.

OYĚWÙMÍ, O. **The Invention of Women**: Making an African Sense of Western Gender Discourses. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

OYĚWÙMÍ, O. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects. In: COETZEE, P. H.; ROUX, A. P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. New York: Routledge, 2002, p. 391-415.

PARAHYBA, R. da B. V. *et al.* Solos do Município de Maceió-AL. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE MANEJO E CONSERVAÇÃO DO SOLO E DA ÁGUA, 17., 2008, Rio de Janeiro. **Manejo e conservação do solo e da água no contexto das mudanças ambientais**. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2008. 1 CD-ROM. (Embrapa Solos. Documentos, 101). Acesso em: 5 mar. 2023.

PATERNIANI, S. Z. São Paulo cidade negra: branquidade e afrofuturismo a partir de lutas por moradia. 2019. 325 f., il. **Tese** (Doutorado em Antropologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

PAULA, M. A. de. **Análise Interseccional da Vida Urbana**: Reflexões acerca da condição das Mulheres Negras na cidade de Maceió-AL. Trabalho Final de Graduação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFAL). Maceió, 2019.

PORTAL BELO HORIZONTE. CURA - Circuito Urbano de Arte. **Portal Belo Horizonte**, 2022. Disponível em: <https://portalbelohorizonte.com.br/blog/cura-circuito-urbano-de-arte>. Acesso em: 03 mar. 2025.

RAMOS, D. H.; LAZARINI, K.; ANDREOTTI, M. B. A gestão dos cuidados tem gênero, raça e classe: as zonas de sacrifício da Covid-19 nas cidades brasileiras. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, v. 21, n.1, p. 28-43, 2021. DOI 10.5935/cadernospos.v21n1p28-43.

RANCIÈRE, J. **Le travail de l'image**. Multitudes, n.28, 2007, p.195-210.

REVISTA ALAGOANA. Fotolivro revela cenários deixados para trás nos bairros atingidos pelo afundamento do solo. **Revista Alagoana**, 2024. Disponível em: <https://revistaalagoana.com/fotolivro-revela-cenarios-deixados-para-tras-nos-bairros-atingidos-pelo-afundamento-do-solo/>. Acesso em: 8 fev. 2025.

RIBEIRO, S. **Sonho Manifesto**: Dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico. 1ª edição. Companhia das Letras, 2022. 200 p. ISBN 978-65-5921-213-2.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. 2011. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

SANTOS, A. B. dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023a.

SANTOS, A. B. dos. O que é contracolonial e qual a diferença em relação ao pensamento decolonial? [Entrevista concedida a] Marcelo Abud. **Instituto Claro**, *online*, 24 mar. 2023b.

SANTOS, C. G. *et al.* Solo em subsidência em bairros de Maceió-AL: emergências impostas aos agentes produtores do espaço urbano. **Revista Ímpeto**, n. 10, 2020.

SANTOS, D. O bioma com maior biodiversidade é também o mais degradado do Brasil. **WWF Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?76362/Dia-da-Mata-Atlantica>. Acesso em: 09 set. 2024.

SANTOS, M. As cidadanias mutiladas. *In*: LERNER, Julio (Org.). **O preconceito**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997.

SANTOS, M. A. N. Sociabilidades e Modos de Vida em uma Vila Operária: O Caso de Camaragibe (1900-29). **Revista de História Bilros: História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)**, [S. l.], v. 6, n. 12, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/bilros/article/view/7851>. Acesso em: 03 jun. 2024.

SANTOS, R. **Maceió afunda em lágrimas!**. Maceió, 2021. Instagram: @rafaelsantos.arq. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQExSCeroMs/>. Acesso em: jan. 2025.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PROTEÇÃO AO MEIO AMBIENTE - SEMPMA. **Guia de Arborização de Maceió**. Maceió: 2008.

SGB/CPRM - Serviço Geológico do Brasil. **ESTUDOS SOBRE A INSTABILIDADE DO TERRENO NOS BAIRROS PINHEIRO, MUTANGE E BEBEDOURO, MACEIÓ (AL)**. Ação Emergencial no Bairro Pinheiro. 2019. Vol. 1. Relatório de Síntese dos Resultados. Nº 1. Disponível em: <https://rigeo.cprm.gov.br/jspui/bitstream/doc/21133/1/relatoriosintese.pdf>. Acesso em: 9 mai. 2024.

SOUZA, E. O.; ASSIS, K. R. O Afrofuturismo como Dispositivo na Construção de uma Proposta Educativa Antirracista. **Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 64–74, 2021. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/3009>. Acesso em: 26 jul. 2024.

SVAMPA, M. **As Fronteiras do Neoextrativismo na América Latina: Conflitos Socioambientais, Giro Ecoterritorial e Novas Dependências**. 1. ed. Tradução: Lígia Azevedo. [S. l.]: Elefante, 2019. 186 p. ISBN 978-8593115455.

TAVARES, P. **Memória da terra: arqueologias da ancestralidade e da despossessão do povo Xavante de Marãiwatsédé** / Paulo Tavares. – Brasília: MPF, 2020.

TELES, R C. Mineração, violações de direitos humanos e deslocamento ambiental em Maceió. In: MANSUR, M.; WANDERLEY, L. J. (Org.). **Colapso mineral em Maceió: o desastre da Braskem e o apagamento das violações**. Brasil: Comitê Nacional em Defesa dos Territórios Frente à Mineração/ Observatório dos Conflitos da Mineração no Brasil. 2023. p. 148-169.

TICIANELI, E. A Fábrica Alexandria do Bom Parto. **História de Alagoas**, 2022. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/a-fabrica-alexandria-do-bom-parto.html>. Acesso em: 10 jul. 2024.

TICIANELI, E. Bom Parto da paróquia do padre Brandão Lima e da Fábrica Alexandria. **História de Alagoas**, 2019. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/bom-parto-da-paroquia-do-padre-brandao-lima-e-da-fabrica-alexandria.html>. Acesso em: 8 jul. 2024.

TRIBUNA HOJE. Bloco do Bobo defende Carnaval de Maceió há 22 anos no sábado de Zé Pereira. **Tribuna Hoje**, 2023. Disponível em: <https://tribunahoje.com/noticias/cidades/2023/02/18/116456-bloco-do-bobo-defende-carnaval-de-maceio-ha-22-anos-no-sabado-de-ze-pereira>. Acesso em: 22 jan. 2025.

TRIBUNA INDEPENDENTE. Secretaria de Educação esclarece sobre realocação de escolas. **Tribuna Hoje**, 2023. Disponível em: https://tribunahoje.com/noticias/educacao/2023/12/16/131348-secretaria-de-educacao-esclarece-sobre-realocacao-de-escolas#google_vignette. Acesso em: 21 jan. 2025.

TSING, A. L. 2022. **O cogumelo no fim do mundo**: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Tradução de Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições. 412 p.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

VILAS BOAS, A. G. Artivismo: Arte + Política + Ativismo: sistemas híbridos em ação. 2015. 311 p. **Dissertação** (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes., 2015.

WARD, R. Estética e filosofia Hori: inovação e cultura brasileira em busca de uma nova epistemologia descolonial para um mundo pós-pandêmico. **PÓS**: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFG. v. 15, n. 33, jan. 2025. ISSN: 2238-2046. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2025.52838>. Acesso em: 07 mar. 2025

WESTWING. Planta Hera: significado espiritual, usos e cuidados. **Westwing**, 2023. Disponível em: <https://www.westwing.com.br/guiar/planta-hera/#:~:text=Com%20suas%20propriedades%20de%20proteção,utilizada%20para%20tratar%20problemas%20respiratórios>. Acesso em: 05 mar. 2025.

ZEZA DO COCO. **1ª GIRA | DOM | SHOW ZEZA DO COCO**. Festival de Artes Cênicas de Alagoas, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UxtqMypvjmo>. Acesso em: 20 jan. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A - LEVANTAMENTO DOS ARTIVISMOS NACIONAIS DE CURA URBANA

Quadro 01 - Levantamento dos artivismos nacionais de cura urbana

Título da Arte	Arte	Sobre a Arte	Contexto	Localidade	Estilo/ Técnica	Signos	Artista/ Grupo/ Coletivo	Referências
Híbrida Ancestral Guardiã Brasileira		Simboliza um percurso interior de reverência às mulheres, ao seu sangue sagrado, e aos povos originários do Brasil, reconhecendo-os e a seus descendentes como guardiões legítimos dos portais espirituais que sustentam o nosso país	Realizada em novembro de 2018, faz parte do festival de Circuito Urbano de Cultura e Arte de Belo Horizonte (CURA). A empena de 1.365 m² está na fachada do edifício Chiquito Lopes	Belo Horizonte	Graffiti/ spray e tinta sobre a parede	Elemento central: Figura feminina negra; Forma: Retas e triângulos; Cor: Vibrantes (o verde, azul e vermelho); Composição: Elementos no rosto e no pé, cobra coral atravessando um ventre e um útero do lado esquerdo	Criola , artista nascida em Belo Horizonte e formada em Moda pela UFMG, expressa em sua obra a tríade ancestralidade, espiritualidade e natureza, por meio de personagens, padronagens, cores vibrantes e grafismos de matrizes afro-brasileiras	https://arteforadomuseu.com.br/hibrida-astal-guardia-brasileira/
Selva Mãe do Rio Menino		Homenageia a resistência dos povos indígenas e a força da natureza, ressaltando a importância das florestas para a vida e a necessidade de respeitar a Terra como lar sagrado que deve ser honrada e protegida	Realizada em 2020, faz parte do festival CURA. A arte de mais 1.000m² está no meio da Av. Amazonas, na parede lateral do Edifício Levy. Além disso, é a primeira empena no Brasil a ser pintada por uma mulher indígena	Belo Horizonte	Graffiti/ spray e tinta sobre a parede	Elemento central: Figuras indígenas (mulher e criança); Forma: Orgânica com grafismos indígenas; Cor: Vibrantes (azul, amarelo e rosa); Composição: Elementos da natureza (peixes, aves, plantas e frutos)	Daiara Tukano , artista, comunicadora e ativista indígena do povo Tukano, cujo trabalho se fundamenta na pesquisa sobre a história, cultura e espiritualidade de seu povo	https://arteforadomuseu.com.br/selva-mae-do-rio-menino/ https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/daiara-tukano-celebrar-ancestralidade-e-desenhar-o-mundo
Entidades		Representa a "Cobra Grande", grande avó universal para o povo Makuxi, símbolo de sabedoria, proteção, fertilidade e conexão entre o mundo terrestre e celestial, também é associada aos rios voadores	Realizada em 2020, faz parte do festival CURA em Belo Horizonte. É uma escultura inflável de duas cobras, cada uma com 18 metros de comprimento e 1,5 metro de diâmetro, foram colocada nos arcos do Viaduto Santa Tereza	Belo Horizonte	Instalação urbana/ esculturas infláveis	Elemento central: Duas serpentes gigantes; Forma: Orgânica com grafismos indígenas; Cor: Luzes neon ao anoitecer; Composição: Posicionadas uma de frente pra outra, elas estão entrelaçadas entre os arcos da viaduto	Jaider Esbell , artista indígena Makuxi, destacou-se nas artes visuais, literatura e cinema, trazendo em sua obra a força da floresta e a cosmologia indígena	https://fcs.mg.gov.br/proposta-artistica-e-de-militancia-de-jaider-esbell/
Gira de Novo		Inspirada no círculo do cosmograma Bakongo, para levar, no espaço urbano, os ciclos do universo e do tempo, os movimentos do sol e as fases da vida humana como símbolo de recomeço	Realizada em 2021, faz parte do festival CURA em Belo Horizonte. É uma instalação urbana exposta a céu aberto na Praça Raul Soares.	Belo Horizonte	Instalação urbana	Elemento central: Erê (criança brincando no chafariz); Forma: Cosmograma (círculo com quadrantes, onde em cada, tem um erê/ em função do formato da praça); Cor: Vermelho, azul e verde; Composição: Máscaras coloridas com grandes sorrisos	Giramundo é um grupo de teatro de bonecos, sediado em Belo Horizonte, formado em 1970. Criou mais de 40 espetáculos, formando um dos maiores acervos de bonecos das Américas	https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2022/02/14/inter_na_cultura,1344567/cura-promove-o-casamento-perfeito-do-giramundo-com-a-praca-raul-soares.shtml

Título da Arte	Arte	Sobre a Arte	Contexto	Localidade	Estilo/ Técnica	Signos	Artista/ Grupo/ Coletivo	Referências
Andanças		Retrata uma menina da roça como símbolo de esperança e reconexão com a Terra como organismo vivo. A obra convida à reflexão sobre a relação com a natureza, com foco na água, e denuncia os impactos negativos da exploração ambiental, como mineração, agronegócio e desmatamento	Realizada em 2020, dentro do projeto Manifesto Urbano, de forma independente com recursos do próprio artista e da produtora cultural Valenta. Com 66m x 12m, é o primeiro mural em grande escala que o artista pintou, fica localizado no Edifício Alencastro Veiga, situado na Rua 3, no Centro de Goiânia	Goiânia	Graffiti/ spray e tinta sobre a parede	Elemento central: Figura feminina; Forma: Orgânica; Cor: Predominância de tons quentes (amarelo, laranja e marrom) sobre tons frios (roxo, verde, azul e rosa); Composição: Filtro de barro com planta na parte superior, chapéu com fitas coloridas, roupa com estampa floral e pássaros azuis sobre os olhos da menina (marca do artista)	Wes Gama , ilustrador e muralista goiano. Suas obras valorizam a preservação da natureza e a cultura dos "caipiras", inspiradas na vivência no interior e no convívio com a comunidade quilombola Kalunga, refletindo os saberes e valores desse modo de vida simples e conectado à terra	https://www.instagram.com/wesgama/
Benzedeira de Santa Tereza		A arte propõe repensar práticas para promover uma economia circular, fortalecendo a coletividade, a inclusão e o protagonismo feminino, além de incentivar a integração comunitária no bairro de Santa Tereza no Rio de Janeiro	Realizado em parceria com o Coletivo Circula Flor, o projeto envolveu oficinas e criação de murais autorais e coletivos, com foco na reativação de uma horta fitoterápica comunitária, promovendo a conexão entre arte, natureza e práticas de cura	Santa Tereza	Tintas naturais coletadas no próprio bairro de Santa Tereza	Elemento central: Figura idosa, negra e feminina; Forma: Orgânica; Cor: Terrosas (geotintas); Composição: Símbolos religiosos de cura e benza	Jhon Bermond , é um artista brasileiro que atua como muralista, ilustrador e educador. Sua produção dialoga com temas como natureza, espiritualidade, cura e memória coletiva, utilizando a arte como ferramenta de transformação social e ambiental	https://www.instagram.com/jhonbermond/
Torto Arado		A ilustração para Torto Arado traduz visualmente a força ancestral e espiritual presente na narrativa do livro. No centro da imagem, duas figuras femininas negras se entrelaçam à paisagem, simbolizando as irmãs Bibiana e Belonísia, protagonistas da história	Ilustração para o livro Torto Arado de Itamar Vieira Junior, inspirada na fotografia de Giovanni Marrozzini para a série "Nouvelle semente", de 2010	livro	Ilustração Digital	Elemento central: Duas figuras femininas negras; Forma: Orgânica; Cor: Vibrante, predominância de tons roseados e quentes que contrastam com o azul e o verde; Composição: Espada de São Jorge (representa a espada de Ogum)	Aline Bispo , é multiartista nascida em São Paulo, cuja obra explora temas como miscigenação, gênero, sincretismos religiosos e étnicos, com foco em questões afrocentradas e forte presença de elementos das religiões afro-brasileiras	https://nosmulheresdaperiferia.com.br/da-capa-de-torto-arado-ao-minhocao-conheca-a-artista-aline-bispo/
Proteção de Desejos		Pertence a série "Quando eu sonho tudo se movimenta", com o intuito de trazer uma reflexão visual sobre o direito das pessoas negras de sonhar e aspirar além dos espaços de subalternidade	A série traz apresentações de corpos negros em contextos de trabalho. A obra propõe imaginar um futuro onde, livres do racismo e do trabalho precário, pessoas negras possam sonhar e realizar seus desejos	online	Colagem têxtil/ tecidos e linhas tingidas com casca de aroeira + sementes lágrimas de nossa senhora, conchas e galho	Elemento central: Figuras feminina negra; Forma: Triangular; Cor: Terrosas; Composição: Símbolo adinkra da sankofa bordado em linha amarela	Mikaelly Raielly , artista e educadora formada pela Universidade Federal do Piauí. Traz por meio artístico a ancestralidade através de narrativas, seja da memória familiar ou de estudos sobre afrobrasilidade	https://www.geleiatotal.com.br/2021/04/30/mika/ https://inraizamika.wixsite.com/portifolio/quando-eu-sonho-tudo-se-movimenta

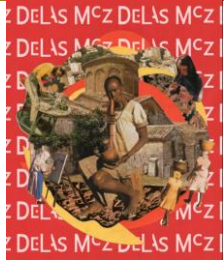
Fonte: elaboração autoral (2025).

APÊNDICE B - LEVANTAMENTO DOS ARTIVISMOS EM MACEIÓ DE CURA URBANA

Quadro 02 - Levantamento dos artivismos em Maceió de cura urbana

Título da Arte	Arte	Sobre a Arte	Contexto	Localidade	Estilo/ Técnica	Signos	Artista/ Grupo/ Coletivo	Referências
Me Curar em Mim		Ressignificação da imagem negra, historicamente marginalizada, promovendo seu protagonismo sagrado e valorizado. O objetivo é criar novas narrativas em que a dor dá lugar à metamorfose e à afirmação nos espaços urbanos	A partir da ideia "Imagens curam imagens", inspirada em Rosana Paulino, a obra faz parte da série de 3 colagens digitais, intitulada "Me Curar em Mim: As Cidades Negras"	Online	Colagem digital	Elemento central: Escrava Anastácia (releitura feita por Yhuri Cruz); Forma: Círculos, retângulos e grafismos; Cor: Amerelo, laranja, vermelho e verde em cores chapadas; Composição: Fotografias urbanas, galhos secos e textura de papel	Leandro Marques , arquiteto urbanista formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas - FAU/UFAL e mestrando pela Universidade Federal da Bahia - UFBA	https://www.behance.net/gallery/181686833/Me-Curar-em-Mim-as-Cidades-Negras
Elemento Terra		O mural homenageia os orixás Nanã, Oxumarê, Ewá e Obaluaíê, ligados à terra e à transformação, como símbolo de cura e justiça para as pessoas e territórios afetados, invocando proteção e regeneração espiritual	Criado em 2020 como resposta ao crime ambiental da Braskem, o projeto vê a cidade como um corpo adoecido e utiliza murais como forma de cura espiritual, com apoio da Lei Aldir Blanc via Governo de Alagoas	Bairro do Bebedouro	Maralismo/ geotintas	Elemento central: Orixás Nanã e Obaluaíê; Forma: Orgânica; Cor: Terrosas (pigmento natural de terra e carvão); Composição: Serpentes e uma espécie de tubérculo com raízes e caule	Contra.Quebranto é um coletivo artístico negro, composto por Larissa Santana, Nathalia Cintra (Nayô) e Lucas Cardoso	https://www.instagram.com/contra.quebranto/
Transmitir os Saberes		<i>No canal oficial do artista, não há informações ou explicações disponíveis sobre a obra em questão</i>		Bairro do Centro	Graffiti/ spray sobre a parede	Elemento central: Duas figuras masculinas de diferentes idades; Forma: Orgânica; Cor: Tons vermelhos; Composição: Cobra coral e ao meio uma planta germinando	Joe , artista plástico e muralista alagoano, trabalha com graffiti e outras técnicas artísticas	https://www.instagram.com/santos.joe/
Pana		É uma tecnologia criada por meio de um design participativo com enfoque de gênero, que incorpora saberes ancestrais e desafia visões androcêntricas, propondo metodologias feministas baseadas no cuidado	O projeto de extensão "Tecnologias para outras formas de construção" é sediado na FAU/UFAL e foi financiado de 2020 a 2022 pela Carleton University, no Canadá, por meio do edital Gendered Design in STEAM, voltado a países de baixa e média renda	Online	Ilustração digital impressa em tecido	Elemento central: Modos de usar a Pana; Forma: Orgânica e circular; Cor: Predominância de tons verdes, azuis e rosa; Composição: Círculo central com vegetação, habitações e corpos d'água ao longo de suas bordas. Três grandes árvores, de espécies distintas com raízes que se entrelaçam	Coletivo (FAU/UFAL; Batuque (empresa júnior de design da FAU/UFAL); CTEC/UFAL; NIDES/UFRJ; UFABC; FAU/USP; Moradaoras de Porto de Pedras - AL, do Quilombo Santa Rosa dos Pretos - MA, e da Serra da Misericórdia - RJ)	https://crocomila.wixsite.com/tecnologias-para-out https://12b270fd-6e06-4e23-975c-5b1d073c6f91.filesusr.com/ugd/35b336_6e39de19cbe14eae81450d1ce8d720bd.pdf

Título da Arte	Arte	Sobre a Arte	Contexto	Localidade	Estilo/ Técnica	Signos	Artista/ Grupo/ Coletivo	Referências
O Rio é uma Cobra que Nada		A todas as energias que serpenteiam nos meus sonhos e visões. Avisos para abrir caminho com a própria cabeça, intuição Kundalini (descrição do artista)		Online	Técnica mista sobre papel Paraná 100x80cm	Elemento central: Figura feminina negra; Forma: Orgânica, que remete ao movimento das águas; Cor: Roda, verde, azul e tons terrosos; Composição: Jibóia, manto azul sobre os cabelos castanhos e uma planta que se assemelha a vitória-régia	Lucas Cardoso é graduado em arquitetura e urbanismo pela UFAL, com Bacharelado Interdisciplinar em Artes pela UFBA e está finalizando uma pós-graduação em Práticas Culturais Populares na FAU - UFAL	https://www.instagram.com/ucas_cardoso/
Raízes mortas ainda dançam sobre a terra		O tema da exposição parte da investigação do corpo como matéria em relação à natureza e ao ambiente imediato, integrando elementos como espiritualidade, sonhos e arquétipos como formas de conexão	A exposição aconteceu no Complexo Cultural do Teatro Deodoro e nasceu da parceria entre os artistas, fortalecida durante a pandemia, quando passaram a compartilhar moradia e ateliê, influenciando mutuamente seus processos criativos	<u>Teatro Deodoro</u>	Esculturas, pinturas, performances e instalações, produzidas com madeira, argila, fibras naturais e pigmentos orgânicos	<i>Por se tratar de uma exposição composta por diversas obras, optei por não restringir a análise a apenas uma delas. Dessa forma, não foi viável realizar uma leitura aprofundada dos signos, considerando a diversidade de estilos e técnicas presentes no conjunto da mostra</i>	Lucas Cardoso utiliza o solo como material e inspiração poética, relacionando-o à espiritualidade, ecologia e sexualidade. Já Lyara Cavalcanti trabalha com a madeira, refletindo sobre o tempo e a matéria a partir da manipulação desse elemento	https://tribunahoje.com/noticias/roteiro-cultural/2023/12/27/131751-raizes-mortas-ainda-dancam-sobre-a-terra-esta-em-cartaz https://anoticialaagoas.com.br/2024/01/18/exposicao-raizes-mortas-ainda-dancam-sobre-a-terra-no-complexo-cultural-do-teatro-deodoro-oferece-programacao-cultural-gratuita/
O destino da semente da Terra é criar raízes entre as estrelas		No canal oficial da artista, não há informações ou explicações disponíveis sobre a obra em questão		Online	Aquarela feita de solo	Elemento central: Espécie de tubérculo com a figura humana na parte interior; Forma: Orgânica; Cor: Tons terrosos (marrom); Composição: Raízes que se entrelaçam à terra, sol ao fundo, folhas verdes crescendo acima da terra	Juliana Michaelo , arquiteta urbanista, mestra em Dinâmicas do Espaço Habitado pelo PPGAU-UFAL e doutora pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR-UFRJ. Professora da FAU/UFAL e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU/FAU/UFAL	https://www.instagram.com/p/C9sA_TIOy20/?img_index=1
Mangue		Mangue é um personagem representativo dos manguezais presentes nas paisagens da Laguna Mundaú, em Maceió-AL	A ilustração faz parte de um projeto idealizado e produzido por Rubens Santos e Catarina Novaes e conta com a participação de 17 artistas, que representaram por meio de cartas de baralhos ilustradas a diversidade cultural de Alagoas	Online	Lápis de cor sobre papel	Elemento central: Figura humana negra; Forma: Orgânica; Cor: Predominância de tons verdes; Composição: Raízes de mangue e folhagens ao fundo	Séfora Fertton , graduanda em Arquitetura e Urbanismo	https://desembarhalhaalagoas.portfoliobox.net/about-me-1 https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2018/09/02/estudantes-de-design-criam-baralho-interativo-ilustrado-com-icone-de-alagoas.ghtml

Título da Arte	Arte	Sobre a Arte	Contexto	Localidade	Estilo/ Técnica	Signos	Artista/ Grupo/ Coletivo	Referências
FANZINE: MCZ DELAS		Compilado de diversas artes	A partir de convites e de uma chamada pública feita nas redes sociais da FAU-UFAL e das pesquisadoras, foi reunido aqui no MCZ Delas diálogos com produções artísticas e/ou acadêmicas de mulheres a(r)tivistas em Maceió	Online	Fanzine digital	Por se tratar de um fanzine com diversas artes não foi viável realizar uma leitura aprofundada dos signos, considerando a diversidade de estilos e técnicas presentes no conjunto do livreto	Líris Sousa Rocha (formada em design pela FAU-UFAL) e Amanda Borges Castelo Branco de Magalhães (arquiteta urbanista pela FAU-UFAL)	https://issuu.com/mczpelasmulheres/docs/mczdelas.fina
Território		No canal oficial da artista, não há informações ou explicações disponíveis sobre a obra em questão		Online	Acrílica e colagem sobre tela 27cm x 32cm	Elemento central: Duas figuras indígenas; Forma: Orgânica, com algumas padronagens; Cor: Predominância tons rosa/vermelho, seguido de verde, azul e amarelo; Composição: Coração, plantas, serpente, pena e algumas mensagens relacionada ao território, descendência e ancestralidade	Gabriela Correia, lésbica, artista & cientista social em formação pela ufal	https://www.instagram.com/p/CM5UFq4n-0F/

Fonte: elaboração autoral (2025).